

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA
NAS PÁGINAS DOS JORNAIS *CORREIO DO POVO* E *A FEDERAÇÃO*

GIOVANI COSTA CERONI

Porto Alegre

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GIOVANI COSTA CERONI

**A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA
NAS PÁGINAS DOS JORNAIS *CORREIO DO POVO* E *A FEDERAÇÃO***

Dissertação apresentada como requisito parcial e final para a obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Sandra Maria Lubisco Brancato

Porto Alegre, março de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C416e Ceroni, Giovani Costa

A exposição do centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação / Giovani Costa Ceroni. – Porto Alegre, 2009.

162 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de História, Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dra. Sandra Maria Lubisco Brancato.

1. Rio Grande do Sul - História - Guerra dos Farrapos, 1835-1845

- Exposição. 2. Imprensa - Rio Grande do Sul - História. 3.

Correio Do Povo (Jornal). 4. A Federação (Jornal). I. Brancato,

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto

CRB 10/1204

Agradecimentos

À CAPES, cuja bolsa de pesquisa permitiu a realização do sonho de ingressar no qualificado Programa de Pós-Graduação (PPGH) da PUCRS.

À orientação da Prof.^a Dra. Sandra Maria Lubisco Brancato, pelas palavras acolhedoras e de incentivo ao longo do ano, bem como pela competência e capacidade intelectual que lhe são peculiares. Sou muito grato pela confiança e tolerância nos momentos difíceis deste percurso e, ainda, por suas contribuições imperativas, imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Aos professores do PPGH, em especial a Maria Cristina dos Santos, Luciano Aronne de Abreu, Núncia Constantino Santoro e Charles Monteiro pelas inestimáveis e relevantes contribuições em sala de aula. À professora Margaret Bakos pela oportunidade oferecida aos seus alunos em publicar um instigante livro, fruto do Seminário “Escritas de Si”, desenvolvido no primeiro semestre de 2007. Aos meus colegas do PPGH, especialmente, Arilson, Rodrigo, Julia Matos e Luis Martins.

Ao professor André Reis da Silva pelo auxílio no projeto de mestrado e nos primeiros caminhos da pesquisa ainda no Curso de Pós-Graduação das Faculdades Porto-Alegrenses. À Professora e amiga Neka Machado por suas indicações bibliográficas, críticas e oferecimento de sua biblioteca particular durante a realização desta dissertação.

À pesquisadora Marisa, pelo precioso auxílio na digitalização dos jornais no Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa. À Sandra da Câmara Godói pela revisão ortográfica destes escritos.

Aos meus companheiros da Secretaria de Educação de Charqueadas, agradeço pelo incentivo e tolerância com pequenas ausências em 2008, em especial a Rudimar Serpa de Abreu, Selma Brenner Acosta, Josiane Vieira, Carmen Becker Leites e Maria Antonieta dos Santos.

Aos alunos, colegas educadores e diretora da Escola Anita Garibaldi, de Arroio dos Ratos, pelos votos de confiança depositados, bem como pela tolerância à minha ausência nos meses em que estive licenciado para dedicar-me à escrita deste trabalho.

Aos meus amigos que, mesmo acompanhando e observando à distância, apoiaram e torceram pela conclusão desta dissertação. Aos meus pais, cujos preceitos mostraram a importância de trilhar um caminho ético, perseverante e, principalmente, de fazer do ensino e da aprendizagem uma missão de vida. A eles devo grande parte do que sou e aprendi. Aos meus amados irmãos e sobrinhos, pelo incondicional amor.

À minha companheira Caroline, que compartilhou todo o processo de escrita desta dissertação, participando dos momentos de euforia aos de ansiedade com grande afeição e paciência. Não tenho palavras para expressar a importância de sua presença neste percurso.

Por fim, este trabalho só foi possível pelos diversos tipos de incentivo, compreensão, tolerância, apoio financeiro, empréstimos e trocas de materiais, críticas e discussões empreendidos pelos diversos sujeitos citados nestes agradecimentos. Muito obrigado!

Para a maior festa que já se promoveu na capital rio-grandense, comemorando o primeiro centenário da Revolução Farroupilha, Porto Alegre está preparada em grande gala, sendo impossível descrever tudo o que se vê e se sente ante milhares e milhares de almas que aguardam a magna data de amanhã dentro da cidade engalanada e festiva. O povo e o governo estão empenhados em que os próximos dias sejam de grande vibratilidade, colaborando a população inteira para a alegria geral e o brilhantismo da magna comemoração.

(A Federação, Porto Alegre, 19 de setembro, 1935, p. 6)

RESUMO

Esta pesquisa tem como cerne analisar os principais temas e assuntos publicados em *A Federação* e no *Correio do Povo* em relação à Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, evento realizado no Parque Farroupilha, em setembro de 1935. Cercado de diferentes significados, o evento foi tratado como uma grande oportunidade de demonstração do desenvolvimento econômico, social e político do Rio Grande do Sul. Reafirmando a relevância do uso da imprensa como fonte histórica, este estudo, a partir do método de *Análise de Conteúdo*, se propõe a discutir os diferentes destaques e ênfases do que foi publicado nestes dois jornais, bem como procura identificar, nas páginas dos mesmos, as motivações de diferentes sujeitos históricos que participaram e organizaram esta Exposição.

Palavras-chave: Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha; Imprensa e História; Correio do Povo; A Federação.

ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze main headlines and texts published by the newspapers *A Federação* and *Correio do Povo* regarding the Farroupilha Revolution Centennial Exposition, event taken place in Farroupilha Park, Porto Alegre, September 1935. Surrounded by different meanings, the happening was seen as a great opportunity to show off the economic, social and political development of the state of Rio Grande do Sul at the time. Reaffirming the press's relevance as source of history through the method of *Content Analysis*, this study discusses many of the newspapers' takes on the matter and also attempts to identify, in the journalistic pages, motivations behind historical figures participating in and organizing the Exposition.

Keywords: Farroupilha Revolution Centennial Exposition; Press and History; *A Federação*; *Correio do Povo*.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 NÚMERO DE EXPOSITORES DO RS E DE OUTROS ESTADOS	78
TABELA 2 QUANTIDADE DE MATÉRIAS UTILIZADAS NA ANÁLISE	90
TABELA 3 CONOTAÇÃO DAS MATÉRIAS POR CATEGORIAS - <i>CORREIO DO POVO</i>	91
TABELA 4 CONOTAÇÃO DAS MATÉRIAS POR CATEGORIAS - <i>A FEDERAÇÃO</i>	91
TABELA 5 QUANTIDADE DE MATÉRIAS ENCONTRADAS EM SETEMBRO NO <i>CORREIO DO POVO</i>	93
TABELA 6 QUANTIDADE DE MATÉRIAS ENCONTRADAS EM SETEMBRO EM <i>A FEDERAÇÃO</i> . 93	
TABELA 7 ARTIGOS DO <i>CORREIO DO POVO</i> E <i>A FEDERAÇÃO</i> – SET 1935.....	95
TABELA 8 SUELTOS - <i>A FEDERAÇÃO</i>	96
TABELA 9 DISTRIBUIÇÃO DE MATÉRIAS POR PÁGINA - <i>CORREIO DO POVO</i>	98
TABELA 10 DISTRIBUIÇÃO DE MATÉRIAS POR PÁGINA - <i>A FEDERAÇÃO</i>	98

LISTA DE SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

ANL – Aliança Nacional Libertadora

CINFA – Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul

FARSUL – Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul

FEDERASUL – Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul

FUG – Frente Única Gaúcha

IHGRS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

PL – Partido Libertador

PRL – Partido Republicano Liberal

PRR – Partido Republicano Rio-Grandense

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE TABELAS.....	9
LISTA DE SIGLAS.....	10
INTRODUÇÃO.....	14
1 IMPRENSA E HISTÓRIA: OS JORNAIS <i>CORREIO DO POVO</i> E A <i>FEDERAÇÃO</i> NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA	22
1.1 A IMPRENSA: DE SUSPEITA A TESTEMUNHA.....	23
1.2 A FEDERAÇÃO.....	32
1.3 CORREIO DO POVO.....	40
2 A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA	53
2.1 A REVOLUÇÃO FARROUPILHA (1835-1845).....	54
2.2 O RIO GRANDE DO SUL E A DÉCADA DE 1930: DA REVOLUÇÃO À EMERGÊNCIA DO CONFLITO ENTRE GETÚLIO VARGAS E FLORES DA CUNHA (1930-1935).....	65
2.3 A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA.....	76
3 A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA EM A <i>FEDERAÇÃO</i> E <i>CORREIO DO POVO</i>.....	87
3.1 A INFRAESTRUTURA DO CERTAME DE 1935.....	99
3.2 A PARTICIPAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE CLASSES PATRONAIS NA EXPOSIÇÃO FARROUPILHA: A FARSUL E A CINFA.....	106
3.3 A VISITA DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS NA INAUGURAÇÃO DO EVENTO	116
3.4 Os ESTANDES, SEÇÕES E PAVILHÕES DA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA	122
3.5 A REPRESENTAÇÃO DE FLORES DA CUNHA NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO FARROUPILHA	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
APÊNDICE A	148
AMOSTRAGEM DE FORMULÁRIO DE CODIFICAÇÃO	148
APÊNDICE B	149
CORPUS DOCUMENTAL – A FEDERAÇÃO (AF)	149
CORPUS DOCUMENTAL – CORREIO DO POVO (CP).....	151
ANEXO A	153
FOTOGRAFIAS	153

À memória de meu avô, Luiz Carlos Costa.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha foi fruto de uma longa caminhada de pesquisa, iniciada ainda na graduação, nas disciplinas de Técnicas de Pesquisa em História. Desde o princípio das incursões pela pesquisa histórica, as escolhas de temas foram profundamente influenciadas pela minha história familiar. Cresci cercado por livros e, muito influenciado pela profissão de meu avô materno – jornalista –, passei a interessar-me pelo estudo da História, principalmente sobre a Revolução Farroupilha. Ao ingressar no Curso de História da PUCRS, novos questionamentos surgiram e tornaram-se mais instigantes.

É bem sabido que a Revolução Farroupilha reveste-se de significados para grande parte dos rio-grandenses. A cada 20 de setembro, as mais diversas cidades do Rio Grande do Sul celebram e comemoram a data com efusivas manifestações cheias de significados. Muito pesquisada pela historiografia, alguns temas da Revolução Farroupilha revestem-se de novos ou diferentes sentidos, de acordo com o posicionamento do autor dentro de um contexto ou tendência da produção historiográfica.

Dentre tantas questões, passei a me questionar sobre *como a Revolução Farroupilha foi tratada em seu centenário* e sobre *quais eram os principais temas e assuntos relacionados à história da Revolução Farroupilha*. Recorrendo à obra *Porto Alegre: Guia Histórico*¹, deparei-me com as referências ao grande evento

¹ FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

realizado no Parque Farroupilha em homenagem ao Centenário da Revolução Farroupilha. A grandiosidade do evento, de suas construções e de seus significados foi um estímulo para pesquisar sobre o Centenário Farroupilha. A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha foi um evento com marcos festivos, como pórticos, pavilhões, estátuas, obeliscos, exposições e apresentações culturais de grandes significados para a época.

A Comemoração foi realizada com efusiva suntuosidade, através de paradas cívicas, sessões solenes, visitas de delegações estrangeiras, etc., destacando-se dentre os muitos eventos de convívio e efervescência cultural, o cenário montado no antigo Campo da Redenção. Chamado anteriormente de “Várzea da Redenção”, por ser um terreno alagadiço e pouco preparado para receber visitantes, a área foi radicalmente transformada para a Exposição. A partir do Plano de Embelezamento concebido pelo francês Alfred Agache, no Campo da Redenção foram realizadas obras de aterro, escoamento pluvial, sistema de esgotos, bem como abertura e calçamento de avenidas.²

Aberta à visitação do público em 20 de setembro de 1935, a Exposição iniciava com o seu Pórtico Monumental, com duas altas torres que davam acesso à Avenida das Nações, situada no centro do certame, com seus pavilhões construídos especialmente para a mostra. Completando o cenário da Exposição, um grande lago artificial, um auditório ao ar livre e uma moderna fonte luminosa no centro da avenida. Os principais setores econômicos do Rio Grande do Sul se fizeram presente na mostra com seus Pavilhões da Agricultura, da Pecuária e – o maior pavilhão da Exposição - da Indústria, que representava o esforço em demonstrar o desenvolvimento industrial do Estado. Além dos Pavilhões do Rio Grande do Sul, vários estados brasileiros foram convidados para participar da mostra. Cada pavilhão foi construído em conformidade com as peculiaridades de cada estado.

² **Relatório sobre a Exposição Farroupilha apresentado pelo Comissário Geral Major Alberto Bins ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Gal. J. A. Flores da Cunha.** Porto Alegre: Globo, 1936, p. 11.

No grandioso prédio da Escola Normal General Flores da Cunha, sob a responsabilidade de Walter Spalding, foi montado o Pavilhão Cultural, composto por várias seções, como Pedagogia, Pintura, Arquitetura, Escultura, Música, Literatura, Fotografia e Imprensa. Outro destaque da Exposição era o Cassino, que, construído em forma de navio, notabilizou-se por oferecer bailes de gala, restaurante e salas de jogos. Um recurso muito utilizado na Exposição Farroupilha foi o uso de intensa iluminação nos pavilhões, nos passeios públicos, nos jardins, no lago e na fonte luminosa a fim de valorizar e garantir a monumentalidade do evento. Pode-se ter uma amostra da Exposição Farroupilha através das fotografias no Anexo A deste trabalho.

Entretanto, pouco restou das construções da Exposição Farroupilha para atestar a existência deste evento. Assim, surgiu o primeiro problema de pesquisa: *que fontes históricas utilizar para pesquisar a Exposição do Centenário Farrapo?* Em meio a muitas alternativas de resposta, novamente fui influenciado por minha história familiar. A influência de meu avô materno, jornalista da extinta *Folha da Tarde*, foi quase inconsciente. Escolhi recorrer à imprensa, pois, ao cessar a Exposição, a garantia de sobrevivência e permanência desse evento se deu através das páginas dos principais jornais do período.

Reafirmando a relevância da imprensa como *fonte* e *objeto* histórico, a *Revista Brasileira de História*, Órgão Oficial da Associação Nacional de História, publicou o seu último dossiê com a temática *Imprensa, impressos*.³ Nessa edição, o dossiê se propõe a divulgar algumas das muitas produções atuais que privilegiam os debates sobre a imprensa e a sociedade brasileira. Destaca-se a amplitude de temas explorados e de abordagens metodológicas apresentadas, o que nos leva a crer que o uso da imprensa como *fonte* para a História continua a ser uma prática vigorante no meio acadêmico.

³ **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, vol.28, n. 55, jan.-jul.,2008.

A seleção dos jornais para a pesquisa teve a intenção de estabelecer, propositadamente, uma situação controversa. Por um lado, utiliza-se o *Correio do Povo*, considerado o jornal de maior representatividade na década de 1930, por introduzir no Rio Grande do Sul um veículo aos moldes empresariais, que fazia questão em declarar a ausência de vínculos com qualquer partido político; por outro lado, *A Federação*, por seu caráter oficioso, constituindo-se em 1935, o Órgão Oficial do Partido Republicano Liberal.

Delimitado o problema de pesquisa desta dissertação, que se propõe, então, a analisar as matérias publicadas sobre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha em *A Federação* e *Correio do Povo*, persegue-se os seguintes questionamentos:

a) Refletindo sobre como a imprensa tem sido utilizada, bem como apontando algumas questões metodológicas em seu uso na pesquisa histórica, tenta-se responder: *quais são as potencialidades da imprensa como fonte para o historiador?*

b) Entendendo que os significados da Exposição do Centenário Farroupilha não podem ser inteiramente apreendidos sem a compreensão do contexto histórico no qual está inserido, tem-se como mote determinar: *quais os principais acontecimentos sociais, políticos e econômicos que conferiram uma feição própria ao objeto de estudo deste trabalho?*

c) A partir do que foi publicado em *A Federação* e *Correio do Povo* sobre a Exposição do Centenário Farroupilha, através da Análise de Conteúdo, pretende-se responder: *que temas e assuntos foram mais abordados nesses jornais, bem como com que ênfase?*

O período de coleta dos dados da pesquisa se deu, principalmente, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, com o trabalho de

fotografar as matérias dos jornais elencados. Constituído o *corpus documental*⁴ e norteado pelas questões da pesquisa, foi utilizado um formulário de codificação baseado no modelo proposto por Wilson Corrêa da Fonseca Júnior.⁵ Para responder aos questionamentos apontados, a metodologia elencada para o tratamento das fontes surgiu com a disciplina *Imprensa e História*, cursada no primeiro semestre de 2007, no Programa de Pós-Graduação da PUCRS.⁶ Dentre as metodologias e técnicas estudadas, a opção foi pela *Análise de Conteúdo*, por ser um método com ricas possibilidades de aplicação para “ler e interpretar o conteúdo de qualquer espécie de documento e, mais concretamente, de toda a espécie de documento escrito”.⁷ A definição de Análise de Conteúdo, fortemente influenciada por autores como Laurence Bardin, Klaus Krippendorff e Roque Moraes, será desenvolvida no Capítulo 3.

As fontes para o estudo da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha não são fartas e estão esparsas em diferentes locais de pesquisa. No Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, pode-se consultar e acessar diferentes jornais daquele período. Destaca-se que o *Correio do Povo* de setembro de 1935, em péssimas condições de conservação, encontra-se no setor de restauração. Cartas e correspondências do Comissariado da Exposição encontram-se no Arquivo Histórico Moysés Velinho. No Solar dos Câmara, podemos encontrar o Catálogo das edificações da Exposição, produzido pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS, em 1999. O Álbum Oficial da Exposição encontra-se no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo; já o Relatório da

⁴ Ver Apêndice A.

⁵ JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 296-297. Ver Apêndice B.

⁶ Disciplina ministrada pela Prof. Dra. Sandra Maria Lubisco Brancato.

⁷ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e Análise de Conteúdo. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, PUCRS, v.28, n.1, jun. 2002. p. 186.

Exposição enviado para o governador Flores da Cunha, pode ser acessado no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Além dessas fontes primárias, foram consideradas as pesquisas sobre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, podendo-se afirmar que o caráter inédito desta dissertação se dá pelo fato de o estudo do evento ser feito através do que foi publicado pela imprensa. Entre essas pesquisas podemos elencar os estudos de Nara Helena Naumann Machado⁸, que têm como objetivo vincular as ideologias regionais dominantes com a produção do espaço para a Exposição, transitando por áreas como a arquitetura e o urbanismo. Leitura básica para quem quer iniciar-se na pesquisa sobre a Exposição, a autora aborda várias questões que foram de muita valia para esta dissertação, como a organização, o plano e a realização do evento, bem como os significados e interesses das associações de classes patronais e dos governantes do Estado nesse certame.

A tese de Antônio Manoel Elíbio Júnior⁹, que aborda o governo de Flores da Cunha, entre 1930 e 1937, possui um capítulo dedicado à Exposição do Centenário Farroupilha. Através do estudo de vasta correspondência de Flores da Cunha, o autor defende que a organização das comemorações foi uma oportunidade construída por Flores para fortalecer e consolidar sua legitimidade e liderança política frente ao governo estadual.

Em recente trabalho sobre o Centenário Farroupilha, Camila Silva¹⁰ aborda, a partir de algumas narrativas jornalísticas, as relações entre a Comemoração do Centenário Farroupilha e a identidade do “gaúcho”, tema também presente no

⁸ MACHADO, Nara Helena Naumann. **A exposição do centenário farroupilha: ideologia e arquitetura.** Dissertação. Porto Alegre: Pucrs, 1990. E ainda, MACHADO, Nara Helena Naumann. **Arquitetura e Ideologia: o espaço arquitetônico do centro de Porto Alegre (1930-1945).** Tese. Porto Alegre: Pucrs, 1998.

⁹ ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. **A construção da liderança política de Flores da Cunha: governo, história e política. (1930-1937)** Tese. Campinas, SP: Unicamp, 2006.

¹⁰ SILVA, Camila. **A imprensa comemora a revolução: o centenário farroupilha na narrativa jornalística.** Monografia. Canoas, RS: UNILASALLE, 2008.

clássico *A parte e o todo*, de Ruben George Oliven,¹¹ que trata da questão da diversidade regional do Rio Grande do Sul, a partir da tensão entre a autonomia e a integração com o Brasil. Para esse autor, há uma ênfase em apontar as peculiaridades do Estado ao mesmo tempo em que se afirma seu pertencimento ao Brasil, sendo esta complexa relação um dos principais suportes da construção de uma identidade gaúcha constantemente atualizada e evocada, como nas Comemorações do Centenário Farroupilha.

Interessada em investigar a relação entre a fotografia e a cidade, a partir da análise das imagens fotográficas de Porto Alegre, veiculadas nas décadas de 1920 e 1930, a tese da Professora Zita Possamai também transita pela temática da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha.¹² Com sua abordagem específica para a pesquisa com imagens, a pesquisadora oferece um diferente olhar para o evento em questão, trazendo à tona o circuito social da fotografia na década de 1930, bem como a produção de álbuns fotográficos com imagens da cidade. Em seu primeiro capítulo, apresenta uma seção intitulada *A fotografia e a Exposição do Centenário Farroupilha*, cujas reflexões apontam para o ideal de modernidade urbana que as imagens fotográficas veiculavam e propagavam aos visitantes da Exposição.

À luz da produção bibliográfica sobre a Exposição Farroupilha, bem como pelas questões propostas anteriormente, esta dissertação divide-se em três capítulos. O primeiro discute a relação entre Imprensa e História, apresentando algumas possibilidades de uso de jornais como fonte histórica, cursando por diferentes tradições historiográficas consolidadas ao longo do tempo. Procurou-se, também, situar o leitor em relação ao perfil, características e trajetórias dos jornais utilizados nesta pesquisa (*Correio do Povo e Federação*).

¹¹ OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

¹² POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930**. Tese. Porto Alegre: UFRGS, 2005

No capítulo seguinte, busca-se contextualizar a Exposição do Centenário Farroupilha, primeiramente abordando a respeito da própria Revolução, evento que motivou tais comemorações. Intenta-se, brevemente, incorrer através dos estudos e escritas sobre a Revolução Farroupilha dos historiadores das últimas décadas, bem como entre os autores da década de 1930. Em seguida, aponta-se para o contexto histórico do período entre 1930 e 1935, discutindo questões como a Revolução de 30, a Revolução Constitucionalista de 32, a Constituição de 1934, os embates entre as tendências centralizadora do governo federal e a federalista do governo estadual, bem como o desgaste da relação entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha. A última seção do capítulo tem como objetivo mostrar aos leitores a grandiosidade e a diversidade da Exposição do Centenário Farroupilha e, também, apresentar as motivações e significados empreendidos na organização do certame.

Por fim, o terceiro capítulo analisa o que foi publicado em *A Federação e Correio do Povo* sobre a Exposição do Centenário Farroupilha. O capítulo inicia com elucidações sobre a aplicação da Análise de Conteúdo e está dividido em cinco seções: a primeira trata da infraestrutura da Exposição; a segunda refere-se à análise das matérias sobre a participação das classes patronais no evento; a terceira seção examina as matérias sobre a visita do presidente; a quarta versa sobre as matérias que se dedicaram aos pavilhões e estandes da Exposição; e a última seção discorre sobre as representações sobre o governador Flores da Cunha.

Devido à carência de estudos sobre essa temática, pois, como bem vimos, ainda são poucas as pesquisas que têm como cerne este importante evento quase apagado da história de Porto Alegre, pretende-se contribuir para as reflexões acerca desse grande evento, repleto de significados e representações para o período, que, como veremos ao longo do trabalho, vai desde a necessidade de afirmação do desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Sul, até a utilização do evento para afirmação política de Flores da Cunha como liderança política.

1 IMPRENSA E HISTÓRIA: OS JORNAIS *CORREIO DO POVO* E *A FEDERAÇÃO* NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

A Exposição do Centenário Farroupilha, de setembro de 1935 a janeiro de 1936, esteve no centro das notícias no Rio Grande do Sul, ao passo que jornais e revistas trataram de noticiar amplamente o grandioso evento realizado no, hoje denominado, Parque Farroupilha. A partir do objetivo deste estudo, entende-se que se faz necessário tecer algumas reflexões sobre o uso de jornais em pesquisas históricas, bem como situar os jornais utilizados nesta pesquisa (*Correio do Povo* e *A Federação*), definindo seu perfil, posicionamento político e seus principais agentes que produziram as notícias sobre a Exposição do Centenário Farroupilha.

A primeira seção deste capítulo traz algumas considerações sobre as potencialidades da imprensa como fonte para o historiador, analisando como ela tem sido utilizada, bem como apontando algumas questões metodológicas em seu uso na pesquisa histórica. A seguir, com o intuito de situar o leitor a respeito das especificidades, do surgimento e das principais características dos dois jornais utilizados nesta pesquisa, tenta-se reconstruir a trajetória de *A Federação* e o *Correio do Povo*.

1.1 A imprensa: de suspeita a testemunha

O uso da imprensa como fonte histórica vincula-se ao movimento da própria historiografia. Durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX, a História, associada ao ideal de busca de verdade dos fatos, através de documentos oficiais, mostrava pouca confiança na imprensa. Para retomar o acontecimento, o historiador buscava calcar seu estudo em fontes pretensamente marcadas pela objetividade, neutralidade e credibilidade, bem como temporalmente distantes de sua época. Dentro de uma hierarquia de documentos confiáveis, os jornais eram vistos como pouco adequados para a escrita da História, devido aos seus registros fragmentados marcados pelos interesses, compromissos e paixões de seus redatores. Nessa tradição historiográfica privilegiava-se a história baseada em registros oficiais, emanados pelo governo e preservados em arquivos. O preço disso foi a negligência de outros tipos de evidências, entre elas a imprensa.

Na década de 1930, o movimento da *Escola dos Annales*¹³ foi o principal crítico a essa concepção de uso de fontes exclusivamente oficiais, apontando as limitações desses tipos de documentos que, em geral, expressam apenas um ponto de vista: o oficial. Mais interessados em uma maior variedade de atividades humanas, os historiadores, sob a influência dos *Annales*, passaram a examinar uma maior variedade de evidências, vestígios e registros acerca do uso da imprensa como fonte para o historiador; somente a partir da década de 1970, no entanto, a prática historiográfica alterou-se significativamente a ponto de considerar novas fontes para a pesquisa histórica.

¹³ A *Escola dos Annales*, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929, é o movimento de renovação da historiografia que se caracteriza pela aproximação com outras ciências humanas, pela ampliação dos temas e das fontes, bem como pela inovação das abordagens da pesquisa histórica. Ver BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Fund. Ed. Unesp, 1997.

A obra *História: Novos Problemas*, de Jacques Le Goff e Pierre Nora¹⁴, lançada ao final da década de 1970, trazia contribuições metodológicas sobre a ampliação das fronteiras da História em direção a novos objetos, problemas e abordagens. A aproximação com a Sociologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Linguística, a Semiótica, entre outros campos das Ciências Humanas, alargou o campo de pesquisa dos historiadores, bem como trouxe à tona diversas pesquisas com temas antes ausentes na História, como, por exemplo, o cotidiano, as mulheres, o comportamento, as mentalidades, o inconsciente, entre outros. Cabe salientar que, à medida que essas alterações foram ocorrendo na historiografia, a concepção de documento histórico também mudou.

Paralelamente à ampliação das temáticas e abordagens da historiografia, há que se considerar, também, que a expansão dos cursos de pós-graduação em História no Brasil, a partir da década de 1970, propiciou a busca por novas fontes, já que os documentos oficiais (registros das diferentes esferas governamentais, das igrejas e cartórios) tornaram-se insuficientes para as novas perguntas do pesquisador.

Antes da proliferação dos programas e cursos de pós-graduação, os historiadores brasileiros ainda tratavam a imprensa com *suspeição* em relação ao seu uso como fonte histórica. Ainda em 1968, José Honório Rodrigues considerava a imprensa como uma importante fonte histórica, apesar de argumentar sobre sua “mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso”.¹⁵ Outro historiador desse período, autor do manual *Iniciação aos Estudos Históricos*, que inspirou a criação de cursos de introdução à disciplina histórica em várias universidades do Brasil, afirmava que os procedimentos críticos demandados pelos jornais se revestiam de complexidade desanimadora, pois “sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se em um

¹⁴ LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

¹⁵ RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil: introdução metodológica**. 3.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1968, p.198.

momento dado sobre o órgão de informação, qual o papel desempenhado pela publicidade e qual a pressão exercida pelo governo na produção das notícias”.¹⁶

Nos dois casos citados, não se questionava mais o uso dos jornais por sua falta de objetividade, mas sim se pretendia alertar para o uso ingênuo e sistemático dos periódicos como uma fonte de informações a ser selecionada, extraída e utilizada sem maiores cuidados metodológicos. Assim, por motivos diferentes, esses autores contribuíram para alimentar o receio dos historiadores em relação à imprensa.¹⁷

Ana Maria Camargo avaliou como os desafios no uso da imprensa estavam sendo enfrentados na prática. Refletindo sobre as armadilhas reservadas pela imprensa apontou que

A pouca utilização da imprensa periódica nos trabalhos de História do Brasil parece confirmar nossas suposições. Alguns, talvez, limitem seu uso por escrúpulo, já que encontram tão em evidência e abundância as “confirmações” de suas hipóteses [...] A maioria, porém, pelo desconhecimento, pela ausência de repertórios exaustivos, pela dispersão das coleções. Quando o fazem, tendem a endossar totalmente o que encontram, aproximando-se de seu objeto de conhecimento sem antes filtrá-lo através de crítica mais rigorosa.¹⁸

Mesmo apresentando um diagnóstico pouco animador, a autora, no mesmo artigo, defende com veemência as possibilidades da pesquisa histórica

¹⁶ Sobre a passagem de Jean Glénisson e sua respectiva influência na formação de historiadores na década de 1970, ver o depoimento de Emilia Viotti da Costa In: MORAES, José Geraldo Vinci. **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Ed.34, 2002, p. 72.

¹⁷ Uma autora que desenvolveu bem os motivos da falta de confiança nos jornais ao longo da metade do século XX no Brasil foi Alzira Alves de Abreu, na introdução do livro referenciado. Ver ABREU, Alzira Alves. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.8.

¹⁸ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: **Simpósio Nacional de Professores Universitários de História**. São Paulo: FFCH – USP, 1971. p. 226.

utilizando os jornais como fonte histórica. Na década de 1960, muitos pesquisadores¹⁹, como Emília Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso e Stanley Stein, já produziam trabalhos de destaque no meio acadêmico, com resultados originais sem dispensar a pesquisa em jornais, seja para obter dados de natureza econômica ou demográfica, seja para analisar diversos aspectos da sociedade e da cultura. Nesse momento, em que a imprensa passava ao estatuto de importante fonte primária, veio a público o trabalho de Nelson Werneck Sodré, que aborda a história da imprensa brasileira até os anos 1960.²⁰

Na década de 1970, a imprensa deixa o seu *status* de suspeição – cujos historiadores, em sua maioria tinham receio em sua utilização na pesquisa histórica – e passa a ser tratada inclusive como *objeto* da História. Ao lado da História *da* imprensa e *por meio da* imprensa, o próprio jornal tornou-se *objeto* da pesquisa histórica. Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado voltaram as atenções para um jornal de grande circulação e, a partir da análise de seus editoriais, evidenciaram a atuação do *Estado de São Paulo* como porta-voz dos interesses de setores da classe dominante paulista e do liberalismo diante de diferentes conjunturas, como a crise de 1929, a Revolução de 1930 e 1932 e a implantação do Estado Novo. As autoras justificaram da seguinte forma a abordagem escolhida:

Os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação. A presente pesquisa ensaia uma nova direção ao

¹⁹ STEIN, Stanley. **Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba**. São Paulo: Brasiliense, 1961; CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**. São Paulo: DIFEL, 1962; COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo: DIFEL, 1966. Não podemos deixar de citar o pioneirismo de Gilberto Freyre no uso da imprensa. Algumas décadas antes dos autores citados, Freyre, por meio de anúncios de jornais, estudou diversos aspectos da sociedade brasileira do século XIX. Ver as seguintes obras do autor: **Um engenheiro francês no Brasil**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1940; **Ingleses no Brasil**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1948; **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

²⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966.

intitular o jornal *O Estado de São Paulo* como fonte única de investigação e análise crítica. A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesse e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tornam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da racionalidade político-social na qual se insere.²¹

Ainda na década de 1970, cabe destacar a tese de doutoramento de Arnaldo Contier²² e a extensa pesquisa de Vavy Pacheco Borges²³. O primeiro, através da lingüística, estudou o vocabulário político num conjunto de jornais publicados entre o fim do Primeiro Reinado e o início da Regência, identificando a ideologia dominante num momento de acirrada disputa pelos cargos públicos no Brasil independente. A segunda autora, por intermédio dos jornais que compunham a grande imprensa paulista, investigou as relações entre Getúlio Vargas e a oligarquia do Estado, desde o momento em que o político assumiu o cargo de Deputado Federal, em 1926, até às vésperas da eleição de 1932.

Diante desse novo quadro, em que o estatuto da imprensa na pesquisa histórica amplia-se e qualifica-se, torna-se quase impossível listar os trabalhos que recorrem à imprensa desde então.²⁴ Entretanto, cabe destacar alguns aspectos

²¹ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. xix.

²² CONTIER, Arnaldo. **Imprensa e ideologia em São Paulo, 1822-1842: matizes do vocabulário político e social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

²³ BORGES, Vavy Pacheco. **Getúlio Vargas e a oligarquia paulista: História de uma esperança e de muitos desenganos através dos jornais da oligarquia, 1926-1932**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

²⁴ Para uma boa análise das pesquisas temáticas que utilizam fundamentalmente a imprensa, ver LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153. Nesse capítulo, a autora apresenta um panorama das principais pesquisas brasileiras que utilizaram como fonte ou objeto jornais e revistas, dividindo em grandes temas: trabalho, cidade e imprensa; revistas, imagens e publicidade; história e literatura; imprensa, gênero e infância; por fim, imprensa, política e censura.

metodológicos importantes na pesquisa em jornais, em um esforço de sistematizar procedimentos e análises que tornaram-se muito úteis aos pesquisadores que desenvolvem seus trabalhos a partir dessas fontes.

O primeiro aspecto refere-se à materialidade dos jornais em diferentes momentos. Há uma variedade de formatos, tipos de papel, qualidade da impressão, uso de imagens, manchetes e títulos nos jornais em diferentes épocas. As diferenças na apresentação física e estruturação do conteúdo não se esgotam em si mesmas, mas relacionam os sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação, articulando a sociedade, o tempo e o espaço no qual a fonte se insere.

Deve-se ter em vista que a grande variação na aparência resulta da interação em haver métodos disponíveis num dado momento e o lugar social ocupado pelos jornais. Luca aponta que

[...] nas páginas dos exemplares inscreve-se a própria história da indústria gráfica, dos prelos simples às velozes rotativas até a impressão eletrônica. [...] Páginas amareladas que também trazem as marcas do processo de trabalho que juntou máquinas, tintas, papel, texto e iconografia, fruto da paciente ordenação do paginador e da composição manual e caprichosa de cada linha do texto pelo tipógrafo, passando pelos ágeis operadores das linotipos e, agora, pelos meios digitais.²⁵

Desse modo, como afirma a autora, é importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade do jornal e seus suportes, que nada têm de material. Nesse caminho, historicizar a fonte requer ter em conta as condições técnicas de produção vigentes, o que se pretende abordar mais adiante.

Com o advento do século XX, novas condições sociais, econômicas, políticas e culturais passam a anunciar uma nova era para os jornais. A nascente

²⁵ LUCA, *Op. cit.*, p.132.

produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem geográfica que se construía nas cidades, os avanços nas comunicações e no letramento da população, bem como a velocidade, mobilidade e a pressa tornaram-se marcas características do modo de vida urbano. E a imprensa, lugar de produção e difusão de notícias, tomou parte ativa nesse processo de aceleração.

No século XX, os jornais se profissionalizavam, sem perder o caráter opinativo e de intervenção na vida pública. Luca afirma que

Os novos métodos de impressão permitiram expressivo aumento das tiragens, melhora da qualidade e o barateamento dos exemplares, que atingiam regiões cada vez mais distantes graças ao avanço dos sistemas de transportes, que agilizam o processo de distribuição. Aos imperativos ditados pela busca de produtividade e lucro aliava-se a intenção de oferecer aos consumidores uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada, capaz de atender aos anseios da crescente camada média urbana e dos grupos letrados.²⁶

No mesmo enfoque, podemos apontar que a estruturação e distribuição interna do conteúdo dos jornais alteraram-se. Ao lado das reportagens, somava-se as seções dedicadas a assuntos policiais, esportes, lazer, vida social e cultural, como veremos mais adiante ao abordarmos sobre *A Federação e Correio do Povo*. A expansão econômica desses jornais, ao longo do início do século XX, exigiu uma maior divisão e especialização do trabalho em repórteres, fotógrafos, articulistas, redatores, revisores, além dos operários encarregados da impressão propriamente dita.

Assim, em síntese, os principais aspectos destacados até aqui enfatizaram a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores, sua aparência física, estruturação e divisão do conteúdo dos jornais. Tais aspectos,

²⁶ LUCA, *Op. cit.*, p.138.

que se relacionam aos contextos socioculturais específicos de cada jornal, nos levam a afirmar que as notícias divulgadas por eles não podem ser dissociadas do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa. Nessa perspectiva, as fontes escolhidas para este trabalho foram analisadas dentro de uma série temporal – o mês de setembro –, uma vez que a notícia não se constitui em um objeto único e isolado.

Na pesquisa empreendida com *A Federação e Correio do Povo*, o que se levou em conta inicialmente foi o *que* se tornou notícia na Exposição do Centenário Farroupilha, o que por si só já abarca uma série de questões, pois se faz necessário dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a algum evento em detrimento de outro. Em um segundo momento, é necessário atentar para o destaque conferido ao acontecimento. Nesse sentido, deve-se atentar, também, para a *conotação*, a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo, pois estas não se dissociam do objetivo que o jornal pretende atingir. Essas questões serão desenvolvidas ao longo do terceiro capítulo.

Outros aspectos importantes podem ser postos. A importância de se identificar o grupo responsável pela linha editorial, seus colaboradores mais assíduos, a escolha do título e dos textos mais pragmáticos dão conta de intenções e expectativas, fornecendo pistas a respeito da leitura do tempo vivido por seus atores. Sirinelli observou que “uma revista é antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro de sociabilidade”²⁷, e podemos estender essa observação aos jornais, pois estes são, muitas vezes, obras solitárias, mas que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir pela palavra escrita.

²⁷ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 249.

A escolha por *A Federação e Correio do Povo* implica em situações diversas. Se, por um lado, ambos os jornais divulgaram a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, por outro, não podemos desconsiderar o fato de os dois jornais possuírem uma natureza distinta, pois, enquanto o primeiro é um órgão oficial do Partido Republicano Liberal, o segundo é um jornal aos moldes empresariais, que fazia questão em declarar a ausência de vínculos com qualquer partido político. Esses dois jornais são característicos de duas tendências ou fases do jornalismo, que conviveram no início do século XX até a extinção dos órgãos político-partidários pelo Estado Novo, em 1937.

Segundo Rüdiger, o jornalismo gaúcho passou por duas fases ou tendências: a político-partidária, dominante desde a sua formação, no século XIX, até a década de 1930; e a informativa moderna, dominada pelos conceitos de jornalismo informativo e indústria cultural, cuja aparição, no Rio Grande do Sul, deu-se com a criação do *Correio do Povo*, uma das primeiras empresas jornalísticas.²⁸

A Federação, analisada a seguir, configura-se, nesse período, um porta-voz do governo e das classes dominantes do Estado gaúcho. De início, percebemos que esse jornal utiliza as Comemorações do Centenário Farroupilha para afirmar a importância do Rio Grande do Sul em um período de crise econômica, bem como valorizar o governador do Rio Grande do Sul em um momento de conflito entre as idéias federalistas de Flores da Cunha e o centralismo crescente de Getúlio Vargas, que culminará com a implementação do Estado Novo, em 1937. Para tanto, julga-se necessário analisar, brevemente, a imprensa partidária em questão, que representa o pensamento político-ideológico das classes dominantes e do Partido Republicano Liberal.

²⁸ RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da URGs, 2003, p.24. O autor aponta ainda que as duas tendências conviveram e competiram; assim, a passagem de uma tendência para a outra durou várias décadas e é apenas um artifício didático.

1.2 A Federação

A *Federação* foi idealizada por um grupo, que se reuniu em um congresso do Partido Republicano Rio-Grandense na Faculdade de Direito de São Paulo, em fins de 1883. Inspirado no ideal farroupilha,²⁹ o grupo era formado por Júlio de Castilhos, Ramiro Barcellos, Ernesto Alves Barros Cassal, Borges de Medeiros, Fernando Abott, Carlos Barbosa, Germano Hasslocher, Venâncio Aires e Joaquim Francisco de Assis Brasil. Venâncio Aires foi o primeiro diretor, e a Júlio de Castilhos coube a redação do periódico, que circulava com quatro folhas impressas em oficinas próprias instaladas em vários endereços da Rua dos Andradas.

O primeiro exemplar circulou em 1º de janeiro de 1884 e trazia como características o seu formato grande composto por quatro páginas. Apesar de raramente recorrer a ilustrações, manchetes e títulos principais, bem como de apresentar uma linguagem laudatória aos correligionários e agressiva aos seus concorrentes ou adversários, *A Federação* iniciou uma nova fase no jornalismo rio-grandense: foi o primeiro jornal a publicar anúncios comerciais ilustrados, foi o pioneiro a priorizar a seleção de notícias de interesse público, abolindo o estilo literário, tão usado nos jornais da época.³⁰

A Federação apresentava-se como um espaço para a defesa das ideias do Partido Republicano Rio-Grandense em um contexto de expansão econômica

²⁹ O programa inicial do jornal *A Federação* defendia a implementação de uma república federativa no Brasil, o fim da monarquia e a emancipação do trabalho servil. Cf. DILLENBURG, Sérgio. **Quatro publicações marcantes do jornalismo rio-grandense**. Nova Petrópolis: Amstad, [1966?] p.11.

³⁰ *Ibid.*, p.12.

no Estado, devido à implantação de linhas telegráficas e ferroviárias, pela recente chegada dos imigrantes italianos e o conseqüente aumento da fabricação de vinhos, calçados, artefatos de couro, pela extração de carvão e pelo preparo do charque. No plano político, os dois maiores partidos que polarizavam os debates eram o Partido Liberal e o Republicano.

Elaborado por Antão de Faria, Assis Brasil e Júlio de Castilhos, o programa do jornal, publicado no primeiro número, visava “discutir e sustentar a legitimidade e oportunidade do sistema de governo republicano no Brasil”. Ainda argumentava que a “linguagem da folha será invariavelmente moderada e cortês, instruindo e persuadindo, tratando os adversários ou a quem quer que seja com delicadeza e cavalheirismo”. Entretanto, conforme Dillenburg, o jornal não poupava os adversários de severas críticas, principalmente dirigidas ao *Correio do Povo*, *A Reforma* e *O Estado do Rio Grande*.³¹

A Federação e sua trajetória está profundamente associada com a figura de Júlio de Castilhos. Com apenas 23 anos, Júlio de Castilhos revelou-se como o principal jornalista do jornal. Seus artigos eram objetivos e implacáveis com seus adversários. Muitos de seus artigos contra a monarquia, a favor das idéias republicanas e da campanha abolicionista são considerados memoráveis. Segundo Dillenburg,

Certa ocasião, aproveitando a vinda do Conde D’Eu e da princesa Isabel a Porto Alegre, Júlio de Castilhos lançou pelo jornal violento manifesto à Monarquia, provocando intensa repercussão nacional. Outro combate foi travado com Carlos Von Kosertitz, outro jornalista brilhante, que apoiava o sistema monárquico. Maior e mais prolongada desavença travou, também pelas páginas da *A Federação*, contra o poderoso chefe do Partido Liberal, Gaspar da Silveira Martins, acirrando ódios e dividindo a opinião pública rio-grandense.³²

³¹ Ibid., p. 13.

³² Ibid., p. 14.

Outros historiadores também apontam para a relação indissolúvel entre *A Federação* e a figura de Júlio de Castilhos, apontando para os seus inúmeros artigos de enfrentamento partidário, antes de ocupar a presidência do Estado, nas primeiras eleições do período republicano.³³ Na primeira década do século XX, *A Federação* teve em Pinheiro Machado uma de suas principais fontes, como gerador de notícias ou como liderança a ser defendida em casos de ataque pela imprensa liberal. Conforme Duarte, por volta de 1915, Pinheiro Machado era tratado nos textos de *A Federação* como “nosso amigo, o senador”, reverência dividida, então, com outros próceres do PRR, como o seu ‘chefe’ estadual, Borges de Medeiros.³⁴

É consenso entre os historiadores que pesquisaram sobre *A Federação* que, a partir da proclamação da República, o jornal deixa de atuar como veículo oposicionista e passa a atuar como defensor do regime e oficioso do PRR. Importante esclarecer que *A Federação*, no período em estudo (setembro de 1935), é um órgão oficial do Partido Republicano Liberal. O jornal, que após quase meio século de lealdade ao Partido Republicano Rio-Grandense, servindo com fidelidade aos governos de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, tornou-se, a partir de novembro de 1932, órgão do Partido Republicano Liberal sob a chefia do interventor Flores da Cunha. Meses mais tarde, em 12 de janeiro de 1933, *A Federação* passa legalmente a publicar atos, resoluções, leis, decretos e demais temas de interesse do Executivo. Nesse período, passou a ostentar, em seu cabeçalho, a expressão “Diário Oficial do Governo do Estado do Rio Grande do Sul”. Entretanto, continuou desempenhando, ao mesmo tempo, a função de jornal do partido (PRL).

³³ Para outros autores que apontam para a relação indissolúvel entre *A Federação* e Júlio de Castilhos, ver BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990; RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da URG, 2003; SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

³⁴ DUARTE, Luiz Antônio Farias. **Imprensa e poder no Brasil – 1901-1915: estudo da construção do personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS)**. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p.62.

A partir de junho de 1935, com o lançamento de um *Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul*, *A Federação*, sob a chefia de Celestino Prunes, retomou sua condição de jornal partidário, ostentando a frase “Órgão do Partido Republicano Liberal”.³⁵ No editorial de sua próxima edição, após a volta à sua condição de jornal partidário, percebe-se a retomada da defesa do PRL.

Órgão partidário que tem sido esta folha, com uma tradição profundamente ligada à própria evolução política do Rio Grande do Sul em 52 anos de vida ativa, fecunda, criadora, é com ânimo forte dos passados embates que *A Federação* vê surgir esta nova fase de sua vida, para a defesa dos ideais e dos princípios de um grande partido político.³⁶

A partir de então, *A Federação* apresentava uma feição de jornal moderno para época, associando as notícias partidárias com o noticiário de interesse geral, o que significava incluir assuntos esportivos, principalmente a realização do campeonato farroupilha, que envolveu as principais equipes de futebol da cidade (São José, Grêmio, Força e Luz, Porto Alegre e Internacional). Os eventos culturais passaram a receber um maior espaço, privilegiando o teatro, o cinema, o rádio e o circo. Em geral, os eventos culturais eram antecidos por manchetes e acompanhados por fotografias.

Em geral, o periódico organizava suas matérias de divulgação com a seguinte estruturação: a primeira página trazia as notícias de destaque da conjuntura política regional e nacional, incluindo, de forma sistemática, uma coluna que representava o pensamento político-ideológico do Partido Republicano Liberal. Esta página também era utilizada, em períodos eleitorais ou em períodos como o das Comemorações do Centenário Farroupilha, para propaganda e exaltação da figura política de Flores da Cunha e de sua obra governamental. A

³⁵ JUNGSMANN, Cristina. Os republicanos liberais e a nova fase de *A Federação*. In: TRINDADE, Héliogio. **Revolução de 30: partidos e imprensa partidária no RS (1928-1937)**. Porto Alegre: L&PM, 1980, p.393.

³⁶ **A Federação**, Porto Alegre, 1º/jun/1935, p.1.

primeira página também abrigava notícias sobre a conjuntura internacional. As páginas internas apresentavam, geralmente, notícias econômicas e algumas colunas especializadas, tais como: vida social, necrologia, sessão judiciária, sessão católica, edital, teatro e cinema e desportos.

A *Federação*, em 1935, mesmo oferecendo maiores espaços para as questões culturais, sociais e desportivas da cidade, não deixa de lado seu posicionamento político e se ocupa constantemente em evidenciar os princípios que norteiam o PRL, numa tentativa de deixar claro aos seus leitores a coerência dos mesmos. Os princípios básicos do PRL estão explícitos no programa partidário, que tem como plataforma a conciliação de classes sociais, constituindo-se no fundamento ideológico para a manutenção do poder regional. Tem ainda, como princípio, a defesa de preceitos institucionais, tais como a forma republicana e federativa, o sistema representativo, a divisão, harmonia e independência dos poderes, através do qual procurou legitimar-se enquanto poder, nos momentos de crises institucionais, como a de 1932, por exemplo.³⁷

Segundo *A Federação*, o PRL representa a síntese da melhor tradição política do Rio Grande do Sul, pois é

[...] um partido de idéias concretas, sem ideologias exóticas, que vê as coisas como elas são, para fazê-las como devem ser, inspirado por homens de ação, práticos, que forjaram seu temperamento nos embates cotidianos da vida pública, como por exemplo, o Sr. Flores da Cunha.³⁸

A partir dessas premissas o PRL, através de sua imprensa partidária, se define como um partido extremamente pragmático e equilibrado, consciente de ser um partido situacionista que dispõe de inúmeros meios para efetivar seus propósitos. Outra característica evidencia-se também em vários artigos dos

³⁷ JUNGSMANN, *op. cit.*, p.394.

³⁸ As oposições descansam. **A Federação**, Porto Alegre, 14/set./1935, p.1.

referidos jornais: a lealdade que os membros do PRL expressam publicamente para com o chefe do governo estadual, que demonstra a posição de mando do PRL no poder regional, posição esta permanentemente exaltada.

O jornal valoriza o papel de Flores da Cunha como líder partidário na incorporação de novos membros ao PRL, justificando tais adesões

[...] ao fato de não ser o nosso partido [PRL] apenas uma luminosa realidade ideológica, mas uma grande força realizadora que o General Flores da Cunha está dirigindo para o bem da comunidade gaúcha. A demonstração mais viva dessa força é o próprio governo, fecundo de grandes realizações, rico de serviços inalienáveis prestados ao Rio Grande, do nosso eminente chefe.³⁹

A *Federação* considera a figura de Flores da Cunha como intocável. Isso pode ser observado em diversos artigos, mas especialmente quando se refere à obra de desenvolvimento social e econômico realizada pelo governo de Flores da Cunha. O jornal atribui o êxito de tal desenvolvimento à atuação de Flores da Cunha na execução de grandes obras, através da capacidade de conciliação de que este dispõe em relação aos diversos setores sociais.⁴⁰

A realização social e econômica de Flores da Cunha mais louvável por *A Federação*, no ano de 1935, fora justamente as Comemorações do Centenário Farroupilha na capital gaúcha. A começar pela remodelação urbana⁴¹ de Porto Alegre para abrigar a Exposição do Centenário Farroupilha, inspirada no Plano Agache⁴², que previa obras modernas para transformação da várzea da

³⁹ As novas adesões ao nosso glorioso partido. **A Federação**, Porto Alegre, 2/jun/1934, p.1.

⁴⁰ JUNGSMANN, *op. cit.*, p. 395.

⁴¹ Sobre as transformações do espaço público de Porto Alegre, ver: MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, Coleção História 4.

⁴² Alfred Agache, urbanista francês, fundador da Sociedade Francesa dos Urbanistas, em 1912, autor de vários planos de melhorias urbanas de várias cidades brasileiras. Ver: REZENDE, Vera. **Planejamento urbano e ideologia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982, p.40; MACHADO, *op. cit.*, p.178.

Redenção, através de drenagens, nivelamentos e ajardinamentos, que acarretava em grandes vantagens econômicas e sociais para a população de Porto Alegre.⁴³

A *Federação*, entretanto, teve sua trajetória abreviada devido a vários pressupostos. Primeiro, a forte crise econômica, após a Primeira Guerra Mundial, encareceu os materiais necessários para a imprensa, como os insumos de tinta e papel, que chegaram a aumentar 100% durante o conflito. Soma-se a isso a política nacional de valorização do café, que provocou desvalorização da moeda, gerando um processo inflacionário que provocou retração no consumo e encarecimento da produção do jornal. A *Federação*, por exemplo, passou de 12 mil exemplares vendidos no ano de 1920 para 5 mil exemplares, em 1930.⁴⁴

Outro fator determinante para a crise do jornal foi a mudança nas próprias condições culturais da época. Sobre essa questão, Rüdiger aponta que

A progressiva ascensão das camadas médias teve correspondência na formação de novas expectativas culturais, com as quais o jornalismo político-partidário não era condizente. O público estava se diversificando, colocando demandas por padrões gráficos e editoriais às quais ela [a imprensa partidária] não estava habilitada a responder.⁴⁵

Isso explica a mudança ocorrida na seleção de notícias por volta de 1935, em *A Federação*, onde ampliou-se as notícias referentes à vida cultural, social e desportiva que eram vividas na cidade. Esse nítido esforço do jornal era uma tentativa de acompanhar as novas condições sociais a partir da década de 1930, que mostrava um novo quadro de complexidade social e afirmação de diversas

⁴³ A Exposição Farroupilha. **A Federação**, Porto Alegre, 24/ago/1935, p.1.

⁴⁴ RÜDIGER, *op. cit.*, p. 54. Ainda sobre o encarecimento da produção nos jornais, o *Correio do Povo* estima que o custo de produção subiu 400% entre 1914 e 1922. Ver **Correio do Povo**, Porto Alegre, 26/04/1923, p.3.

⁴⁵ RÜDIGER, *op. cit.*, p. 55.

camadas médias urbanas (burocratas, profissionais liberais, pequenos empresários).

As divergências políticas no Partido Republicano também contribuíram para a crise do jornal. *A Federação* perdeu muito de seu significado como imprensa político-partidária com a conciliação entre a classe dominante às vésperas da Revolução de 1930. Nos anos 1930, muitos periódicos político-partidários acentuaram sua decadência. Conforme Rüdiger,

Durante a Revolução de 1932, a imprensa libertadora, a grande remanescente do período anterior, foi desarticulada através do fechamento policial de vários jornais, entre os quais o próprio *Estado do Rio Grande*. Nessa época, aliás, ressurgiram as violências contra os jornais, como mostra o empastelamento d'O *Libertador*, de Pelotas, em 1934.⁴⁶

Em 1937, o Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas, impôs a extinção de diversos partidos políticos e decretou o fechamento de diversos jornais, entre eles *A Federação*.⁴⁷ Os jornais sobreviventes procuraram adotar uma linha noticiosa ou então adotando uma postura de defesa do Estado Novo, como se verificou na maioria dos casos. As condições históricas de manutenção de um jornal político-partidário foram suprimidas por completo com o advento do Estado Novo.

Contudo, há que se considerar que um dos aspectos mais importantes para a decadência do jornal *A Federação* era a concorrência estabelecida com o *Correio do Povo*. Se, por um lado, desde 1912, *A Federação* não tinha mais o seu similar oposicionista – o jornal *A Reforma* –, por outro, enfrentava a disputa com um diário em ascensão que se dizia afastado de posicionamentos políticos. Desde

⁴⁶ RÜDIGER, *Op. cit.*, p. 56.

⁴⁷ Com o advento do Estado Novo, outros jornais importantes no Rio Grande do Sul foram fechados: *O Estado do Rio Grande*, *O Libertador*, *O Diário Liberal* e *Echo do Sul*. *O Diário Popular*, de Pelotas, outro importante jornal criado pelo PRR, em 1890, optou por continuar existindo como um veículo noticioso, sendo hoje o mais antigo diário em circulação no Rio Grande do Sul.

meados da década de 1910, *A Federação* combatia o jornalismo noticioso defendido pelo *Correio do Povo*, conforme se pode constatar em um editorial publicado em 1917:

Não é com a facilidade de formular juízos sobre eventos ocasionais, não é com a plasticidade do estilo e volubilidade de conceitos, não é com o automatismo da linguagem desatada dos pensamentos criteriosos, não é com a vaga das opiniões descoordenadas, não é com a fraseologia dos numerosos verbomanos que se acotovelam nas salas de redações do jornalismo industrial moderno, atravancando a vida social, que se fez a grandeza da missão jornalística da *Federação*.⁴⁸

As declarações e os termos pejorativos associados ao estilo noticioso do *Correio do Povo* demonstram a preocupação em combater o crescimento desse diário entre a população rio-grandense. Entretanto, esse novo regime jornalístico, estruturado em bases empresariais, que se consolidou a partir da década de 1930, fez com que *A Federação* perdesse muito de seu espaço social. Nessa década, principalmente, a imprensa político-partidária foi superada pelo jornal que se definia como um veículo imparcial, responsável pela divulgação dos acontecimentos diários, sem compromissos partidários. A seguir, trataremos do surgimento, ascensão e características do *Correio do Povo*, diário que é considerado a vanguarda do jornalismo moderno, aos moldes de uma organização empresarial, que respondia às novas demandas de seu tempo.

1.3 Correio do Povo

⁴⁸ *A Federação*, Porto Alegre, 1º/jan/1917, p.1.

Esta pesquisa considera também as notícias sobre a Exposição do Centenário Farroupilha, a partir do principal concorrente do período à *Federação*: o *Correio do Povo*. Neste momento do capítulo, tem-se como objetivo situar o leitor sobre o surgimento, ascensão e sobre as principais características e peculiaridades desse jornal no período em questão. Para tanto, faz-se necessário tecer um rápido histórico do *Correio do Povo*.

O *Correio do Povo* é um jornal centenário muito utilizado por pesquisadores. Fundado por Francisco Antonio Vieira Caldas Júnior, em fins do século XIX, o jornal inaugurou no Rio Grande do Sul o jornalismo em regime empresarial. Opondo-se à imprensa partidária, Caldas Júnior apresentava o jornal como um órgão independente de facções políticas e ideias partidárias. Caldas Júnior, na primeira edição do *Correio do Povo*, aponta que o jornal

[...] será uma folha essencialmente popular, pugnando pelas boas causas e proporcionando aos seus leitores informações detalhadas sobre tudo quanto vá diariamente ocorrendo no desenvolvimento do nosso meio social e nos domínios da alta administração publica do Estado e do país. [...] Este jornal vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos de uma única facção.⁴⁹

O *Correio do Povo* desde sua fundação manteve o discurso de ser um jornal essencialmente informativo, narrativo e compromissado com a “verdade”. Conforme Rüdiger, o regime empresarial dessa linha noticiosa era o principal segredo do *Correio do Povo*, pois, para esse autor, “Caldas Júnior descobriu que o caráter político do jornalismo não precisava ser explícito” e que havia espaço para outro tipo de veículo no mercado de jornais, dominado pela imprensa partidária.

De fato, na década de 1930, podemos notar o processo de consolidação do jornalismo sob regime empresarial em detrimento ao processo de decadência das folhas político-partidárias. Nesse período, com as modificações decorrentes

⁴⁹ RÜDIGER, *op. cit.*, p.77.

da industrialização, floresceram as empresas jornalísticas, que passaram a lucrar mais comercializando seus produtos típicos, como o espaço publicitário e os exemplares avulsos. Sobrepondo-se ao jornalismo político-partidário, no jornalismo informativo moderno, os fatos são expostos no jornal de uma forma mais distante das paixões políticas. Mas é importante atentar que, mesmo não expondo uma defesa político-partidária, o jornalismo moderno não perdeu seu caráter político. O *Correio do Povo*, por exemplo, não perdeu o aspecto político: defendia uma imparcialidade partidária e a autonomia frente ao campo político, mas sem perder a ação política. Há, sim, uma mudança de formato onde a nova empresa jornalística se aproxima mais de uma agência política.⁵⁰

O contexto histórico após a Revolução de 1930 foi responsável por esse tipo de jornalismo, cujo caráter político, nas palavras de Rüdiger, “foi se dissimulando ainda mais, traduzindo-se em políticas ‘noticiosas’ extremamente sutis, mas eficazes no processo de modelagem da opinião pública”.⁵¹ Cabe ao pesquisador tomar alguns cuidados com essa situação, pois, mesmo em noticiários ou editoriais pretensiosamente neutros, sempre existe uma tomada de posição, uma escolha por uma ou outra palavra, um ou outro termo que dá a marca de quem o escreveu.

Assim, o pesquisador deve estar atento ao discurso de imparcialidade e de veracidade, acima de posturas ideológicas, assumido pelo *Correio do Povo*, que surgiu em 1895, com a pretensão de ser um jornal sem vínculos partidários e não comprometido com a política, apenas com a causa pública. Ao longo de sua trajetória, o jornal pautou sua atividade fundada nessas premissas, tanto que se tornou senso comum entre os leitores do *Correio do Povo* a máxima “se deu no Correio, é verdade!”⁵² Muitos autores procuraram explicar a construção dessa

⁵⁰ RÜDIGER, *op. cit.*, p. 64.

⁵¹ *Ibid.*, p. 65.

⁵² Sobre a construção dessa ideia de credibilidade do *Correio do Povo*, ver GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995; DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Correio do Povo: história e memórias**. Passo Fundo: EDIUPF,

máxima associada ao *Correio do Povo*. Sobre a cobertura da posse de Flores da Cunha, em 1935, Galvani aponta que “em abril daquele ano o jornal tivera mais uma oportunidade de mostrar sua imparcialidade, apresentando uma bonita cobertura da posse de Flores da Cunha”.⁵³ Para o mesmo autor, que desenvolveu as atividades de repórter, redator, chefe de reportagem, secretário de redação e diretor no jornal, o *Correio do Povo*

Aos poucos solidificou-se empresarialmente, tornando-se, ao mesmo tempo, pela forte contribuição cultural, desde os primeiros tempos, num dos símbolos do Rio Grande, testemunhando as primeiras mudanças ocorridas desde o final do século XIX até hoje.⁵⁴

Para Galvani, Dillenburg e Machado, o *Correio do Povo* além de ser sinônimo de informação boa e de qualidade, tinha leitores assíduos que, durante décadas, acreditavam na expressão “se deu no *Correio*, é verdade” com uma confiança inabalável.⁵⁵ Segundo esses autores, principalmente Galvani, a credibilidade do jornal deve-se muito à postura do jornal como uma empresa responsável por testemunhar as mudanças e acontecimentos na sociedade. De tal modo, o *Correio*, para o autor, era

Contemporâneo da maioria das invenções modernas que hoje facilitam ou banalizam a vida cotidiana, registrou o aparecimento do cinema, do avião, da fabricação em série dos automóveis, ônibus, caminhões, tratores, do dirigível, da dinamite, da bomba atômica, dos foguetes espaciais, da penicilina, do rádio e da televisão.⁵⁶

1997; CALDAS, Breno; MACHADO, José Antonio Pinheiro. **Meio século de Correio do Povo: glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

⁵³ GALVANI, *op. cit.*, p. 318.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 534.

⁵⁵ DILLENBURG, *op. cit.*, p. 9; MACHADO, *Op. cit.*, p. 19; GALVANI, *Op. cit.*, p. 535.

⁵⁶ GALVANI, *Op. cit.*, p. 535.

Em um depoimento ao jornalista José Antonio Pinheiro Machado, Breno Caldas, ex-proprietário e diretor do *Correio do Povo*, relembra a situação do jornal em relação aos seus concorrentes, durante a Primeira Guerra Mundial

É, o *Correio* ficou sozinho. Durante muito tempo, o *Correio* foi praticamente o único grande jornal do Rio Grande do Sul. Essa situação permaneceu por anos. O *Correio* era sinônimo de “jornal” numa certa época. Tem um fato da minha adolescência que, para mim, é inesquecível e muito ilustrativo disso. Um colega dos tempos do Colégio Anchieta me contava um filme do Carlitos que tinha visto no cinema e, numa parte em que o Carlitos abria um jornal, o meu colega contou: “Então ele sentou e abriu o *Correio do Povo*...” Fora o *Correio*, naquele tempo, tinha só a *Federação*, que era um jornal do governo. O *Correio* tinha uma posição independente, quase oposicionista, pouco favorável ao governo, embora reconhecendo algumas ações meritórias, era crítico...Era o “Róseo”.⁵⁷

Outro exemplo, sobre a credibilidade do *Correio*, muito citado pelos pesquisadores, é a notícia sobre a morte do Papa Pio XII. Segundo Galvani, na data de 8 de outubro de 1958, o *Diário de Notícias* veiculou uma grande manchete sobre a morte do Papa, enquanto o *Correio do Povo* publicava apenas que o estado do papa se agravava. A população comparou os jornais e, a partir da credibilidade do *Correio do Povo*, muitos esperaram a divulgação no *Correio* para tomar a notícia como verdade.⁵⁸

Galvani rememora, ainda sobre o caso da morte do Papa Pio XII, o episódio com o jornalista Ernesto Correa, do *Diário de Notícias*, responsável pela divulgação, em primeira mão, da notícia do falecimento do pontífice. Segundo este autor, o jornalista foi fazer a barba no barbeiro, na Rua da Praia, e puxou conversa

⁵⁷ MACHADO, *op. cit.*, p.19-20.

⁵⁸ Ver KARAWEJCZYK, Mônica. **O voto da costela: o sufrágio feminino nas páginas do Correio do Povo (1930-1934)**. Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 2007, p. 100; E ainda, GALVANI, *op.cit.*, p. 396-403.

sobre o assunto, mas teve a seguinte resposta do barbeiro: “é... o *Diário* vem com essa aí. O *Correio* não. Vamos esperar o *Correio* de amanhã para ver se é mesmo verdade!”⁵⁹

Breno Caldas insere novos elementos nesse fato contado por Galvani. Para aquele, mais importante que o fato de o *Diário de Notícias* divulgar em primeira mão uma notícia, era a credibilidade que o *Correio do Povo* conquistou em sua trajetória. Na sua versão sobre o fato, o *Correio* era o veículo de notícias mais confiável do momento, conforme podemos perceber na citação abaixo:

Foi a oportunidade de constatar o nosso prestígio: o telefone da redação não parou durante o dia inteiro, muitas pessoas, duvidando da manchete do Diário, queriam saber porque o Correio do Povo não tinha noticiado. A surpresa maior viria quando o então arcebispo metropolitano, Dom João Becker, me procurou para uma confirmação: como o Correio não deu a notícia, ele estava hesitante em declarar luto oficial... Aí eu disse ao arcebispo: “Pode declarar o luto, Dom João. O papa morreu mesmo”.⁶⁰

Nota-se, pela argumentação acima, a importância e o alcance que o *Correio do Povo* obteve junto à sociedade rio-grandense por autores muito engajados com o desenvolvimento e a trajetória da própria Empresa Caldas Júnior. Cabe ressaltar que os três principais autores que buscaram afirmar a credibilidade do *Correio* têm alguma ligação com o próprio jornal.⁶¹ Convém reafirmar que a escolha pelo *Correio do Povo* nesta pesquisa não se dá, apenas, pela ideia de credibilidade, imparcialidade ou compromisso com a verdade. Como representante de sua época, o *Correio* está condicionado às imposições da sociedade, tentando representar as notícias, através de uma postura moderna com características

⁵⁹ GALVANI, *op.cit.*, p. 402.

⁶⁰ MACHADO, *Op. cit.* p.20

⁶¹ Sérgio Dillenburg trabalhou no *Correio do Povo*, na UFRGS, na rádio FM Cultura e na TV Educativa de Porto Alegre; José A. Pinheiro Machado trabalhou na Empresa Caldas Júnior entre 1969 e 1975; Walter Galvani ingressou na Caldas Júnior em 1955, onde desenvolveu as atividades de repórter, redator, chefe de reportagem, secretário de redação e diretor.

empresariais, sem grandes parcialidades políticas explícitas. Assim, mesmo buscando a imparcialidade, o *Correio* apresenta suas contradições. Conforme Ana Maria Camargo,

Tomando como fonte esse tipo de documento, teremos sempre uma visão parcial e subjetiva da realidade, distorção provocada não só pela proximidade dos homens com os fatos que apareciam no dia-a-dia, mas também, e principalmente, por seu comprometimento com as coisas. É preciso não esquecer, porém, que a realidade inclui o que se pensa sobre ela.⁶²

A autora chama a atenção, ainda, para o perigo que esse tipo de fonte (que se diz imparcial e confiável) pode representar ao pesquisador:

Se admitirmos que a problemática não se reduz à busca da veracidade das informações, pode-se ir mais longe; o jornal é um documento a ser usado com o máximo de cuidado; os perigos de distorção (comuns, aliás, a todos os textos – onde geralmente se encontra aquilo que procuramos) são bem mais freqüentes [...]⁶³

Voltando aos autores que se detiveram em pesquisar a trajetória do *Correio do Povo*, podemos apontar que o jornal também encontrou dificuldades em um tempo em que praticamente todos os periódicos publicados no Rio Grande do Sul se vinculavam a um partido ou a uma ideologia explicitamente defendida. Dillenburg refere-se aos primeiros exemplares e à reação dos leitores, apontando que

A receptividade do jornal junto ao público foi imediata. Esta aceitação, no entanto, não foi unânime. Como aceitar um periódico que não fosse inclinado a uma das linhas ideológicas da época? Não foi por acaso, portanto, que, apesar de se esgotar a edição inicial em questão de horas, tal a curiosidade do público, grupos políticos não demorassem a tecer fortes críticas à linha do jornal.

⁶² CAMARGO, *op. cit.*, p.225.

⁶³ *Ibid.*, p. 226.

“Se não está conosco, está contra nós”, levantaram algumas vozes.⁶⁴

Rüdiger salienta, entretanto, que a conjuntura histórica era propícia para o novo empreendimento de Caldas Júnior. O Rio Grande do Sul estava saindo de uma luta civil que durou quase três anos, dividindo profundamente a sociedade, havendo um clima favorável para o surgimento de um jornal não comprometido com a política, mas somente com a causa pública. Para esse autor, a novidade do *Correio* e o seu principal fator de sucesso não era fruto de textos, editoriais ou diferentes linguagens utilizadas; para Rüdiger, o que realmente fazia do *Correio do Povo* um sucesso era a sua estrutura e ação empresarial

assumida por seu proprietário e diretor diante do negócio. Caldas percebeu as transformações sociais e culturais em curso, respondendo aos estímulos do mercado de jornais com sucessivos investimentos na estrutura tecnológica e administrativa de sua folha. Em geral, os jornais independentes da época constituíam empresas apenas no nome. As companhias tinham vários sócios, recrutados basicamente entre os comerciantes e pequenos proprietários urbanos, e seu cunho era muito mais dileitante e estatutário do que empresarial e capitalista. Desse ponto de vista, bastava que não dessem prejuízo, não havendo qualquer propensão ao reinvestimento dos lucros. Caldas Júnior organizou sua empresa em termos familiares, mas sem excluir da direção do jornal os valores do jornalismo da época com que podia contar; fez sucessivas reformas em suas oficinas, com vistas à redução de custos e ao aumento da produtividade; procurou equiparar os padrões gráficos do jornal aos mais modernos do País, aumentando o número de páginas e o formato da folha, sem custos adicionais para o leitor. Em 1910, finalmente, montou a primeira impressora rotativa no Estado e, nos anos seguintes, as 4 primeiras linotipos, completando um ciclo de renovação e reinvestimentos que elevou a tiragem do jornal dos mil exemplares, iniciais, para 10 mil, em 1910.⁶⁵

⁶⁴ DILLENBURG, *op. cit.*, p. 27.

⁶⁵ RÜDIGER, *op. cit.*, p. 78-79.

Assim, rapidamente o *Correio do Povo* alcançou um grande sucesso no mercado de jornais. Já na década de 1920, o jornal ampliava sua tiragem para 20 mil exemplares e um crescente número de anunciantes, o que fez muitos pesquisadores o considerar como o veículo precursor da fase moderna do jornalismo informativo no Rio Grande do Sul. O auge da hegemonia do *Correio* foi na década de 1930, com o *Diário de Notícias* sendo considerado como o segundo mais importante, e *A Federação* em decadência, em relação ao seu próprio apogeu na década de 1910. No decênio de 1930, o *Correio* alcança a supremacia no Rio Grande do Sul, com mais de 35 mil exemplares ao dia.⁶⁶

Sobre a propriedade do *Correio do Povo* após a morte de Caldas Júnior, Karawejczyk aponta que

Com a morte prematura de Caldas Júnior, em 1913, assume a propriedade do *Correio do Povo* sua viúva, Dolores Alcaraz Caldas, que coloca na direção do jornal seus irmãos. Sendo assim, desde a sua fundação, até 1934 [...], o jornal esteve sempre nas mãos da mesma família, Caldas-Alcaraz [...]. A viúva de Caldas Júnior é, então, a única proprietária do jornal até o ano de 1935, quando cede parte da sociedade para seu filho mais moço, Breno Caldas, que assume a direção do jornal, ficando a sua frente por mais de cinquenta anos.⁶⁷

Como citado anteriormente, na década de 1930, o *Correio do Povo* é considerado como inovador e pioneiro entre os jornais rio-grandenses, seja pelos moldes verdadeiramente capitalistas de sua organização empresarial, seja pelo novo conceito jornalístico que, respondendo às novas demandas do tempo, estava se consolidando na sociedade. Rüdiger aponta que, nessa época, entre os anos de 1930 e antes do Estado Novo, concorriam pela preferência do público-leitor de

⁶⁶ Ibid., p. 79.

⁶⁷ KARAWEJCZYK, *op. cit.*, p. 87-88.

Porto Alegre os jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *A Federação*, *Jornal da Manhã* e *Jornal da Noite*, além da *Revista do Globo*.⁶⁸

Conforme aponta Rüdiger, na década de 1930, a concorrência com os jornais supracitados consolidava uma nova fase do jornalismo, uma fase de modernização:

Nessa época, o novo regime jornalístico estava em consolidação. As matérias noticiosas suplantavam os artigos políticos, e as feições gráficas adquiriam as formas que, em linhas gerais, conhecemos até hoje. A circulação se ampliava consideravelmente e começava a tirania do departamento comercial sobre a redação. O pessoal envolvido na atividade se profissionalizava, transformando-se em categoria assalariada.⁶⁹

O jornalismo passava por uma fase de modernização, que acompanhava as transformações em curso na sociedade e, no contexto da qual, a influência do campo político foi substituída pela análise dos movimentos de mercado. Sobre essa questão, Rüdiger argumenta que

As folhas político-partidárias encontravam-se em decadência, seja pela desaparecimento das condições econômicas que permitiram seu desenvolvimento durante tanto tempo, seja pelo próprio redimensionamento em curso no campo político.⁷⁰

⁶⁸ RÜDIGER, *op. cit.*, p. 80. O *Diário de Notícias* foi lançado em 1925. Organizado em bases de alta capitalização, tinha como ponto forte o seu departamento comercial, que angariava grande volume de anúncios, e o seu parque gráfico, que dispunha de uma possante rotativa que permitiu o aumento das tiragens com barateamento dos custos. O *Jornal da Manhã* e o *Jornal da Noite* eram de propriedade da Companhia Jornalística Rio-Grandense, cujo dono era Ângelo Flores da Cunha, irmão do interventor, mais tarde governador, Flores da Cunha. A *Revista do Globo*, montada pela Livraria do Globo, foi lançada em 1929 e reunia muitos intelectuais do Rio Grande do Sul. O quinzenário alcançou projeção nacional lançando nomes como Érico Veríssimo.

⁶⁹ RÜDIGER, *op. cit.*, p. 83.

⁷⁰ *Ibid.*, p.83.

Quanto à forma como estava estruturado o *Correio do Povo*, durante o período pesquisado – setembro de 1935 –, tem-se o seguinte: o expediente foi sempre publicado na primeira coluna da página três, onde havia informações como a data de fundação do jornal, o endereço da redação e os preços das assinaturas mensal, trimestral, semestral e anual. O preço do exemplar avulso do jornal era de \$300.⁷¹

Graficamente, cada página do jornal apresentava-se com 9 colunas iguais: o número de páginas variava conforme o dia, entre 10 a 20, durante a semana, e entre 20 a 32, nos domingos. A disposição gráfica era assim: na página inicial e na contracapa, encontravam-se as notas e notícias, de cunho político, nacionais e internacionais. A página 2 trazia em destaque os telegramas e as notícias internacionais; a terceira página era totalmente dedicada às colaborações e aos editoriais. Na página 4, encontrava-se a seção denominada “diversas”, que, como explicita Walter Galvani, era a seção que mais sucesso fazia junto ao público, por trazer pequenas notas e comentários sobre os principais eventos da cidade e da sociedade. As páginas 5, 7 e 8 eram dedicadas ao noticiário e eventualmente às notas esportivas, sendo que a página 6 era normalmente dedicada às notas sociais.

As edições de domingo tinham algumas peculiaridades: nas páginas de número 6 e 7, os leitores podiam encontrar as notas sociais e também notícias de cunho religioso ou cultural, como o teatro e a seção jurídica. As informações sobre cinema encontravam-se na página 9 da edição de quinta-feira e de domingo, quando também era possível se ler, na página 11, mais uma página dedicada às colaborações. Nas edições dominicais, também se verificou o maior número de páginas dedicadas aos anúncios, sete ao todo, começando na página 13 e estendendo-se até a 19.

⁷¹ O preço variou pouco desde a sua fundação. De 1895 a 1904, custou \$100 (réis), quando, então, o preço se elevou para \$120, mantendo tal valor até 1928. Após o preço do exemplar avulso foi de \$200 até 26 de maio de 1931. A partir desta data, o preço passou a \$300.

É importante destacar o papel dos anúncios publicitários. Segundo Rüdiger, os anúncios constituíam a principal fonte de recursos do jornal, e vale lembrar que

A publicidade se estrutura, de maneira orgânica no novo regime jornalístico, fazendo com que os jornais passem a existir para os anunciantes. Na década de 1930, surgem as primeiras agências de propaganda, que estabelecem uma ligação estrutural entre o modo de produção e o consumo pela mediação dos novos meios de comunicação.

Dessa forma, pode-se inferir que o papel da publicidade nos jornais foi contraditório. Se, por um lado, auxiliou no desenvolvimento das empresas jornalísticas, estimulando e tornando possível sua modernização gráfica e editorial, por outro, fortaleceu suas tendências à concorrência monopolista, com a consequente concentração da imprensa em uns poucos jornais. Entretanto, é interessante reafirmar que esse desenvolvimento vivido pelo *Correio do Povo* não tirou o seu aspecto político. Se seus fundadores defendiam um jornal apartidário, pode-se assegurar que o *Correio* possuía seu caráter político, posicionando-se em diversos momentos da História política brasileira, como, por exemplo, no apoio à eleição de Getúlio Vargas e João Pessoa nas eleições presidenciais de 1929.

Tentou-se ao longo do capítulo asseverar a relevância do uso de jornais em pesquisas históricas, demonstrando sua relação com diferentes concepções e tendências historiográficas ao longo do século XX. Estabeleceu-se, como fundamental auxílio para entendimento das fontes utilizadas, conhecer a trajetória, o posicionamento político e principais características dos jornais *A Federação* e *Correio do Povo*. Destarte, entende-se que, ao utilizar a imprensa como fonte histórica, trata-se de um importante cuidado metodológico contextualizar os jornais utilizados, levantando suas especificidades, características e trajetórias.

No capítulo que se segue, apresentam-se reflexões sobre a Exposição do Centenário Farrapo, atentando para as diferentes concepções sobre a Revolução Farroupilha, bem como para a contextualização da década de 1930. Tem-se como

objetivo, apresentar o grande evento realizado em Porto Alegre, em setembro de 1935, e as questões que se fizeram presentes nesta comemoração.

2 A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO

FARROUPILHA

As Comemorações do Centenário Farroupilha iniciaram em 20 de setembro de 1935, estendendo-se até o final de janeiro de 1936. Esse evento encontra-se, portanto, inserido nos marcos do período conhecido como República Nova, em um momento decisivo: por um lado, ainda sofrendo os efeitos do período anterior (República Velha) e as consequências da Revolução de 30, por outro lado, já sentindo as modificações que viriam com o Estado Novo, em novembro de 1937.

Não cabe, nos limites deste trabalho, rememorar a história da República Nova, exaustivamente desenvolvida por historiadores “clássicos”⁷². Mas, tendo presente que qualquer evento (social, político, partidário, artístico, cultural, etc.) não pode ser inteiramente apreendido sem a compreensão do contexto socioeconômico no qual está inserido, julga-se necessário tentar conformar o contexto histórico no qual a Exposição do Centenário Farroupilha ocorreu, remarcando os principais acontecimentos que conferiram uma feição própria ao objeto de estudo deste trabalho.

⁷² Ver, entre outras obras: CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937)**. São Paulo: DIFEL, 1974; FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1981; FONSECA, Pedro C. Dutra. **Vargas: capitalismo em construção (1906-1954)**. São Paulo: Brasiliense, 1989; SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

2.1 A Revolução Farroupilha (1835-1845)

Antes de falar em Comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha, convém situar o leitor a respeito do evento que motivou tais comemorações. Destarte, pretende-se, nesta seção, traçar um panorama sobre os significados e representações da Revolução Farroupilha entre os historiadores das últimas décadas, bem como entre os autores da década de 1930. Contudo, não é objetivo escrever sobre a *história* da Revolução, suas batalhas, conquistas e *démarches*.

A Revolução Farroupilha foi uma guerra com dez anos de duração, que provocou uma separação e independência de parcela do Rio Grande do Sul e, com a proclamação da República Rio-Grandense, em 1836, uma alteração de ordem política: a reorganização político-administrativa, através de um projeto de Constituição Republicana e do rompimento das relações com o Império brasileiro.

Liderada pela elite rio-grandense, composta por estancieiros, militares, charqueadores, comerciantes e sacerdotes, a Revolução tem, como principal bandeira, a luta contra o poder centralizador do Império. Defendendo ideais liberais, essa elite uniu-se na defesa de um projeto federalista, motivada por diversos fatores: a) as decepções com a Constituição centralizadora imperial de 1824 e com o Ato Adicional de 1834; b) as altas taxas alfandegárias e impostos recolhidos pelo governo imperial; c) a concorrência *autorizada* da venda do charque platino no Brasil. Soma-se a isso a convivência com o processo de emancipação, sob a forma Republicana, das antigas províncias do Vice-Reinado do Prata.

A respeito das relações entre a elite rio-grandense e os países platinos, Pesavento considera que

Com interesses no Uruguai, tendo muitas vezes propriedades que iam de um lado a outro da fronteira, parte da elite local tinha uma relação ambivalente com os vizinhos. De um lado a guerra, de outro os negócios, afinidades ou mesmo relações de parentesco e amizade. Por causa destas relações com os castelhanos, Bento Gonçalves da Silva, então comandante da Fronteira Sul, e Bento Manoel Ribeiro, então comandante da Fronteira Oeste, foram chamados à Corte em 1834 para explicarem o seu envolvimento com os caudilhos.⁷³

De fato, o período regencial brasileiro apresentou uma série de rebeliões nas províncias, marcadas pela reação das elites locais contra o centralismo monárquico, como a Cabanagem, no Pará, a Balaiada, no Maranhão, a Sabinada, na Bahia. Mas de todas essas, a Revolução Farroupilha foi a que mais preocupou o Império, não somente pela sua longa duração, mas também pela situação fronteiriça da província do Rio Grande.

Do ataque a Porto Alegre para depor o presidente da província Antonio Rodrigues Fernandes Braga, em 20 de setembro de 1835, à assinatura da Paz de Ponche Verde, em 28 de fevereiro de 1845, em Dom Pedrito, muitas batalhas vencidas por ambos os lados foram vivenciadas na Revolução Farroupilha. Em 11 de setembro de 1836, no Campo dos Meneses, Antonio de Souza Netto proclamou a República Rio-Grandense, a que se seguiu o ato de 5 de novembro, quando os farrapos ratificaram a medida na Câmara de Piratini, declarando a independência do Rio Grande do Sul sob a forma republicana e se prontificando a ligar-se, por laços federativos, a todas as províncias que se dispusessem a assumir igual forma de governo.

⁷³ PESAVENTO, Sandra Jatthy. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

A cidade de Piratini foi escolhida como a capital da nova República Rio-Grandense, e Bento Gonçalves, por aclamação geral, seu presidente. É importante ressaltar que a Revolução Farroupilha não provocou uma transformação na estrutura das relações sociais existentes desde o período colonial, ou seja, a Constituição republicana criada pelos farrapos foi marcada pelo conservadorismo, confirmando o sistema censitário, que exigia uma determinada renda para votar e ser votado, e pela manutenção da escravidão.

Através dos muitos periódicos surgidos no período⁷⁴, de sociedades literárias, filantrópicas e maçônicas, pode-se perceber que o termo “liberdade” era muito utilizado nos discursos dos farroupilhas. Contudo, o princípio de liberdade defendido pelos farrapos remetia à defesa da liberdade econômica, à garantia da propriedade privada e à não-intervenção nos interesses localistas. Na visão dos farrapos, o Império apenas servia aos interesses da elite do Rio de Janeiro.⁷⁵

A Revolução Farroupilha expandiu-se até a província de Santa Catarina, com a tomada de Laguna e a fundação da República Juliana. Por conta dessa expansão, em 1839, os farrapos intentavam converter o Brasil em uma coalizão de repúblicas federadas, através da ação de Garibaldi e Davi Canabarro, em ação que não durou muito tempo. A partir de 1840, pacificadas as demais rebeliões regenciais, o Império concentrou forças para combater os farroupilhas. Contudo, seria preciso mais cinco anos para que a guerra acabasse, pois os farrapos não se acertavam com relação às condições de paz, e os combates se sucediam, em meio a cisões entre os líderes farroupilhas e frustradas negociações de paz.⁷⁶

⁷⁴ Como, por exemplo, *O Compilador*, *O Povo*, *Estrela do Sul*, *O Americano*, *O Mensageiro*, *O Continente* e *o Vigilante*.

⁷⁵ PADOIN, Maria Medianeira. A Revolução Farroupilha. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (coords) **Império**. Passo Fundo: Méritos. Vol. II, 2007. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 51.

⁷⁶ Sobre as cisões e disputas, entre as lideranças farroupilhas ver FACHEL, José Plínio Guimarães. **As cisões políticas entre os farroupilhas durante a guerra de 1835 a 1845**. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

As negociações para pacificar a guerra ficaram a cargo do Barão de Caxias, que, nessa época, já tinha a alcunha de “pacificador”, pelas suas resoluções na negociação de conflitos bélicos. Caxias, nomeado presidente da Província, começou a articular a paz com Davi Canabarro, culminando com a assinatura da Paz de Ponche Verde, em 28 de fevereiro de 1845. A historiografia chama esse acordo de “paz honrosa”, pois os farrapos viram atendidas, pelas cláusulas, uma série de antigas reivindicações, como a possibilidade de escolher o presidente da Província. A dívida contraída pelos farrapos, por ocasião da guerra, seria paga pelo Império, e os oficiais do exército farroupilha passariam para o exército imperial com os mesmo postos que ocupavam. Concedia-se, também, liberdade aos escravos que combateram na Revolução.⁷⁷

Entretanto, não há consenso entre os historiadores a respeito da Revolução Farroupilha. Muito pesquisada pela historiografia, a Revolução possui grande relevância para o imaginário popular, ao mesmo tempo em que provoca, até hoje, controvérsias entre os historiadores, principalmente em relação ao separatismo ou não do movimento, das ideias de federalismo e republicanismo, bem como da influência dos países platinos nos líderes farrapos.

Ciente de que toda produção historiográfica é demarcada pelo posicionamento do autor dentro de um contexto, cabe refletir sobre as diferentes ideias sobre a Revolução Farroupilha, a partir de alguns textos da década de 1930 até os dias atuais, procurando-se analisar como a Revolução muda de sentido com o passar do tempo, conforme as diferentes conjunturas históricas.

O primeiro autor que, através de suas obras, concede um caráter de epopeia e de heroísmo do povo rio-grandense é Alfredo Varela.⁷⁸ Segundo Scheidt,

⁷⁷ PESAVENTO, *op. cit.*, 1985, p. 53.

⁷⁸ Alfredo Varela, bacharel em Direito, foi político, diplomata, historiador e memorialista. Reuniu ampla documentação do farroupilha Domingos José de Almeida. Escreveu cinco densas obras, num total de 14 volumes. Sua obra mais reconhecida é *História da Grande Revolução*, de 1933.

ao caracterizar a Revolução Farroupilha como uma epopéia, um ato heróico dos rio-grandenses, que desafiaram o Império, lutando para se separarem e viverem independentes, Varela estava em sintonia com a forte identidade regional, característica do Rio Grande do Sul durante a República Velha.⁷⁹

Em suas obras, Varela defende a influência das Repúblicas Platinas na Revolução Farroupilha, no que diz respeito ao republicanismo implementado pelas antigas colônias espanholas em contraste como a manutenção da monarquia brasileira, tida como responsável pelo atraso do país. Varela defende, também, que a Revolução Farroupilha possui o caráter separatista inerente à formação histórica do Rio Grande do Sul. Bento Gonçalves fora, para o autor, um republicano convicto que teria tramado como Juan Lavalleja a separação do Rio Grande do Sul do Império e a constituição de uma liga com os países platinos.

Alfredo Varela é o principal pesquisador da Revolução Farroupilha do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, período caracterizado pela consolidação do regime republicano de inspiração positivista no Rio Grande do Sul. Sua obra tem um vínculo com seu contexto de produção, pois acentuou e demarcou uma forte identidade regional dos rio-grandenses em relação ao restante do Brasil. Vale lembrar que, em período anterior, o presidente da República tinha o mandato de quatro anos, sem direito à reeleição, enquanto o Rio Grande do Sul tinha uma constituição própria, que garantiu os sucessivos mandatos de Borges de Medeiros como presidente de Estado.

A partir da década de 1930, em especial após a Revolução de 30 e da ascensão de Getúlio Vargas ao poder central, a Revolução Farroupilha passa a ser vista sob outra ótica. Se, durante a República Velha, ressaltava-se o caráter

Conforme FLORES, Moacyr. *Historiografia da Revolução Farroupilha*. 1ª parte. **Veritas**, Porto Alegre, v. 30, n. 119, p. 437, set. 1985.

⁷⁹ SCHEIDT, Eduardo. O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha. **Revista de História (Usp)**. São Paulo, n.147, 2002, p. 196.

separatista e a influência dos países do Rio da Prata, com o advento da República Nova, percebe-se um esforço em mostrar o sentido brasileiro da Revolução Farroupilha. Paralelo às campanhas de nacionalização, diversos autores, quase todos identificados com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, passaram a combater a ideia de separatismo e a defender a “brasilidade” da Revolução.⁸⁰

A maioria dos estudos sobre a Revolução Farroupilha⁸¹ surgiu no período das Comemorações do Centenário Farroupilha com o viés de defesa do caráter brasileiro da Revolução e da exaltação aos republicanos. A partir de narrativas épicas que apontavam os farrapos como heróis, autores como Othelo Rosa, Walter Spalding e Lindolfo Collor, cada um à sua maneira, contribuíram para a valorização da Revolução Farroupilha como um feito histórico a ser comemorado por seus “herdeiros”.

O livro *O sentido brasileiro da revolução farroupilha*, de Souza Docca⁸², lançado em 1935, é um manifesto contra as teses de separatismo e influência dos países platinos de Alfredo Varela. A partir da ideia de federalismo, o autor tenta provar que os farrapos não eram separatistas, mas, sim, desejavam, devido às diferenças climáticas, raciais e regionais, estabelecer como forma de governo no Brasil a federação. No mesmo ano, Othelo Rosa⁸³ lança uma coletânea de

⁸⁰ Sobre a influência do IHGRS, ver ELIBIO JUNIOR, Antonio Manoel. **A construção da liderança política de Flores da Cunha: governo, história e política (1930-1937)**. Tese. Campinas, SP: Unicamp, 2006. Em especial o capítulo IV – Intelectuais e política.

⁸¹ Conforme levantamento sobre a produção historiográfica da Revolução Farroupilha feito por Moacyr Flores. A primeira parte desse estudo apresenta as obras lançadas antes do Centenário da Revolução Farroupilha (1935), enquanto a segunda parte dedica-se às obras posteriores a 1935. FLORES, *op.cit.*, p. 425-438; FLORES, Moacyr. *Historiografia da Revolução Farroupilha*. 2ª parte. **Veritas**, Porto Alegre, v. 31, n. 123, p. 381-392, set. 1986.

⁸² Emílio Fernandes de Souza Docca foi um dos fundadores do IHGRS; já possuía uma respeitável bibliografia sobre a história das lutas com a região do Prata e sobre a Revolução Farroupilha quando foi lançada a obra de Alfredo Varela em 1933. Conforme FLORES, *Historiografia da Revolução Farroupilha*. 1ª parte. **Veritas**, Porto Alegre, v. 30, nº 119, p. 438, set. 1985.

⁸³ Othelo Rodrigues Rosa foi Secretário de Educação e Saúde Pública do governo Flores da Cunha. **Vultos da epopéia farroupilha** é uma obra destinada e dedicada às professoras do magistério público de Porto Alegre.

biografias que glorificam os líderes da Revolução. Através de uma narrativa com o fim de exaltar os personagens, *Vultos da epopéia farroupilha*, também defende o caráter brasileiro da Revolução Farroupilha.

A obra *História da República Rio-Grandense*, de Dante de Laytano, afirma que a Revolução Farroupilha é um movimento brasileiro que faz parte do ciclo revolucionário que caracterizou o período regencial. Lançada em 1936, Laytano nega as intenções separatistas e as influências dos países platinos à causa farroupilha, privilegiando, em seu trabalho, a organização administrativa da República Rio-Grandense e sua ligação com os demais movimentos liberais de outras províncias do Brasil.

Outro autor dessa década mostra-se o maior defensor do caráter nacional da Revolução Farroupilha. Trata-se de Walter Spalding⁸⁴ e sua vasta produção historiográfica. Os elementos comuns de suas obras são a valorização do herói farrapo e a exaltação de seus feitos. Em *A Revolução Farroupilha*, de 1939, afirma que o movimento não foi nem separatista nem republicano. Tampouco a influência dos países platinos foi importante para Spalding; entretanto, apontou o entusiasmo dos farrapos pelas idéias da Revolução Francesa, trazidas pelo padre maçom Caldas. Para esse autor, a Revolução Farroupilha teve como fim essencialmente reivindicar os direitos dos rio-grandenses e expulsar o presidente Braga, não tendo jamais outra intenção.

Ainda na década de 1930, Lindolfo Collor⁸⁵ lança duas obras, em 1938, sobre a Revolução Farroupilha. Da mesma forma como os autores supracitados, Collor discorda de Varella e afirma que a Revolução não é separatista. No livro *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos*, o autor, a partir da obra de Alexandre Dumas,

⁸⁴ Walter Spalding publicou *Farrapos* (1931), *Revolução Farroupilha* (1939), *Farroupilhas e Caramurus – a brasilidade dos farrapos* (1944), *Epopéia Farroupilha* (1958).

⁸⁵ Lindolfo Collor escreveu *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* e *História da Grande Revolução*, ambos de 1938.

Memórias de Garibaldi, utiliza uma linguagem literária para exaltar o herói Garibaldi e Zambecari.

Até aqui, a pretensão foi mostrar que os pesquisadores citados, durante a década de 1930, procuravam exaltar a história da Revolução Farroupilha mostrando o caráter nacional, a “brasilidade” do Rio Grande do Sul em relação ao seu passado e em função de seu presente.⁸⁶ Através de uma Revolução Farroupilha com ideais não-separatistas, mas nacionais, percebe-se a intenção de provar que os rio-grandenses sempre foram bons brasileiros, partidários da unidade nacional, construindo um caráter de patriotismo e de glórias do povo gaúcho.

Nas décadas de 1970-80, três autores destacam-se na produção sobre a Revolução. O primeiro, o brasilianista Spencer Leitman⁸⁷, retoma as teses de Alfredo Varela, defendendo o ideal de separatismo dos farrapos e as influências dos países platinos, ao passo que Moacyr Flores⁸⁸, em sua obra *Modelo político dos farrapos*, admite a República Rio-Grandense como independente, mesmo que essa não fosse a intenção inicial dos farrapos. Entretanto, Flores, nega as influências do Prata sobre os Rio-Grandenses. Em sua tese de doutorado, nos anos 1990, o autor reafirma o separatismo do movimento farroupilha. A terceira autora de destaque nesse período aborda a Revolução Farroupilha inserida na História do Brasil, privilegiando as relações dos farrapos com outras províncias

⁸⁶ Scheidt argumenta que a construção dessa nova memória sobre a Revolução Farroupilha não foi um processo pacífico. No auge do processo de construção da ideia de “brasilidade” da Revolução, Alfredo Varela publica *História da Grande Revolução*, reafirmando suas concepções sobre o separatismo dos farrapos e as influências das Repúblicas do Prata no movimento. Varela chegou a ser acusado de “traidor da pátria”, enquanto acusava seus críticos de “falsificar” a história, impondo um discurso contemporâneo a um período passado. Ver SCHEIDT, *op.cit.*, p. 199.

⁸⁷ LEITMAN, Spencer. **Raízes sócio-históricas da guerra dos farrapos**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁸⁸ FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos**. 3ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985; FLORES, Moacyr. **República Rio-Grandense: realidade e utopia**. Tese. Porto Alegre: PUCRS, 1992.

brasileiras. Helga Piccolo⁸⁹ não avalia o movimento como separatista, mas como uma busca de autonomia para a então Província de São Pedro.

A historiografia mais recente sobre a Revolução Farroupilha, a partir da década de 1990, apresenta renovados olhares e novas abordagens sobre o movimento farroupilha. Em um desses trabalhos, José Plínio Fachel⁹⁰ demonstra que os farrapos não eram um grupo homogêneo, havendo muitas disputas e divergências entre eles, retomando a divisão entre o “grupo da maioria” e o grupo da minoria”.⁹¹ Para esse autor, a questão do separatismo revela-se complexa, uma vez que termos como *federalismo* e *republicanismo* tinha significados distintos para as diferentes facções farroupilhas. Ainda segundo Fachel, o “grupo da maioria” era partidário de uma República independente, enquanto a “minoria” desejava apenas autonomia em relação ao Império.

As relações dos farroupilhas com as facções em disputa no Rio da Prata foram amplamente estudadas por Guazzelli, que afirma que o movimento farroupilha só pode ser compreendido no contexto das lutas rio-platenses. O autor defende que o Rio Grande do Sul constituía-se em uma região-província, autônoma em um momento em que o Estado brasileiro ainda não estava consolidado. Nesse contexto platino (e o autor inclui o Rio Grande do Sul), as províncias eram soberanas e independentes, sendo essas as aspirações dos farrapos.⁹²

⁸⁹ PICCOLO, Helga. A guerra dos farrapos e a construção nacional. In: **A Revolução Farroupilha: história e interpretação**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 30-60.

⁹⁰ FACHEL, José Plínio Guimarães. **As cisões políticas entre os farroupilhas durante a guerra de 1835 a 1845**. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

⁹¹ O grupo da maioria era liderado por Bento Gonçalves, Domingos José de Almeida, Mariano de Matos e Antônio de Souza Neto. Já o grupo da minoria era representado por Davi Canabarro e Vicente da Fontoura.

⁹² GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Prata (1835-1845)**. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

Em grandiosa coleção recentemente publicada sobre a História do Rio Grande do Sul, no volume dedicado ao Império, há um capítulo, dedicado à Revolução Farroupilha, escrito por Maria Medianeira Padoin⁹³. Nesse estudo, a autora demonstra que a maioria dos farrapos concebia a federação como uma união tênue, que garantiria a soberania e a independência da República Rio-Grandense, enquanto a minoria defendia o federalismo apenas como uma reforma da monarquia brasileira, a fim de descentralizar o poder político do Império. A autora inova na abordagem, na medida em que contextualiza o sentido de federação à época da Revolução Farroupilha. Uma federação, segundo Padoin, não estava em contradição com as independências de seus estados-membros, aproximando-se da ideia de uma confederação. A autora destaca, também, a situação fronteiriça do Rio Grande do Sul no contexto histórico dos países platinos, que se constituía em um espaço de divulgação das ideias federalistas nesse período.

Em estudo sobre as diferentes concepções de república entre os líderes farroupilhas, Eduardo Scheidt⁹⁴ apontou a existência do conflito entre duas grandes vertentes: uma mais radical, que via a república como uma possibilidade de garantia de liberdade plena entre as pessoas, e outra mais moderada, na qual a república seria o regime da garantia das liberdades individuais, principalmente da propriedade, das leis e da manutenção da ordem social.

O aumento por parte dos historiadores em novos estudos sobre o movimento farroupilha demonstra o quanto a Revolução Farroupilha continua a despertar interesse entre os pesquisadores. Os trabalhos mais recentes tendem a romper com as oposições mais simplistas referentes às questões do federalismo, republicanismo, separatismo ou influência dos países platinos no movimento. A historiografia mais recente tem como característica mostrar as complexidades da

⁹³ PADOIN, *op. cit.*, p.39-70. Ver também PADOIN, Maria Medianeira. **O federalismo no espaço fronteiriço platino. A Revolução farroupilha (1835-1845)**. Tese. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

⁹⁴ SCHEIDT, Eduardo. **Concepções de República na Região Platina à época da Revolução Farroupilha**. Dissertação. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2000.

Revolução Farroupilha, como a heterogeneidade das lideranças farroupilhas e suas distintas posições ideológicas, bem como analisar as diferentes maneiras de entendimento dos termos políticos nos diferentes contextos de sua época.

A maior parte dos estudos mais recentes aponta para o fato de que a maioria dos farroupilhas realmente desejou a ampla autonomia e independência do Rio Grande do Sul, estando dispostos a se ligarem com outras províncias brasileiras que também proclamassem a República. Em relação às influências dos países platinos, os novos estudos reconhecem que a Revolução Farroupilha esteve inserida nos conflitos que se desenvolviam na região platina, devido aos constantes contatos entre rio-grandenses e rio-platinos, com o estabelecimento de alianças, tratados diplomáticos, trocas comerciais, e circulação de ideias.⁹⁵

Percebe-se uma mudança na historiografia em relação ao estudo da Revolução Farroupilha que era desenvolvido na década de 1930. A necessidade em “nacionalizar” a Revolução Farroupilha, característica dos trabalhos editados nos anos 30, buscava uma identidade brasileira para o Rio Grande do Sul, exaltando a “brasilidade” do movimento em detrimento da ideia de separatismo. Entretanto, os estudos mais recentes ampliam a concepção do processo histórico da Revolução Farroupilha, inserindo o Rio Grande do Sul, também, no contexto histórico platino.

Scheidt especula que um dos fatores que contribui para a renovação da historiografia sobre a Revolução Farroupilha é o processo de renovação da História Política, que já não é mais uma narração factual, de acontecimentos, batalhas e datas. A História Política renovada se preocupa com novas questões,

⁹⁵ Sobre as contribuições dos novos estudos sobre a Revolução Farroupilha, ver SCHEIDT, Eduardo. O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha. **Revista de História (Usp)**. São Paulo, n.147, 2002, p. 204.

como cultura política, imaginário, significados de termos políticos, opinião pública, mídia, entre outras.⁹⁶

Ao longo desta seção procuramos situar o leitor sobre os significados e representações da Revolução Farroupilha entre os historiadores das últimas décadas, bem como entre os autores da década de 1930. Convém agora, expor o contexto histórico da década de 1930, período que contempla o centenário da Revolução Farroupilha.

2.2 O Rio Grande do Sul e a década de 1930: da revolução à emergência do conflito entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha (1930-1935)

Com a Revolução de 1930, verificou-se o desmoronamento da estrutura republicana vigente desde 1890, com o conseqüente enfraquecimento dos poderes regionais favorecidos durante a República Velha. Getúlio Vargas, vinculado à ala jovem do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), ascendeu à presidência do Brasil através de um levante político militar, juntamente com Minas Gerais e Paraíba, que expressava, segundo Pesavento, “a articulação das oligarquias periféricas contra a monopolização do poder por São Paulo”.⁹⁷ Getúlio Vargas já havia ocupado, em 1926, o cargo de Ministro da Fazenda (no governo de Washington Luis) e, em 1928, a presidência do Rio Grande do Sul, quando

⁹⁶ Ibid., p. 205. Sobre a renovação da História Política, ver RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

⁹⁷ PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, p. 103.

tinha se caracterizado pela habilidade em unir facções políticas e por conseguir “governar mais pela conciliação do que pelo domínio”.⁹⁸

Já no início do Governo Provisório, Getúlio Vargas obteve “pelo decreto de 11 de novembro de 1930, poderes mais amplos do que jamais havia gozado qualquer governo anterior”.⁹⁹ Entre outras medidas autoritárias percebe-se a dissolução do Congresso Nacional e das Assembléias Estaduais. O Governo Provisório afirmou-se como um governo voltado para o fortalecimento do poder federal em detrimento dos estados e municípios.

O intervencionismo estatal, anteriormente restrito ao setor cafeeiro, ampliou-se para outros setores da economia. Nesse sentido, a Revolução de 30 constituiu-se em

[...] um marco decisivo de passagem entre o período de maior descentralização política da história do Brasil que é o período da República Velha e o período de maior concentração política da história brasileira que começa no Estado Novo em 37.¹⁰⁰

Numa conjuntura internacional marcada pela crise do liberalismo, bem como pela crise de um modelo econômico nacional voltado para a agroexportação de praticamente um produto (o café), o período de transição aberto com a Revolução de 30 também implicou na adoção de um modelo de desenvolvimento capitalista calcado na indústria, em detrimento daquele vinculado à agroexportação.¹⁰¹

⁹⁸ LOVE, Joseph. A Revolução de 30 e o regionalismo. In: **Simpósio sobre a Revolução de 30**. Porto Alegre: Erus, 1983, p. 64.

⁹⁹ SKIDMORE, *Op. cit.*, p. 55.

¹⁰⁰ SCHWARTZMAN, Simon. A Revolução de 30 e o problema regional. In: **Simpósio sobre a Revolução de 30**. *Op. cit.*, p. 369.

¹⁰¹ PESAVENTO, Sandra J. As condições da economia gaúcha na República Nova. In: **Simpósio sobre a Revolução de 30**. *Op. cit.*, p. 340.

O fato de o presidente Vargas ser gaúcho suscitou pretensões e frustrações das elites dominantes locais. Setores da oligarquia rural mantinham a ilusão de que, com a ascensão de Vargas, iniciaria um novo período no qual o Rio Grande do Sul receberia um tratamento preferencial por parte do governo central, passando a exercer um predomínio nacional semelhante ao que São Paulo e Minas Gerais vinham exercendo na República Velha. Pesavento afirma que se desenvolveu a visão no estado gaúcho de que “o Rio Grande do Sul teria um papel regenerador do regime em nível nacional”.¹⁰²

Entretanto, rapidamente ficou bem claro às elites dominantes do Rio Grande do Sul que o novo presidente do Brasil não projetava priorizar o Estado ou lhe conceder facilidades. Além disto, Vargas passou a imprimir um curso altamente centralizador ao governo central, que não poderia coexistir com o federalismo até então vigente, contrapondo-se às elites regionais.¹⁰³ Cabe salientar que as diretrizes do governo implementadas por Vargas não satisfizeram nem aos defensores de uma maior autonomia regional, como os republicanos, nem aos do campo liberal, que, embora concordassem com uma maior centralização federal, defendiam que esta ocorresse simultaneamente à ampliação do espaço político e econômico do estado rio-grandense no cenário nacional.¹⁰⁴

Soma-se a essas frustrações da elite política gaúcha com relação a Vargas, a decepção da permanência de um governo que não se enquadrava nos marcos constitucionais, visto que as eleições não foram a primeira pauta do governo de Vargas logo após a Revolução de 30.

Esse conjunto de fatores levou parte da política rio-grandense a alinhar-se com os paulistas na defesa da volta à legalidade. O apoio à Revolução

¹⁰² PESAVENTO, Sandra J. **RS: economia e poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p.39.

¹⁰³ MACHADO, Nara Helena Naumann. **A exposição do centenário farroupilha: ideologia e arquitetura**. Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 1990, p.30.

¹⁰⁴ FONSECA, Pedro C. Dutra. *Op. cit.*, p. 89 e 138.

Constitucionalista, em 1932, gerou uma cisão interna no PRR, que se dividiu no setor que aderiu à Revolução de 32 (a ala de Borges de Medeiros), e naqueles que se mantiveram ao lado do Governo Provisório. Segundo Pesavento, Flores da Cunha teria vacilado bastante a respeito da adesão à Revolução de 32, e sua decisão de apoiar Vargas frustrou os paulistas que o acusaram de trair a Revolução.¹⁰⁵

A cisão do PRR ocasionou a formação de um novo partido, a 16 de novembro de 1932, o Partido Republicano Liberal – PRL. Articulado por Flores da Cunha, manteve-se politicamente no campo da situação, apoiando as novas diretrizes do governo federal. Desde 1930, quando tinha sido nomeado por Vargas, Flores da Cunha mantinha-se enquanto interventor federal no Rio Grande do Sul, seu principal aliado.¹⁰⁶

Em 1933 ocorreram as eleições para a Assembleia Constituinte Federal (instalada em novembro daquele ano). No Rio Grande do Sul, foi significativa a vitória do partido recém-criado – PRL –, demonstrando o prestígio do interventor federal no estado.¹⁰⁷ Destaca-se a atuação de Flores da Cunha que, mesmo após a adesão a Vargas em 32, não deixou de procurar entendimentos com a oposição, no caminho da conciliação.¹⁰⁸

Em 1934 foi promulgada a nova constituição, ainda que de teor liberal e mais identificada com as oligarquias regionais do que com os tenentes, assegurava, entretanto, maior poder ao governo central em detrimento da autonomia que os estados desfrutavam. O artigo 167 estabeleceu as polícias militares estaduais como reservas do Exército, abrindo caminho para futuras

¹⁰⁵ PESAVENTO, **RS: economia e poder nos anos 30**, *Op. cit.*, p.94.

¹⁰⁶ CARAVANTES, Rejane M. B. **A crise política no RS: o papel de Flores da Cunha**. Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 1989, p.219.

¹⁰⁷ SKIDMORE, *Op. cit.*, p.40.

¹⁰⁸ MACHADO, *Op. cit.*, p.30.

investidas contra essas milícias regionais, que rivalizavam com as Forças Armadas. Os estados só poderiam contrair empréstimos no exterior perante autorização do Senado, e o imposto de exportação passou à esfera federal. A legislação de 1934 organizou e padronizou a justiça, e os códigos de processos foram unificados. Além disso, com essa Carta, as atividades governamentais relativas à saúde, educação, exploração dos recursos hídricos e minerais, tornaram-se responsabilidade federal. Desde já se preparava o caminho para a centralização política, tendência esta que pode ser constatada não só no Brasil.¹⁰⁹

No plano internacional, um governo de cunho fascista fora instalado na Itália a partir de 1922, dominado pelo Partido Nacional Fascista, de teor autoritário, nacionalista e anticomunista. Em Portugal, inspirando-se no governo de Mussolini, Salazar outorgara, em 1933, uma nova constituição, de cunho extremamente autoritário, dando origem ao “Estado Novo” português. Na Alemanha, a partir da década de 1930, verificara-se ascensão vertiginosa do nazismo. Era explícita a simpatia de Vargas pelo corporativismo e fascismo (em especial pelo modelo italiano e português). Inclusive seus primeiros pronunciamentos a respeito são anteriores a 1930.¹¹⁰

A rivalidade entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas refletia duas concepções em conflito de pacto federativo. A União fortalecia-se e concentrava prerrogativas cada vez maiores em relação aos estados, enquanto estes buscavam novas formas de inserção na política nacional, através do controle das forças policiais, dos partidos regionais e de manipulações eleitorais.

O período de 1935-37 foi marcado por intensa atividade parlamentar, no quadro da Constituinte estadual, instalada em abril de 1935. As atribuições do governo estadual foram objeto de muitos debates, bem como a possibilidade da

¹⁰⁹ CASTRO, Maria Helena de. O RS no pós-30: de protagonista a coadjuvante. In: **Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 30**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p.121.

¹¹⁰ FAUSTO, Boris. *Op. cit.*, p. 111.

participação política dos novos setores sociais emergentes. Héglio Trindade afirma que “apesar desta participação ser reconhecida, frequentemente nos defrontamos com uma visão da sociedade em que uma elite deve zelar pela defesa dos interesses de todas as classes”.¹¹¹

As comemorações do Centenário Farroupilha tiveram início em setembro de 1935, entretanto seus preparativos remontam há mais de um ano antes, no início de 1934, logo após as eleições de 1933, ou seja, no auge do prestígio de Flores da Cunha.

A nova constituição federal não chegou a vigorar sequer dois anos: a quartelada ocorrida em novembro de 35 (com levantes em Natal, Recife e Rio de Janeiro) forneceu a Vargas os argumentos de que necessitava para a instauração do poder de emergência, com a adoção de medidas de exceção. A Aliança Nacional Libertadora (surgida em janeiro de 1935) durou apenas seis meses, tendo sido fechada em julho do mesmo ano. No final de 1935, “a instituição do terror político daria a Vargas instrumentos para combater também seus adversários políticos das elites oposicionistas (...)”.¹¹²

Podemos inferir que o perigo comunista e a tentativa comunista frustrada de um golpe em 35 foram cruciais para emergência do conflito entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha. Até então, ambos mantiveram uma relação amigável, sendo Flores, inclusive, um baluarte de defesa do governo federal, como em 1932. A partir do perigo comunista, já no início de 35 e depois com a tentativa frustrada de golpe, Vargas coloca a centralização como mais do que necessária e defende um crescente cerceamento da autonomia dos estados em nome da ordem e da defesa ao perigo comunista.

¹¹¹ TRINDADE, Héglio. **Poder legislativo e autoritarismo no RS: 1891-1937**. Porto Alegre: Sulina, 1980. p.17.

¹¹² BLANCO, A. 1935: uma tentativa revolucionária. In: MARANHÃO, Ricardo; MENDES JR., Antonio. **A Revolução de 30**. São Paulo: Hucitec, 1989, p.144. Ver também HERNANDEZ, Leila M. G. L. **Aliança Nacional Libertadora: ideologia e ação**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

Nesse contexto, o estremecimento da relação entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas está marcado por duas questões que levam à rivalidade e posteriormente ao rompimento: a polêmica criada devido à aprovação da Lei de Segurança Nacional em janeiro de 1935 e a discussão em torno da eleição ao governo do Rio de Janeiro em meados do mesmo ano.¹¹³

Essas duas questões serão amplamente utilizadas por ambos, na medida em que Flores da Cunha acusava o presidente de arbitrariedades à frente do governo federal, enquanto Getúlio Vargas acusava o governador de querer transpor sua autoridade estadual ao plano federal.

Esse conflito tem como cerne da divergência, segundo Campos, o federalismo, já que “Vargas buscará implantar um centralismo como única forma de manter o *status quo* do Rio Grande do Sul e, por consequência o seu próprio”.¹¹⁴ Federalismo aqui é entendido como uma “prática política e econômica, onde os estados colocam-se acima ou no mesmo patamar da Federação, incluindo-se aí direitos e deveres”.¹¹⁵

Maria Isabel Noll identifica Flores da Cunha como defensor ferrenho de federalismo quando afirma:

[...] a trajetória florista – e com ele uma perspectiva regionalista da vida pública –, vai tender a seguir o caminho da autonomia de ação, buscando na ampliação de suas bases de sustentação a fórmula de sua sobrevivência [...]¹¹⁶

¹¹³ CAMPOS, Derocina Alves. **Flores da Cunha X Getúlio Vargas: da união ao rompimento**. Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 1995, p.49.

¹¹⁴ Ibid., p.49.

¹¹⁵ LEVI, Lucio. Federalismo. In: BOBBIO, Norberto (org.) **Dicionário de política**. Brasília: Ed. da UnB, Vol. 1. 11.ed. 1998, p. 482. O autor esclarece, também, que “No Estado centralizado não existe nenhum centro autônomo de poder fora do Governo Central. A luta política se desenvolve num só quadro institucional pela conquista de um só poder (...)” p. 482-483.

¹¹⁶ NOLL, Maria Isabel. **Partidos e política no RS (1928-1937)**. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 1980, p.132.

A autora ainda destaca uma nova ordem política a partir de 1930, onde

[...] desenrola-se, provavelmente, neste nível, o conflito básico deste período que antecede o Estado Novo. O conflito gerado pelo deslocamento de 'locus' tradicional da política dos estados em direção do novo centro político – o Estado Nacional [...].¹¹⁷

Todas as tentativas feitas no sentido de tentar reverter a nova ordem centralizadora nacional serão consideradas pelo governo federal, como subversões da ordem através da Lei de Segurança Nacional e posteriormente pelo estado de guerra. Flores da Cunha, nesse contexto, será o principal oponente à centralização.

Flores da Cunha posicionou-se contrário a Getúlio Vargas no caso da eleição, em 1935, do governador do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. A Vargas interessava manter o governador Ary Parreiras, nomeado interventor depois da Revolução de 30. Flores da Cunha, que apoiara a oposição, vencedora nas urnas, sofreu represálias por parte de Vargas. O ministro da Justiça de Flores da Cunha, Antunes Maciel, foi substituído, logo após as eleições de 35, por Vicente Rao, político fora da esfera de influência de Flores da Cunha.¹¹⁸

Durante o período em que esteve à frente do governo do estado (12 de abril de 1935 a 17 de outubro de 1937), Flores da Cunha mostrou-se contrário à reeleição de Getúlio Vargas, pois isso representaria o aval ao centralismo. Concordava, no entanto, que todas as correntes políticas apresentassem o mesmo candidato para suceder Vargas em 1938.¹¹⁹

¹¹⁷ Ibid., p.133.

¹¹⁸ CAMPOS, *Op. cit.*, p.52.

¹¹⁹ Idem.

A polarização de federalismo e centralização, que acirrará toda a discussão, passa pelo viés de debate em torno da falência do liberalismo em nível mundial. A experiência do governo provisório no Brasil (1930-32), o New Deal de Roosevelt, os fascismos na Europa, os frutos da Revolução Russa, tudo leva a repensar o papel do Estado em relação à sociedade. O Brasil está relacionado a outros países na medida em que começa a elaborar um modelo de Estado centralizador, que opta por tal caminho como uma frente de defender o *status quo* da elite econômica frente à crescente radicalização da esquerda que se agrupava em torno da ANL.¹²⁰

Para Campos, a estratégia de centralizar se dava através da corporativização da economia, que “será uma fórmula adotada por esse mesmo Estado centralizador, que reordena a sociedade em blocos estanques e que assim passam a não ter grande força”.¹²¹ O centralismo sofrerá um revés com a promulgação da Constituição de 34, pois, num primeiro momento, redemocratizou o país com eleições presidenciais e estaduais, mas depois retoma seu impulso com a Lei de Segurança Nacional de janeiro de 1935.

Para Trindade, o período em questão põe em evidência

[...] o conflito federalismo X centralismo, política de Vargas versus política de Flores [que] refletiu-se diretamente na política partidária do RS. As articulações e rearticulações observadas ao longo do período prendem-se não somente ao novo papel centralizador que o Estado passava a desempenhar, com o objetivo de nacionalizar as estruturas políticas (...) mas prendiam-se também às novas ideologias e tendências políticas que se tornaram presentes nos debates parlamentares.¹²²

¹²⁰ HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, Capítulo 4.

¹²¹ CAMPOS, *Op. cit.*, p. 53.

¹²² TRINDADE, *Op. Cit.*, p. 310.

Na mesma análise, o autor enfatiza que uma das preocupações do centralismo era a incorporação das milícias estaduais, tradicionais fontes de poder das oligarquias regionais, recurso que será amplamente utilizado por Flores da Cunha. Sobre a perspectiva de Flores da Cunha de defesa do federalismo, René Gertz destaca que

[...] o governo Flores da Cunha constituía um forte entrave para o avanço dessas tendências “nacionalizadoras” e por isso a campanha irrompe quase abruptamente com o Estado Novo, quando se unem autoridades federais e novos detentores do poder estaduais [...].¹²³

Em choque com essa visão autonomista de federalismo, emergia a ideologia de um Estado forte, tutelar, com duplo caráter: por um lado, com exigências progressistas no nível econômico, com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento do capitalismo no Brasil; por outro lado, com uma prática política impregnada de elementos ultrarreacionários.¹²⁴

Luciano Abreu, em um capítulo de sua tese, retoma a questão da *centralização X autonomia*. Segundo o autor, ainda durante o Governo Provisório, as discussões políticas nacionais foram polarizadas em torno de duas tendências principais: “uma mais autoritária, representada pelo tenentismo, que advogava a manutenção do governo provisório e de suas prerrogativas; e outra liberal – constitucionalista”, que defendia a convocação de eleições para uma Assembléia Constituinte e a volta do país “à normalidade democrática, restabelecendo-se a antiga autonomia regional”.¹²⁵ Abreu, afirma, ainda, que a criação do PRL teve

¹²³ GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991, p. 63.

¹²⁴ SOLA, Lurdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos G. (org.) **Brasil em perspectiva**. 2.ed. São Paulo: Difel, 1968, p.267.

¹²⁵ ABREU, Luciano Aronne de. **RS estadonovista: interventores e interventorias**. Tese. UNISINOS, São Leopoldo, 2004. p. 79.

como objetivo “legitimar o poder e as idéias de um determinado grupo, estando ligado diretamente à Interventoria e à liderança pessoal de Flores da Cunha”.¹²⁶

A busca de afirmação do RS no cenário nacional, envolvendo maior autonomia e menor subordinação do que pretendia o governo federal, foi um motivo para, em determinados momentos, unir governo e setores expressivos das elites rio-grandenses, constituindo um dos pontos motrizes para a organização do evento que marcou época em 1935, no Estado e no País – as Comemorações do Centenário Farroupilha.

Verifica-se, portanto, que a Exposição do Centenário Farroupilha ocorreu num momento em que conviviam, entre amplos setores das elites rio-grandenses, insatisfações com o ritmo centralizador impresso nacionalmente por Vargas. Não que a elite política rio-grandense fosse contrária ao desenvolvimento do capitalismo brasileiro ou a integração nacional. O que os contrapunha ao governo central era principalmente o grau de subordinação que a centralização exigia, restringindo inclusive o poder de mando local dos políticos gaúchos.¹²⁷

Procurou-se apontar até aqui o contexto político dos cinco primeiros anos da década de 30, através de uma breve análise sobre o significado da Revolução de 30 e as frustrações das elites rio-grandenses, bem como as conseqüências da Revolução de 32 no Rio Grande do Sul (criação do PRL, eleições estaduais) e o recrudescimento do conflito político entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha. Neste contexto dá-se a Exposição do Centenário Farroupilha, organizada pelo Estado do Rio Grande do Sul.

¹²⁶ ABREU, *Op. cit.* p. 82.

¹²⁷ MACHADO, *Op. cit.*, p.55-56.

2.3 A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha

Em 20 de setembro de 1935, o governo do Rio Grande do Sul inaugurava uma grande exposição em comemoração ao Centenário da Revolução Farroupilha de 1835. O evento foi realizado sobre a área da cidade conhecida até então por “Várzea” ou “Campo da Redenção”, recebendo o local, a partir daquele momento, a denominação de “Parque Farroupilha”.

A Exposição foi encerrada a 15 de janeiro de 1936 e, com a demolição em 1939 dos diversos pavilhões e construções que a compunham, pouca coisa restou para atestar a dimensão e a importância desta Exposição para a Porto Alegre de então. O lago, alguns monumentos e a fonte luminosa, polarizando o eixo principal do Parque, são os elementos mais imediatos da atual paisagem do Parque capazes de ajudar a recompor a memória de um evento quase apagado da história urbana e social de Porto Alegre.

A importância do evento – os 100 anos da Revolução Farroupilha e os altos significados que tal fato assumia para o governo do estado naquele momento histórico – viabilizou um grandioso programa de comemoração. As Comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha têm como motivo aparente prestar homenagem aos heróis de 1835, através de uma Exposição de grandes proporções, de diversas publicações sobre o tema e de discursos e atos do poder público sobre a história da Revolução Farroupilha. Essa exposição foi amplamente divulgada pelos jornais da capital e teve apoio não só do governo estadual, mas também de outras instituições, como A FARSUL, o Centro da Indústria Fabril e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.¹²⁸

¹²⁸ Sobre a participação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul nas Comemorações do Centenário Farroupilha, ver ISRAEL, Fernanda. Os intelectuais do IHGRS e os festejos do Centenário Farroupilha: a construção da memória farrapa. **Revista Eletrônica História**

A Exposição teve grande repercussão na cidade de Porto Alegre. Em termos de visitação, o número apresentado no Relatório sobre a Exposição, elaborado por Alberto Bins, chega a mais de um milhão de pessoas, numa época em que Porto Alegre possuía 300 mil habitantes.¹²⁹ Sabe-se, por exemplo, através da imprensa, que já nas vésperas da inauguração da mostra, os hotéis e pensões estavam completamente lotados até o dia 15 de outubro. Nessa direção, foram feitos apelos pelo Comissariado Geral para conseguir alojamento em casas particulares ou ainda para que quem viesse visitar a exposição, o fizesse somente em novembro, dezembro e janeiro, pois antes não se encontraria hospedagem na capital.¹³⁰

Para atestar como o evento foi vivido em Porto Alegre, vemos que entre 15 e 30 de setembro de 1935 ocorrem os feriados forenses, a pedido do Instituto da Ordem dos Advogados, e as férias escolares, entre 20 e 30 de setembro. São acontecimentos fora do comum, só justificados pela magnificência alcançada pela exposição.

Além da grandiosidade do cenário montado para as Comemorações do Centenário Farroupilha, um dos fatores que permite medir o sucesso do evento é a sua abrangência em termos de representação (agrícola, pecuária, industrial, comercial e cultural) e a própria quantidade de expositores. O número total de expositores pode ser verificado na tabela 1.¹³¹:

e-história. Disponível em http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=85#_ftn8
Acesso em 15/07/2008.

¹²⁹ **Relatório sobre a Exposição Farroupilha apresentado pelo Comissário Geral Major Alberto Bins ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Gal. J. A. Flores da Cunha.** Porto Alegre: Globo, 1936, p.34.

¹³⁰ Hospedagem. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14/mai/1935, p.1; **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17/mai/1935, p.1; **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14/set/1935, p.8.

¹³¹ **Relatório sobre a Exposição Farroupilha**, *Op. cit.*, p. 26-30.

Tabela 1 Número de expositores do RS e de outros estados

Pavilhões do Estado do RS	Nº de Expositores
Indústrias do Rio Grande do Sul	905
Agricultura	804
Indústrias estrangeiras	177
Cultural	294
Pecuária	287
Total de Expositores do RS	2.467
Pavilhões de outros estados	Nº de Expositores
Estado de São Paulo	62
Minas Gerais	184
Santa Catarina	168
Paraná	38
Pernambuco	75
Amazonas	31
Pará	55
Total de Expositores de outros estados	613
Total dos Expositores	3.080

Observando a tabela acima, vemos que a Exposição conta com mais de 17 pavilhões, onde alguns estados da federação se fazem presente através de seus pavilhões próprios: Santa Catarina, Paraná, Pará, São Paulo, Distrito Federal, Minas e Pernambuco. Do total de expositores, 2.467 eram do Rio Grande do Sul. Apenas de indústrias gaúchas foram 905 expositores. Aos demais estados coube um total de 613 expositores, perfazendo um número superior a 3 mil expositores em toda a exposição, divididos nos diversos pavilhões existentes. Analisando a tabela podemos perceber, também, a pequena participação de São Paulo. Em

relação à sua importância econômica, os paulistas apresentaram quase o mesmo número de expositores que o Estado do Pará.¹³²

A ideia de realizar uma grande exposição comemorativa do centenário da Revolução Farroupilha surgiu no final do ano de 1933, por iniciativa dos produtores rurais, através de sua entidade, a Federação das Associações Rurais do estado (FARSUL), baseado no sucesso obtido por exposições anteriores realizadas no Rio Grande do Sul e no Brasil, em especial a Exposição Estadual Rural de 1931.¹³³ Assim, a FARSUL dirigiu-se ao interventor Flores da Cunha, colocando a conveniência de realizar uma exposição não apenas agrícola e pastoril, mas também industrial, com o objetivo de realizar uma demonstração da capacidade produtiva do Rio Grande do Sul para todo o Brasil.¹³⁴ Há que se considerar que a prática de exposições era bastante utilizada pelas classes dominantes locais. Bakos argumenta que

para manter sua hegemonia, o PRR julga importante igualmente empresariar exposições grandiosas para mostrar e incentivar, com prêmios pecuniários e honorarias, a produção industrial e agropecuária do estado e do município. Para tais ocasiões, visando a manter o culto ao passado histórico e seus heróis, utiliza-se a data 20 de setembro, símbolo do início da Revolução Farroupilha. As Exposições são, em geral, tão bem organizadas que até mesmo os opositores do partido no governo não podem deixar de elogiá-las.¹³⁵

Dessa forma, a realização de uma grande exposição não é uma ideia original. As grandes exposições tornaram-se famosas ainda no século XIX e possuem estreita relação com a veiculação das propostas das elites dominantes,

¹³² Contribuiu para a baixa participação dos paulistas a relação nada amistosa entre o Comissário Geral da Exposição, Mario de Oliveira, e o responsável pela divulgação do evento na capital paulista, Oscar Tollens. Conforme troca de correspondências levantada por ELIBIO, *op. cit.*, p.351.

¹³³ MACHADO, *op. cit.*, p. 104.

¹³⁴ Grande exposição comemorativa do Centenário Farroupilha. **A Federação**, Porto Alegre, 21/fev/1934, p. 2.

¹³⁵ BAKOS, Margaret Marchiori. **Porto Alegre e seus eternos intendentos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 27-28.

inseridas na ordem capitalista e em projetos de modernização econômica.¹³⁶ As exposições eram constituídas como grandes espetáculos, destinados a serem vividos intensamente, transformando-se em espaço de difusão dos objetos expostos.

Por seu caráter festivo, muitas exposições foram organizadas em datas históricas significativas: é o caso da exposição de 1889 na França e da Exposição de Chicago em 1893, comemorando o quarto centenário do descobrimento da América. No Brasil, as exposições ocorrem com maior frequência a partir do início do século, da mesma forma que o país envia delegações ao exterior para a participação de exposições estrangeiras.

A visão que predominava acerca dessas mostras está bem traduzida num artigo em *A Federação*, onde se destaca que

Estes certames são provas esplêndidas da capacidade econômica de nossas comunas, expressão do progresso que o Rio Grande vai atingindo nos diversos setores de sua empolgante atividade.¹³⁷

Em outro artigo, escrito quase um ano após, salientava-se que “são as exposições, como as estatísticas, os meios de tornar conhecidas as riquezas das nações.”¹³⁸ A exposição era vista também, através do *Jornal da Manhã*, como um “testemunho imparcial onde os visitantes podem ver com seus próprios olhos o crescimento do Rio Grande do Sul”.¹³⁹

Quanto à organização e aos preparativos das comemorações, foi constituído um Comissariado Geral da Exposição com a participação direta de

¹³⁶ MACHADO, *op. cit.*, p. 63.

¹³⁷ Empolgantes demonstrações do trabalho rio-grandense. **A Federação**. Porto Alegre, 5/jun/1934, p.1.

¹³⁸ A Exposição Farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 24/ago/1935, p.1.

¹³⁹ “Um testemunho imparcial”. **Jornal da Manhã**. Porto Alegre, 12/set/1935, p.1.

figuras do governo, de representantes da elite rural e da emergente burguesia industrial.¹⁴⁰ O Comissariado era composto pelo governador Flores da Cunha, um consultor técnico, um representante da FARSUL e um representante do Centro de Indústria Fabril, além de funcionários técnicos e burocráticos. Alberto Bins, prefeito de Porto Alegre, foi nomeado Comissário Geral do evento.¹⁴¹ Segundo os jornais da época, o grupo elegido para compor o Comissariado Geral da Exposição seria formado exclusivamente por “generais, médicos, classe alta”.¹⁴²

Embora oficialmente lançado em junho de 1934, os preparativos do evento antecedem a criação do Comissariado Geral. Ainda no início de 1934, surgem, na imprensa, diversos artigos anunciando o Centenário Farroupilha e a ideia da programação da comemoração. Nesse sentido, o valor da imprensa foi incontestável para a divulgação do grande certame, pois divulgou-o através de artigos e entrevistas quase que diários.

Os artigos na imprensa da capital a respeito do centenário, que seria comemorado em 1935, começam a ser mais frequentes no início do ano de 1934. Alguns são bastante enfáticos, como, por exemplo, o artigo do jornal *A Federação* de 1º de janeiro de 1934, que buscava dar maior legitimidade e respaldo ao passado farroupilha, inclusive, através de sua comparação com valores e ideais da Grécia antiga.¹⁴³

O Comissariado Geral da Exposição muito utilizou os meios de comunicação para divulgá-la. É possível ter uma idéia da insistência na divulgação da mostra através dos inúmeros artigos ou entrevistas nos jornais de Porto

¹⁴⁰ MACHADO, *op. cit.*, p. 105.

¹⁴¹ **Relatório sobre a Exposição Farroupilha**, *op.cit.*, p.7.

¹⁴² As Comemorações do Centenário Farroupilha. **Jornal da Manhã**. Porto Alegre, 2/fev/1934, p.7; Centenário da Epopéia Farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 5/fev/1934, p.1.

¹⁴³ Um ideal helênico revivendo em nossos dias. **A Federação**. Porto Alegre, 1/jan/1934, p.6.

Alegre.¹⁴⁴ À medida que a data da exposição se aproximava, as notícias recrudesciam, tornando-se quase diárias. A frequente denominação do local como “cidade farroupilha” e a sistemática referência à imponência e monumentalidade da arquitetura dos pavilhões que estavam sendo construídos são significativos indícios do espírito que começou a tomar conta da cidade. Artigos sobre a “epopeia dos farrapos” também eram bastante frequentes, ressaltando que a Exposição demonstraria o culto e o civismo dos gaúchos. Como já foi citado, para que a participação no evento fosse ampliada aos estudantes, o governo gaúcho determinou, através de decreto, que houvesse férias escolares entre 20 e 30 de setembro.¹⁴⁵

As iniciativas do governo estadual para as Comemorações do Centenário Farroupilha podem ser traduzidas pelas iniciativas do Comissariado Geral na organização e divulgação do evento, algumas já mencionadas aqui. Além disso, o governo empenhou-se em proporcionar uma série de facilidades aos participantes. A Viação Férrea Estadual, por exemplo, ofereceu transporte gratuito aos animais que seriam expostos, aos produtos agrícolas e industriais, material de propaganda, impressos, mostruários e qualquer material que tivesse por destino a Exposição. Caso o transporte fosse por uma companhia de navegação, teria o desconto de 50%. Os visitantes do certame gozavam de um plano especial, com redução de 50% nas tarifas, no período de 13 de setembro a 20 de dezembro, com direito a ida e volta.¹⁴⁶

¹⁴⁴ Todos os jornais de Porto Alegre, no ano de 1935, dedicaram grandes espaços às Comemorações do Centenário Farroupilha. Destaque para *Correio do Povo* e *A Federação*, escolhidos como principais fontes para este trabalho, por serem, respectivamente, o jornal de maior circulação no período e a imprensa partidária do governador Flores da Cunha.

¹⁴⁵ As festividades do Centenário Farroupilha. **Jornal da Manhã**. Porto Alegre, 15/set/1935, p.1.

¹⁴⁶ Os preparativos para a Exposição Farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 12/ago/1935, p.14; Exposição Farroupilha – o transporte de animais e mostruários – abatimentos sobre as passagens. **A Federação**. Porto Alegre, 13/ago/1935, p.3; Os fretes para mostruários destinados a Exposição Farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 16/ago/1935, p.2.

Cabe ressaltar, ainda, que tal era a importância dada pelo governo aos objetivos maiores almejados com o evento que havia a preocupação em ultrapassar o ambiente físico da Exposição Farroupilha, atingindo Porto Alegre como um todo, fazendo parte do cenário como um amplo cartão de visitas do progresso do Estado.¹⁴⁷ Assim, em julho de 1935, Alberto Bins fez um apelo à população da cidade para que mandasse pintar e consertar as fachadas de suas casas tendo em vista a proximidade da exposição.¹⁴⁸ Ainda com este sentido, às vésperas da inauguração, a prefeitura e o governo estadual divulgaram, através da imprensa, seu interesse em que todos os que possuíssem bandeiras (do estado ou nacional) as hasteassem durante os dias 20, 21 e 22 de setembro, que foram decretados feriados.¹⁴⁹

Com tais iniciativas, o governo objetivava envolver a população com as festividades. Acima das diferenças sociais existentes, tratava-se de fazer com que cada um se sentisse responsável pelo sucesso do evento, congregando, ao mesmo tempo, o máximo de pessoas possível em torno de um objetivo comum.

Quanto ao engajamento da oligarquia rural nas Comemorações do Centenário Farroupilha, basicamente centravam-se nos esforços da FARSUL. Em abril de 1935, *A Federação* destaca, em um artigo, que a FARSUL conclamava, para que “a classe rural do estado demonstre exuberantemente na grande Exposição do Centenário Farroupilha tudo quanto tem feito pelo crescente progresso da coletividade gaúcha.”¹⁵⁰

Na Exposição, as seções de pecuária e agricultura ficaram a cargo da FARSUL. Durante as Comemorações, no Pavilhão da Agricultura, além da

¹⁴⁷ O adiantamento da construção dos pavilhões e obras de arte da grande Exposição do Centenário Farroupilha. **Jornal da Manhã**. Porto Alegre, 13/jun/1935, p.9.

¹⁴⁸ Porto Alegre e o Centenário Farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 3/jul/1935, p.1.

¹⁴⁹ As festividades do Centenário Farroupilha. **Jornal da Manhã**. Porto Alegre, 18/set/1935, p.11.

¹⁵⁰ Exposição do Centenário Farroupilha – a seção de pecuária e os cuidados do Estado. **A Federação**. Porto Alegre, 25/abr/1935, p.8.

representação de produtos de várias estações experimentais e inspetorias, eram encontradas inúmeras amostras de produtos, de todos os tipos, que foram trazidos por centenas de agricultores, num total de 804 expositores. Quanto à seção da pecuária na Exposição, várias categorias (entre bovinos, equinos e suínos) foram expostas, perfazendo um total de 668 animais, sem contar a seção de avicultura e caninos.¹⁵¹

Quanto à participação da elite industrial, cabe destacar que o espaço adotado na Exposição do Centenário Farroupilha privilegiou a afirmação desse setor, tendo em vista mostrar ao Brasil que o Rio Grande do Sul não era apenas o celeiro do País, mas também, um Estado em ritmo crescente de industrialização e comprometido com o progresso. Para tal afirmação, podemos comparar a visível diferença entre a área do Pavilhão das Indústrias do Rio Grande do Sul e os demais pavilhões. Em metros quadrados, o Pavilhão das Indústrias do Rio Grande do Sul ocupava mais de seis vezes o Pavilhão das Indústrias Estrangeiras e mais de nove vezes em relação ao Pavilhão de São Paulo.¹⁵²

O maior número de expositores era de industriais de Rio Grande do Sul, com 905 estandes. Isso demonstra os esforços do empresariado industrial do Estado, através do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul – CINFA –, responsável pela seção das indústrias na Exposição. A. J. Renner, presidente da entidade e membro do Comissariado Geral da Exposição, desde 1934 tentava mobilizar os industriais do estado para participar das Comemorações Farroupilhas.¹⁵³

Essa grande participação dos industriais gaúchos na Exposição do Centenário Farroupilha dimensiona a crescente industrialização em relação aos outros setores produtivos no Rio Grande do Sul. A seguir pode-se visualizar o

¹⁵¹ MACHADO, *op. cit.*, p.117.

¹⁵² *Ibid.*, p.168.

¹⁵³ A reunião de ontem no Centro da Indústria Fabril. **A Federação**. Porto Alegre, 27/mar/1934, p.3.

tamanho do Pavilhão das Indústrias do RS através da planta da Exposição do Centenário.

Planta da Exposição do Centenário Farroupilha.



Fonte: Catálogo Arquitetura Comemorativa da Exposição do Centenário Farroupilha, 1935. p. 7

Isso mostra o quanto o Rio Grande do Sul estava inserido em uma tendência nacional de industrialização que se desenvolvia nesse período, pois, de acordo com Singer,

[...] após 1930 o poder público passou a dar máxima prioridade ao desenvolvimento do mercado interno, ao crescimento para dentro, adotando uma estratégia em que a industrialização aparece como instrumento para tornar a economia nacional menos dependente do mercado mundial.¹⁵⁴

Percebe-se claramente que a Exposição visava favorecer a transmissão de uma imagem de Estado no qual o papel da indústria e do comércio estivesse destacado.¹⁵⁵ Deve ser levado em conta que Alberto Bins, além de prefeito era industrial, integrante da diretoria do Centro da Indústria Fabril, portanto, também favorável a uma maior afirmação do Rio Grande do Sul no plano industrial e comercial.¹⁵⁶ Ficou claro que o Pavilhão das Indústrias deveria receber maior atenção das autoridades que organizaram o evento, pois a fábrica remetia ao lado mais moderno da produção rio-grandense. Dessa forma, o Pavilhão das Indústrias era o maior e o mais representativo, localizado no limite central da Avenida das Nações.

Para Flores da Cunha, o evento faria uma conciliação entre todas as forças produtivas nacionais, demonstrando a singularidade de cada região brasileira, através dos diferentes pavilhões. Entretanto, para o governador gaúcho, o Rio Grande do Sul, ao organizar as festividades, tornava-se “palco do progresso experimentado no presente nacional”.¹⁵⁷

¹⁵⁴ SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica do desenvolvimento. In: FAUSTO: Boris (Org.) **O Brasil Republicano**. Tomo III. Vol. IV. São Paulo: DIFEL, 1984, p.218.

¹⁵⁵ **Relatório sobre a Exposição Farroupilha**, *op. cit.*, p.10.

¹⁵⁶ MACHADO, *op. cit.*, p.169.

¹⁵⁷ As festividades farroupilhas. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 23/ago/1935, p.10.

3 A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA EM A *FEDERAÇÃO E CORREIO DO POVO*

Este capítulo tem como cerne a cobertura que dois jornais – *Correio do Povo* e *A Federação* – fizeram da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, através da exposição e da análise do que eles publicaram sobre o evento no mês de setembro de 1935. Como se verá, o mesmo evento levantou questionamentos diferentes por parte desses dois veículos de informação. Por outro lado, em alguns momentos, percebe-se um tratamento das matérias muito parecido em relação à abordagem e ênfase dada a alguns temas.

Primeiramente, acredita-se ser relevante explicar o modo como as matérias do jornal foram tratadas nesta pesquisa. Retomando as discussões do primeiro capítulo, sobre Imprensa e História, pode-se dizer que inúmeros estudos utilizam, das mais diversas formas, os jornais como fonte para a pesquisa histórica. Nesta pesquisa, a partir da *Análise de Conteúdo* (AC), procurou-se utilizar, nas palavras de Krippendorff, “uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que podem se aplicar a seu contexto”.¹⁵⁸ O desenvolvimento histórico da AC se reflete em vários enfoques de pesquisa, nos diversos campos do conhecimento, como a Psicologia, a História e a Comunicação. Bauer considera a AC uma técnica híbrida por fazer a ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa de materiais, oscilando entre esses dois pólos, ora valorizando o aspecto quantitativo, ora o qualitativo.¹⁵⁹

¹⁵⁸ KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodologia de análisis de contenido**. Barcelona: Paidós, 1990, p. 29.

¹⁵⁹ BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER: Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.189.

Em função da diversidade de abordagens conceituais e metodológicas faz-se necessário explicitar, brevemente, um referencial básico sobre os principais fundamentos da Análise de Conteúdo utilizados nesta pesquisa. O desenvolvimento do método de AC é resultado da contribuição de diversos autores. Entre as tendências metodológicas existentes, encontra-se a proposta da pesquisadora francesa Laurence Bardin.¹⁶⁰ Para esta autora, a AC organiza-se em três fases cronológicas: **1. Pré-análise:** consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado; **2. Exploração do material:** refere-se à análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação e categorização; **3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação:** momento cujos resultados são tratados de maneira a serem significativos e válidos.

A primeira fase da AC, neste trabalho, deu-se com a constituição do *corpus* documental a ser analisado. Como já mencionado na Introdução, após a escolha pelo estudo da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha através da imprensa, realizou-se um levantamento dos jornais que fizeram intensa cobertura do evento. Dada a diversidade dos periódicos, foram selecionados dois importantes jornais para a Porto Alegre de então: o *Correio do Povo*, por seu papel pioneiro na gestão empresarial do jornalismo e *A Federação*, por representar oficialmente a voz do governo estadual, sob a tutela do PRL.

Naquele momento procurou-se cumprir com uma de suas principais regras de constituição do *corpus* documental: a regra da exaustividade. Por essa regra, todas as matérias relativas à Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, no período escolhido (setembro), foram consideradas. Por *matérias* entende-se,

Tudo o que é publicado, ou feito para ser publicado, por um jornal, revista, radiojornal ou telejornal, incluindo textos e ilustrações (visuais ou sonoras). Tanto o original de qualquer notícia, artigo,

¹⁶⁰ BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1970. A autora expõe a metodologia na terceira parte de sua obra. Para facilitar a leitura e evitar o excesso de citações desta obra, considerada como referência no assunto, procurou-se referenciar essa autora nos casos estritamente necessários, como forma de delimitar suas ideias das dos demais autores utilizados nesta seção.

crônica, nota, etc., quanto a sua forma impressa recebem, genericamente, o nome de matéria.¹⁶¹

Assim, nesta pesquisa, em referência ao conjunto de tudo o que foi publicado será utilizado a denominação *matéria*. O passo seguinte à organização da análise foi de codificar as informações das matérias, segundo a regra de enumeração da frequência com que uma ideia ou tema foi tratado nos dois jornais, na tentativa de medir a *importância*, *atenção* ou *ênfase* de cada matéria. Elaborou-se um formulário de codificação a fim de facilitar a análise das matérias. [Ver formulário no Apêndice A]¹⁶² Em seguida, trabalhou-se na classificação com um número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a quantidade de matérias e sua diversidade. Segundo Bardin, os critérios de categorização podem ser *semântico* (categorias temáticas), *sintático* (por verbos e adjetivos recorrentes) e *léxico* (classificação das palavras conforme seu sentido). Após a codificação, procurou-se reunir as matérias em grupos similares de forma a impor certa organização a elas; dali emergiram cinco grandes categorias, segundo agrupamentos temáticos: 1. a infraestrutura do evento; 2. a participação das Associações de Classes Patronais; 3. a visita do Presidente Getúlio Vargas; 4. Os estandes, seções e pavilhões da Exposição; e, por fim, 5. a representação de Flores da Cunha.

Na escolha das categorias desta pesquisa, procurou-se considerar a característica de *exclusão mútua*, ou seja, uma matéria incluída na categoria X não pode ser incluída na categoria Y. Excluiu-se do *corpus* aquelas matérias que não se referiam a nenhuma dessas categorias. Com isso, a quantidade de matérias utilizadas para análise ficou estabelecida conforme mostra a Tabela 2:

¹⁶¹ RABAÇA, Carlos; GUIMARÃES, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001, p. 474.

¹⁶² O Formulário de Codificação baseou-se no modelo utilizado por JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 296-297.

Tabela 2 Quantidade de matérias utilizadas na Análise

JORNAL	QUANTIDADE
<i>Correio do Povo</i>	48
<i>A Federação</i>	58
Total	106

Para melhor compreender essas matérias, procurou-se utilizar, também, os pressupostos de Moraes, que considera que

A AC constitui uma metodologia de pesquisa utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de toda uma classe de documentos e textos, Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.¹⁶³

Moraes converge com as reflexões de Krippendorf, sobre as inúmeras possibilidades de investigar os textos a partir de inúmeras perspectivas. Para esse último autor, com o instrumental da AC, podemos, em qualquer mensagem escrita, “categorizar as frases, descrever a estrutura lógica das expressões, verificar as associações, denotações, conotações, etc.”¹⁶⁴ A partir dessas referências, utiliza-se nesta pesquisa, a ideia de que as matérias possuem uma *conotação* em suas mensagens em relação à Exposição do Centenário Farroupilha. A conotação pode ser *neutra*, *favorável* ou *crítica*.¹⁶⁵

Considerou-se como conotação favorável ou de exaltação aquelas matérias que abordam o assunto positivamente, com elogios e ausência de informações ou

¹⁶³ MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Educação**. Porto Alegre, PUCRS, ano 22, n. 37, mar. 1999, p.9.

¹⁶⁴ KRIPPENDORFF, *op. cit.*, p. 30.

¹⁶⁵ Ver o Formulário de Codificação no Apêndice A.

opiniões que criticam a Exposição do Centenário Farroupilha. Como conotação crítica, avaliou-se as matérias que tratam o evento de maneira desfavorável, apontando seus entraves, exageros, desorganização, superficialidade ou até deficiências. Por fim, as matérias de cunho essencialmente informativo, que procuravam distanciar-se de opiniões foram classificadas como *neutras*. [Ver tabelas 3 e 4] Procurou-se classificar, preferencialmente, as matérias de cunho informativo com uma conotação neutra.

Tabela 3 Conotação das matérias por categorias - *Correio do Povo*

CATEGORIAS	CONOTAÇÃO DA MENSAGEM			QUANTIDADE
	Favorável	Neutra	Crítica	
Infraestrutura	3	2	3	8
Associações de Classes Patronais	4	-	2	6
Getúlio Vargas	4	2	1	7
Estandes, Seções e Pavilhões	13	12	-	25
Flores da Cunha	2	-	-	2
Total	26	16	6	48

Tabela 4 Conotação das matérias por categorias - *A Federação*

CATEGORIAS	CONOTAÇÃO DA MENSAGEM			QUANTIDADE
	Favorável	Neutra	Crítica	
Infraestrutura	6	2	1	9
Associações de Classes Patronais	5	-	-	5
Getúlio Vargas	7	1	-	8
Estandes, Seções e Pavilhões	21	2	-	23
Flores da Cunha	13	-	-	13
Total	52	5	1	58

Destaca-se aqui que este estudo importou-se mais com o conteúdo dos jornais utilizados do que com a forma como estes apresentam suas matérias. Entretanto, tem-se a convicção de que o discurso do jornal não está solto no espaço, pois há uma série de agentes tomando decisões sobre *o que* se publica e *como* se publicam certas informações. Assim, pretende-se priorizar o conteúdo

das matérias desses dois jornais sobre a Exposição do Centenário Farroupilha, pontuando, quando necessário, a forma como foi feita a veiculação.

Retomando a questão inicial desta pesquisa, procurou-se analisar as matérias veiculadas pelo *Correio do Povo* e *A Federação* durante a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, tentando responder como o tema foi tratado pelo jornal. Considerando as reflexões dos capítulos anteriores, pretendeu-se aplicar ao material selecionado a AC, com o fim de perceber as diferenças e semelhanças na veiculação das matérias dos dois jornais. Nessa perspectiva, alguns elementos foram considerados como fundamentais, como o destaque dado em capas, às ilustrações e títulos, pois, segundo Kientz,

Cada jornal tem seu próprio código de valorização. De um modo geral a inserção de uma informação na primeira página confere-lhe uma importância nitidamente superior à resultante de sua inserção na página do meio. O alto da página vale mais do que o rodapé [...].¹⁶⁶

Conforme apontamentos no Capítulo 1, *Imprensa e História*, os jornais *Correio do Povo* e *A Federação*, no período da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, destacavam-se entre os jornais que circulavam no Rio Grande do Sul. Cada um com suas especificidades e características, era responsável por informar a população sobre os mais variados assuntos. No evento em questão, esses jornais não deixaram de apresentar o posicionamento e opiniões sobre a Exposição. Para melhor situarmos quais são as seções dedicadas à opinião e à informação em um jornal, utilizamos a classificação do professor Marques de Melo, em sua obra *A opinião no jornalismo brasileiro*. Nessa obra, o autor aponta para a existência de dois gêneros jornalísticos: o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo. O primeiro contempla a nota, a notícia, a

¹⁶⁶ KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa: análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973, p.99.

reportagem e a entrevista, enquanto o segundo reúne o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta.¹⁶⁷

Dentre as 106 matérias utilizadas nesta pesquisa, identificou-se diferentes gêneros nos dois jornais, conforme mostrado nas Tabelas 5 e 6:

Tabela 5 Quantidade de matérias encontradas em Setembro no *Correio do Povo*

TIPO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Editorial	8	16,6%
Notícia	17	35,4%
Nota	6	12,5%
Discurso*	8	16,6%
Artigo	8	16,6%
Entrevista	1	2%
Total	48	100%

Tabela 6 Quantidade de matérias encontradas em Setembro em *A Federação*

TIPO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Artigo	1	1,7%
Editorial	10	17,5%
Notícia	24	42,1%
Nota	8	14%
Discurso*	10	17,5%
Suelto	5	8,7%
Total	58	100%

* Transcrições literais de discursos proferidos por políticos, funcionários públicos ou membros da organização da Exposição do Centenário.

Para facilitar o entendimento acerca das diferentes matérias utilizadas nesta pesquisa, consultou-se, o *Dicionário de Comunicação*, de autoria de Rabaça e Guimarães. Segundo esta obra, entende-se por editorial o

Texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos ou acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e

¹⁶⁷ MELO, José Marques de. **A opinião do jornalismo brasileiro**. 2.ed. São Paulo: Ed. Vozes, 1994.

expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável por sua publicação ou emissão. O editorial apresenta, principalmente em sua forma para jornal, traços estilísticos peculiares.¹⁶⁸

O editorial, assim, é o porta-voz do veículo de comunicação, considerado seção uma seção nobre do jornal, pois expressa a opinião da empresa frente a questões de maior repercussão local ou nacional. Os traços estilísticos peculiares nos editoriais de *A Federação* são a busca por erudição e por uma linguagem mais laudatória. Quanto ao seu conteúdo, o editorial ocupa-se geralmente das questões político-partidárias estaduais e nacionais. Durante o período em questão, o editorial desse jornal manteve-se sempre na primeira página, ocupando duas colunas à esquerda, compartilhando espaço com as matérias de capa.

O *Correio do Povo*, por sua vez, apresenta seu editorial na página 3, em duas colunas. Tem como característica uma linguagem mais direta e objetiva, ocupando-se de temáticas mais variadas que as questões político-partidárias. A economia e a sociedade são temas recorrentes nos editoriais do *Correio* durante a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha.

Juntamente com o editorial, o artigo é um importante gênero do jornalismo opinativo. É um texto que desenvolve ou comenta um assunto a partir de determinada fundamentação. Segundo Rabaça e Guimarães,

Geralmente assinado, o artigo difere-se do editorial por não apresentar enfaticamente, como neste, uma receita para a questão em pauta, nem representar necessariamente a opinião da empresa jornalística [...]. O projeto de todo o artigo é a explicação de um fato, segundo propósitos variados (informativos, interpretativos, persuasivos ou indutivos)¹⁶⁹

¹⁶⁸ RABAÇA; GUIMARÃES, *op. cit.*, p. 255-256.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 42.

O profissional que, periodicamente, escreve artigos para os jornais, intitula-se *articulista* e ele pode ou não fazer parte do quadro funcional da empresa jornalística. Tecendo opiniões sobre os fatos econômicos, políticos e sociais relacionados à Exposição do Centenário, os articulistas do *Correio do Povo* foram principalmente, Renato Costa, André Carrazzoni e Raul Pilla, enquanto que em *A Federação*, destaca-se a ausência de artigos assinados sobre a Exposição. A única matéria desse gênero que se encaixa nas categorias elencadas é uma transcrição de um artigo, sem autoria, de uma revista uruguaia intitulada *Energia*. [Ver tabela 7]

Tabela 7 Artigos do Correio do Povo e A Federação – set 1935

CORREIO DO POVO			
DATA	PÁGINA	TÍTULO DO ARTIGO	ARTICULISTA
03.09.1935	3	<i>As forças econômicas do Rio Grande e o Ministério da Agricultura Nacional: um aspecto dos nossos problemas</i>	Renato Costa
08.09.1935	3	<i>Mythos, symbolos, legendas</i>	André Carrazzoni
10.09.1935	5	<i>A imprensa na revolução dos Farrapos</i>	Fernando Callage
12.09.1935	5	<i>Microscópio</i>	Raul Pilla
15.09.1935	12	<i>Data Centenária</i>	Manoelito Macedo
19.09.1935	14	<i>Os farrapos atiram-nos a tocha!</i>	Sante Uberto Barbieri
21.09.1935	3	<i>O balanço de uma Revolução</i>	Renato Costa
29.09.1935	13	<i>Cem anos depois</i>	Luiz C. de Lacerda
A FEDERAÇÃO			
DATA	PÁGINA	TÍTULO DO ARTIGO	ARTICULISTA
17.09.1935	3	<i>La personalidad Del Gal. J.Flores da Cunha</i>	Sem autoria. Transcrito da Revista uruguaia <i>Energia</i> .

Outro gênero de matéria opinativa utilizada nesta pesquisa foram os *sueルト*. Na definição de Rabaça e Guimarães, *suelto* é um

breve texto jornalístico, composto por uma nota (informação rápida) seguida de comentários de valor, de modo a se obter uma glosa do fato. [...] se caracteriza por parágrafos curtos, frase breve e por um tom entre a ironia e o chiste.¹⁷⁰

Interessante ressaltar que identificou-se apenas cinco *sueルト* em *A Federação* em um universo de 58 matérias; ao passo, que, no *Correio do Povo*, não há *sueルト* entre as 48 matérias, pois os poucos que tratavam sobre a Exposição do Centenário foram excluídos da análise por não se enquadrarem em nenhuma das categorias construídas. [Ver Tabela 8]

Tabela 8 Suetos - A Federação

DATA	PÁG.	TÍTULO	TIPO
23.09.1935	Última	<i>Os preços escorchantes cobrados no cassino da Exposição</i>	Suelto
24.09.1935	2	<i>Hora vibrante de entusiasmo e de alegria</i>	Suelto
27.09.1935	3	<i>Na seção de indústria pastoril da Exposição: o cavalo crioulo</i>	Suelto
28.09.1935	3	<i>Na seção de indústria pastoril: os ovinos e os suínos</i>	Suelto
30.09.1935	3	<i>Na seção de indústria pastoril: a raça caracu</i>	Suelto

Em relação às matérias que, segundo Marques de Melo, fazem parte do gênero de *jornalismo informativo*, a maioria, utilizada na análise, compõe o tipo intitulado como *notícia*. Por notícia, entende-se:

Relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade, e capaz de ser compreendido

¹⁷⁰ Ibid., p. 699.

pelo público. [...] Segundo Frase Bond, “a notícia não é um acontecimento, ainda que assombroso, mas a narração desse acontecimento.” [...] Os editores da revista *Colliers Weekly* definem notícia como “tudo o que o público necessita saber; tudo aquilo que o público deseja falar; quanto mais comentário suscite, maior é o seu valor; é a informação exata e oportuna dos acontecimentos, descobrimentos, opiniões e assuntos de todas as categorias que interessam aos leitores; são os fatos essenciais de tudo o que aconteceu, acontecimento ou idéia que têm interesse humano.”¹⁷¹

A notícia tem seu fundamento, portanto, no interesse do público pelas informações veiculadas pelo jornal, acerca dos mais diversos acontecimentos ou fenômenos da vida social. Com quase o mesmo significado, a *nota* difere-se das notícias pela sua extensão. Caracterizada por extrema brevidade e concisão, a nota é uma pequena notícia destinada à informação rápida.¹⁷² Entre as matérias encontradas em *A Federação*, podemos perceber que 54,1% são matérias essencialmente informativas, ao passo que, no *Correio do Povo*, esse percentual chega a 47,9%, o que, em princípio parece ser uma contradição, visto que o *Correio do Povo* julga-se muito mais interessado em noticiar do que opinar. Essa contradição será retomada ao longo da narrativa deste capítulo.

Cabe destacar que apenas *uma* matéria, dentre o *corpus* estabelecido, destaca-se como um gênero conhecido como *entrevista*. Pode-se definir entrevista como “trabalho de apuração jornalística que pressupõe o contato pessoal entre o repórter e uma ou mais pessoas, de destaque ou não, que se disponha a prestar informações para a elaboração de notícias”.¹⁷³ Veiculada no *Correio do Povo*, em 20 de setembro, a entrevista com o governador da Bahia, Juracy Magalhães, pode ser considerada como uma matéria informativa, pois o governador relata ao

¹⁷¹ Ibid., p. 513-514.

¹⁷² Ibid., p. 512.

¹⁷³ Ibidem, p. 272.

repórter que viera ao Estado para acompanhar o presidente nas festas do Centenário, bem como suas expectativas para a inauguração.

As Tabelas 9 e 10 têm a finalidade de identificar em que páginas as matérias foram publicadas nos dois jornais, a fim de demonstrar as seções de cada jornal onde houve maior ou menor incidência de informações para esta pesquisa.

Tabela 9 Distribuição de matérias por página - *Correio do Povo*

PÁGINA	QUANTIDADE DE MATÉRIAS	PORCENTAGEM
3	11	22,9
5	2	4,1
9	1	2
10	5	10,4
11	6	12,5
12	8	16,6
13	8	16,6
14	1	2
15	1	2
16	1	2
17	3	6,25
21	1	2
Total	48	100

Tabela 10 Distribuição de matérias por página - *A Federação*

PÁGINA	QUANTIDADE DE MATÉRIAS	PORCENTAGEM
1	20	34,4
2	8	13,7
3	15	25,8
4	1	1,7
5	4	6,8
6	4	6,8
7	4	6,8
9	1	1,7
Última	1	1,7
Total	58	100

Pelos dados das tabelas, pode-se perceber que o *Correio do Povo* não divulgou matérias sobre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha em sua capa, mesmo em 20 de setembro, dia da inauguração com a presença do presidente da República. Destaca-se que a maioria de suas matérias foi publicada na página 3, onde tradicionalmente apresenta-se o editorial e os artigos de seus articulistas, e nas páginas 10 e 13, folhas destinadas à seção *Noticiário*. Por outro lado, em *A Federação*, a página mais utilizada para divulgar as matérias sobre a Exposição foi a capa, onde encontra-se, além das principais chamadas, o editorial do jornal.

Cabe uma ressalva em relação a esses números, pois a distribuição nas páginas também se relaciona com o critério “nacional, regional e local” utilizado pelos jornais. Como referido no Capítulo 1, cada um dos periódicos possuía uma forma de organização de suas matérias. Enquanto *A Federação* estruturava em sua primeira página as notícias de destaque tanto da conjuntura política regional quanto da nacional, abarcando, ainda, diariamente, uma coluna que representa o pensamento político-ideológico do Partido Republicano Liberal, no *Correio do Povo* era quase uma regra divulgar na página inicial e na contracapa as notas e notícias de cunho político, nacionais e internacionais. Assim, dado o caráter local do acontecimento, explica-se a ausência da Exposição do Centenário Farroupilha na capa do *Correio do Povo*.

3.1 A infraestrutura do certame de 1935

Inicia-se a narrativa desta seção analisando as matérias que tratam da *infraestrutura* da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha. Concebe-se como infraestrutura, os elementos que fornecem suporte a uma cidade, região ou neste caso, a um parque de exposição, como, por exemplo, sistemas de

transportes, fornecimento de energia, sistemas viários, de limpeza, organização, etc.¹⁷⁴

As matérias que tratam da infraestrutura do evento concentram-se, em sua maioria, nas edições que precedem a inauguração da Exposição, em 20 de setembro. Entre os tópicos abordados, o *Correio do Povo* caracteriza-se por apresentar um maior número de matérias com conotação desfavorável à infraestrutura da cidade de Porto Alegre e da Exposição montada, principalmente em editoriais e artigos de Renato Costa.

Em editorial de 3 de setembro, o *Correio do Povo* alerta para a situação dos transportes urbanos e interurbanos de Porto Alegre. Em um duro ataque às péssimas condições de transporte oferecidas à população, o jornal afirma que a situação de seus transportes viários, especialmente os bondes, poderia comprometer a imagem de progresso que a Exposição pretendia passar aos seus visitantes. Segundo o jornal, o problema dos transportes era de “abundância, organização e conforto”. Sobre os bondes, questionou aos seus leitores:

[...] quais os recursos de Porto Alegre durante os dias das Comemorações do Centenário Farroupilha? Se, para a população nos dias triviais da vida, do princípio ao fim de cada ano, faltam estes transportes em número, em qualidade, em eficiência de movimento, de distribuição, de horário, que dizer durante os dias extraordinários da grande exposição?¹⁷⁵

Apontando para a situação dos bondes na cidade, o editorial acusa o convênio firmado entre a prefeitura de Porto Alegre e a Carris como um dos principais fatores da pobreza dos transportes da capital. Demonstra, ainda, a preocupação com as ações que seriam tomadas para solucionar esse problema,

¹⁷⁴ MARRARA, Thiago. **Bens públicos, domínio urbano, infra-estruturas**. Belo Horizonte: Ed. Fórum, 2007.

¹⁷⁵ Transportes urbanos e interurbanos. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 3/set/1935, p.3.

durante o período das visitas à Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, como se percebe na citação abaixo:

Não sabemos como, realmente será orientada a questão dos transportes urbanos nestes dias de setembro, que pressupomos de uma agitação impressionante no aumento dos passageiros sem bondes, sem ônibus, e que disporão de uma reduzida cambulha de bondes atrasados e raros veículos das empresas particulares às quais é vedada qualquer incursão pelas linhas do monopólio firmado entre a prefeitura e a Carris.¹⁷⁶

A questão dos transportes não era a única pauta relacionada à infraestrutura do evento que o *Correio do Povo* publicou em seus editoriais. Em 8 de setembro, o editorial intitulado *A carestia da vida* denunciava o encarecimento dos gêneros alimentícios com a proximidade da inauguração da Exposição Farroupilha. Discorrendo sobre o contraste entre os visitantes da Exposição e a maioria da população porto-alegrense, o editorial chama a atenção da comissão promotora da Exposição para garantir, nos dias do evento, um maior controle sobre o aumento dos preços dos gêneros alimentícios, que prejudicaria o bem-estar e o regime alimentar das, nas palavras do jornal, “camadas mais modestas” da população. O jornal aponta, também, a contradição entre o Rio Grande do Sul constituir-se em um estado eminentemente pastoril e, ao mesmo tempo, o consumo de carne estar se tornando um hábito acessível apenas aos abastados, à medida em que se aproximava a inauguração do certame farroupilha.¹⁷⁷

O editorial associava, assim, a preocupação com o abastecimento e o aumento dos gêneros alimentícios à eminência da chegada dos inúmeros visitantes da Exposição Farroupilha. Com a proximidade da inauguração da Exposição, o *Correio do Povo* associava esses problemas à situação econômica das classes produtoras do Estado. Criticando os excessivos impostos e tributos aplicados às atividades produtoras e a ausência de consumo interno, o editorial de

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ A carestia da vida. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 8/set/1935, p.3.

17 de setembro expõe sua visão sobre as dificuldades de crescimento da economia agrária rio-grandense, contrariando a imagem de grande progresso econômico defendida pela Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha. De acordo com esse editorial,

Um rápido exame nos demonstra que, ao contrário de todas as afirmações de fundo oficial, as forças criadoras continuam a sofrer uma série de entraves aos seus índices de expansão.¹⁷⁸

Podemos inferir que o *Correio do Povo* não tinha vínculo com a organização das festividades de setembro de 1935, no Parque da Redenção. Se, por um lado, os organizadores da Exposição ensejavam mostrar a opulência econômica do Rio Grande do Sul em um grandioso espetáculo, por outro, esse jornal não deixou de apontar as deficiências dos meios de transporte da Capital, a alta dos preços dos gêneros alimentícios e, por fim, os entraves econômicos aos criadores rurais do Estado. A partir da bibliografia sobre a situação econômica do período, pode-se referir que durante a década de 1930, a lavoura e a pecuária iniciavam, *grosso modo*, um projeto de modernização, vinculando a produção agrícola à expansão do capitalismo industrial no campo. Mas esse processo encontrava limitações, principalmente em relação à precariedade da rede de transportes e da crescente concorrência com os países vizinhos.¹⁷⁹

Entretanto, o *Correio do Povo* publicou também matérias com conotações favoráveis à organização da Exposição Farroupilha, como podemos observar em um artigo assinado por Raul Pilla¹⁸⁰, em 12 de setembro, em que ele defende o

¹⁷⁸ As atividades produtoras. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 17/set/1935, p.3.

¹⁷⁹ FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. Agricultura: da associação à modernização. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (coords) **República: da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos. Vol. IV, 2007. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 136.

¹⁸⁰ Médico, político e jornalista, Raul Pilla iniciou sua trajetória política como secretário do Partido Federalista do Rio Grande do Sul, participou da Aliança Libertadora e foi opositor de Borges de Medeiros e do PRR. Foi um dos líderes dos 'maragatos' (partidários de Assis Brasil) durante a Revolução de 1923. Foi um dos fundadores do Partido Libertador, em 1928, juntamente com Assis Brasil, bem como da Frente Única Gaúcha, em 1929, que tinha como objetivo garantir a eleição de

caráter higienizador do espaço urbano implantado pela administração municipal, em virtude da Exposição Farroupilha. Referindo-se à proibição dos jogos, escreveu que

[...] para evitar ao forasteiro o espetáculo das casas de jogo que pululam no centro da cidade e poderiam dar a impressão de ser nossa, mais uma cidade de prazer, do que de trabalho, deliberou o governo fechar todas as tavolagens, só permitindo o jogo no cassino da Exposição. Ora, se tal sucedesse e, ao encerrar-se o certame, se impedisse a reabertura dos antros de jogatina, ter-se-ia feito, sem grandes abalos, a cura do formidável mal social. E está seria, certamente, a mais bela das comemorações do centenário.¹⁸¹

No artigo de Raul Pilla, pode-se notar elogios ao Comissariado da Exposição por pedir fechamento das casas de jogos da cidade, permitindo apenas o funcionamento do Cassino, dentro do Parque Farroupilha. Pilla via a proibição dos jogos como um “precioso fator de higiene mental” às famílias da cidade. Matérias como essa são mais recorrentes em *A Federação*. Dentre as 9 matérias que tratam sobre a infraestrutura da Exposição, 6 possuem uma conotação favorável com frequentes elogios ao cenário montado e às condições da cidade de Porto Alegre para receber os visitantes do evento. Apenas uma matéria criticou os preços cobrados no Cassino da Exposição, mas o jornal fez questão de isentar os organizadores da Exposição, afirmando que

Todos sabem que o Comissariado da Exposição Farroupilha concedeu a uma empresa de São Paulo a exclusividade desse ponto de diversões montado no recinto do grande certame. [...] Estes [concessionários], porém, elevando a sua ganância além de todos os limites concebíveis, deturpando inteiramente a finalidade visada pelo Comissariado com a organização do Cassino, estão explorando o público vergonhosamente, cobrando no serviço de

um gaúcho para a presidência da República. Participante ativo da Revolução de 1930, apoiou os paulistas no movimento constitucionalista de 32, após rompimento com Getúlio Vargas. Derrotado o movimento, Raul Pilla exilou-se na Argentina e no Uruguai até 1934. Na gestão de Flores da Cunha, foi Secretário da Agricultura em 1936. Durante toda a década de 1930, exerceu ativamente o jornalismo, sendo colaborador de diversos jornais, entre eles o *Diário de Notícias*, o *Correio do Povo* e *O Globo* (RJ).

¹⁸¹ Microscópio. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 12/set/1935, p.5.

bar e restaurante preços que só podem ser pagos por milionários.¹⁸²

Se, por um lado, a crítica caía sobre os paulistas que exploravam o serviço no Cassino, por outro, os organizadores eram poupados dos altos valores cobrados. Na mesma tendência, o Comissariado Geral da Exposição recebia muitos elogios pela estrutura montada no Parque Farroupilha. Em matéria sobre os preparativos para o evento, *A Federação* enaltece os serviços de iluminação, pintura, embelezamento e suntuosidade na Exposição do Centenário Farroupilha, dando destaque para as experiências com o esguicho do lago construído no parque.¹⁸³ Em outra matéria, o jornal registra o andamento das construções dando ênfase para a iluminação utilizada no certame. Podemos ler, na matéria intitulada *A Exposição do Centenário Farroupilha*, que

A iluminação ultrapassa tudo quanto já se fez no mundo nesse gênero, não tendo havido em nenhuma exposição de quantas já realizaram, uma iluminação tão farta e tão completa. Será um deslumbramento para os porto-alegrenses, mas será uma maravilha maior ainda para os estrangeiros, que virão encontrar nesta capital aquilo que encontraram em nenhuma outra parte, nem mesmo na chamada *feira do mundo*, de Chicago.¹⁸⁴

O apelo para afirmar a grandiosidade da Exposição, comparando-a com as grandes exposições universais, foi um dos recursos do jornal para enaltecer aspectos do certame, como, neste caso, a iluminação utilizada.¹⁸⁵ As exposições

¹⁸² Os preços escorchantes cobrados no cassino da Exposição. **A Federação**. Porto Alegre, 23/set/1935, p. últ.

¹⁸³ A Exposição do Centenário Farroupilha. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 4/set/1935, p.2.

¹⁸⁴ A Exposição do Centenário Farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 5/set/1935, p.5.

¹⁸⁵ A Feira Mundial de Chicago, em 1932, foi realizada com o objetivo de comemorar o centenário da cidade. Num momento de grande depressão econômica, o evento tentava passar a imagem de confiança, recebendo o nome de *Century of Progress Exhibition* (Exposição do Século do Progresso) e coincidia, inclusive, com o lançamento da política do New Deal pelo presidente Roosevelt.

universais mostravam-se como modelos e referências para a Exposição do Centenário Farroupilha, pois várias nações empreendiam significativos esforços de monumentalizar o passado, expressando, assim, as conquistas do presente. Para isso, recorriam a construções majestosas, como pórticos, arcos, avenidas, prédios suntuosos, estátuas de personagens gloriosos, para servirem de cenários para as cerimônias sofisticadas, demonstrando, assim, o progresso e o civismo de um povo.¹⁸⁶

Destarte, ao passo que o *Correio do Povo* publicou editoriais e artigos criticando a infraestrutura da cidade de Porto Alegre, conforme visto anteriormente, os aspectos positivos da cidade e da Exposição foram constantemente abordados em *A Federação*. Abordando a transformação da fisionomia da cidade para a inauguração da Exposição Farroupilha, a notícia intitulada “A hora farroupilha” comenta sobre a aparência das ruas centrais do parque “cheias de desusado movimento”.¹⁸⁷

Em notícia de página inteira, datada de 30 de setembro, *A Federação* publica sobre as obras realizadas na administração Alberto Bins, enfatizando para a modernização da pavimentação das ruas, do aumento do serviço de iluminação pública e da expansão da rede de esgotos. Abordando sobre a modernização decorrente da Exposição Farroupilha, a matéria expõe que “os trabalhos de pavimentação da cidade tiveram o maior desenvolvimento possível neste período”.¹⁸⁸

Finalizando esta seção, verificou-se que tudo o que foi publicado pelos dois jornais sobre a *infraestrutura do evento* ocorreu nos dias antecedentes ao dia da inauguração da Exposição. Foi constatado que o *Correio do Povo* publicou, em

¹⁸⁶ Sobre essa questão, ver HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. (orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

¹⁸⁷ A hora farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 14set/1935, p. 2.

¹⁸⁸ As obras realizadas em Porto Alegre na fecunda administração do prefeito Alberto Bins. **A Federação**. Porto Alegre, 30/set/1935, p. 6.

seus editoriais, críticas ao sistema de transportes oferecido na cidade, bem como à elevação dos preços dos alimentos em decorrência da chegada de visitantes para a Exposição. A taxaço e os altos impostos aos produtores rurais foi assunto de outro editorial que pormenorizava a pujança econômica mostrada na Exposição Farroupilha.

Já em *A Federação*, percebe-se apenas notas e notícias com conotação favorável, elogiando a iluminação utilizada no certame, a atuação do Comissariado na organização e realização do evento, bem como a remodelação urbana empreendida na cidade, em especial no Parque Farroupilha. Essa posição de valorização e enaltecimento do evento por parte de *A Federação*, mostrou-se recorrente nos outras categorias temáticas analisadas, o que se justifica pelo caráter oficioso do jornal.

3.2 A participação das Associações de Classes Patronais na Exposição Farroupilha: a FARSUL e a CINFA

Optou-se pela escolha de uma categoria que contemplasse a participação das Associações de Classes Patronais, em especial a FARSUL e o CINFA, por serem atores frequentes nas matérias sobre a Exposição Farroupilha. Pretende-se estabelecer algumas relações entre a participação dessas duas organizações e as motivações em demonstrar a pujança de suas atividades produtivas no certame comemorativo.

Cabe, primeiramente, informar ao leitor que as associações de classe patronais são entidades empresariais para a defesa de interesses econômicos e

ação política, como, por exemplo, os sindicatos e as federações, herdadas do sistema político institucional de relacionamento entre as classes, baseado no corporativismo¹⁸⁹, vigente no Brasil desde os anos 1930. O universo de entidades empresariais no Rio Grande do Sul é bastante heterogêneo e complexo, com organizações de natureza e objetivo bem diferenciado. Denise Gros aponta a relevância em pesquisar as associações de classe patronais para entender como “frações das classes dominantes se organizam para defender seus interesses frente ao governo, aos trabalhadores e às demais forças da sociedade”.¹⁹⁰

As duas associações de classe patronais mais atuantes na Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha foram a Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (FARSUL) e o Centro da indústria Fabril (CINFA). Contudo, para se compreender a ação dessas duas associações no contexto político da década de 1930, é importante remeter-se às décadas anteriores, período conturbado por crise nas atividades agropecuárias e por duas greves realizadas pelo movimento operário em 1906 e 1917. Entre esse período e o início dos anos 1930, criaram-se as principais associações de defesa dos interesses de produtores rurais e dos industriais no Rio Grande do Sul.

A criação da FARSUL está ligada aos esforços das primeiras sociedades agrícolas e associações rurais criadas no Rio Grande do Sul, no início do século XX. Gros afirma que o principal fruto do Congresso de Criadores do Rio Grande do Sul, realizado em 1927, no Teatro São Pedro, “foi a criação da entidade que lideraria os produtores rurais do estado desde então, a FARSUL”.¹⁹¹ Com a

¹⁸⁹ Por corporativismo entende-se “uma doutrina que propõe a organização da coletividade baseada na associação representativa dos interesses e das atividades profissionais. Propõe [...] a remoção ou a neutralização dos elementos de conflito: a concorrência no plano econômico, a luta de classes no plano social, as diferenças ideológicas no plano político”. INCISA, Ludovico. Corporativismo. In: BOBBIO, *op. cit.*, p.287.

¹⁹⁰ GROS, Denise. Associações de classe patronais e ação política. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (coords) **República: da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos. Vol. IV, 2007. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p.257.

¹⁹¹ *Ibid.*, p.259.

missão de levar as reivindicações de mais de 20 associações rurais, como a repressão ao contrabando de gado e charque e a implementação de institutos de crédito rural, a FARSUL empenhava-se em recuperar a pecuária e diversificar as atividades agrícolas. Em setembro de 1935, aproveitando os festejos do Centenário da Revolução Farroupilha, os produtores rurais concluíram e inauguraram a Casa Rural, na Rua Borges de Medeiros, que passou a sediar a FARSUL.

Se as atividades primárias possuíam representação de classe desde o início do século XX, o mesmo não se pode dizer do setor industrial, cuja incipiente produção ainda não contava com um órgão de classe. A idéia de criar uma entidade exclusiva para atender às demandas dos industriais surgiu no contexto da greve geral dos trabalhadores de 1906, manifestada por Alberto Bins¹⁹². Formou-se, então, com o objetivo de negociar assuntos sociais e econômicos relacionados à indústria, a União Fabril, proposta abandonada por vários anos, ao final da greve. Em 1927, motivados pelo agravamento das questões sociais, pela articulação do movimento operário e pelo início da regulamentação das relações entre capital e trabalho pelo Congresso Nacional, os industriais, liderados por Alberto Bins, voltaram a discutir a fundação de um centro das indústrias. Todavia, a consolidação de uma associação de empresários industriais ocorreu apenas em 1930, com a criação do Centro Industrial Fabril do Rio Grande do Sul (CINFA), em novembro de 1930. Liderado por A. J. Renner, o CINFA reunia os principais representantes da indústria gaúcha em um comitê para debater e promover o desenvolvimento industrial em conjunto com o poder público.¹⁹³

¹⁹² Alberto Bins foi Intendente Municipal de 1928 a 1937. Porto-alegrense, nascido em 1869, estudou na Inglaterra e na Alemanha, de onde trouxe ideias novas, especialmente no ramo da indústria metalúrgica. Segundo Bakos, era um homem rico e bem relacionado, dizia-se representante das classes produtoras; participando da criação de empresas, sindicatos e associações de classes patronais, como o Sindicato do Arroz (1926), a Viação Aérea Rio-Grandense (VARIG, 1927) e o CINFA (1930). Foi responsável por importantes indústrias no Estado, como a União de Ferros, Cofres Berta e outras. Ver BAKOS, *op.cit.*, p.62-63.

¹⁹³ GROS, *op. cit.*, p.260.

O CINFA desempenhou um papel importante nos debates da década de 1930, no Rio Grande do Sul. Segundo Denise Gros, seu líder, A. J. Renner, teve atuação destacada em momentos significativos da conjuntura política no início da década de 1930, nas seguintes situações:

Nas negociações pela definição das leis sociais, na criação da Confederação Industrial do Brasil, em 1933, da qual foi vice-presidente, e também na Assembléia Nacional Constituinte de 34, como representante da indústria gaúcha.¹⁹⁴

Soma-se a esses momentos de efetiva participação de A. J. Renner e do CINFA, a tentativa de mobilização das entidades industriais para a Exposição do Centenário Farroupilha em torno do pavilhão industrial, que pretendia expor os principais produtos das indústrias têxteis, coureiro-calçadistas, metalúrgicas, vinícolas e alimentícias. Vale lembrar que o Comissário Geral da Exposição Farroupilha, responsável pela realização do evento, era Alberto Bins, intendente da cidade e importante empresário industrial.

Dessa forma, pode-se afirmar que os objetivos das associações de classes patronais iam ao encontro dos objetivos do Comissário Geral, escolhido para ser o representante oficial do governo do estado na organização da Exposição. O regulamento da Exposição expressou claramente um objetivo comum ao governo estadual e às associações de classes patronais:

A Exposição do Centenário Farroupilha deverá ser a síntese completa do progresso rio-grandense; o índice seguro revelando ao Brasil inteiro que o Rio Grande do Sul de hoje, na esfera fecunda de seu trabalho construtivo, é bem digno do Rio Grande de ontem, na ação épica dos seus lances heróicos.¹⁹⁵

¹⁹⁴ Ibid., *op. cit.*, p.261.

¹⁹⁵ **Regulamento da Exposição do Centenário Farroupilha**. Porto Alegre: Typographia do centro, [s.d.], p. 3.

Logo após, no primeiro artigo, reafirmava-se que a Exposição

[...] tem por fim demonstrar ao Rio Grande e ao país, o grau de progresso das suas indústrias, da sua agricultura, de sua criação, das suas artes e da sua ciência.¹⁹⁶

Houve o apelo a todas as classes sociais para que se engajasse nos preparativos do evento:

Cada rio-grandense está, pois, obrigado, por um alto dever moral, pelo mais elevado patriotismo, a contribuir eficientemente para o maior brilho da Exposição de 35 que é também a consagração de um passado de glórias. Daí o nosso apelo aos homens do Rio Grande: intelectuais, artistas, professores, industriais, criadores e agricultores, e a todo aquele que vive e trabalha nesta terra abençoada do Brasil a virem glorificar, na Exposição do Centenário Farroupilha, o Rio Grande do passado e o Rio Grande do presente, aquele cheio de glórias nas suas lutas pela liberdade e este cheio de louros no seu trabalho de engrandecimento da Pátria".¹⁹⁷

Retomando as Tabelas 3 e 4, podemos afirmar que dentre as matérias escolhidas para a análise deste capítulo, observa-se que das 11 matérias encontradas nos dois jornais, apenas 2 possuem uma conotação crítica e desfavorável em relação às associações de classe patronais. Observa-se, também, que as matérias foram classificadas como *opinativas*, pois nenhuma foi concebida com conotação neutra e viés estritamente informativo. Da mesma forma, chama a atenção o fato de que, em *A Federação*, as matérias são todas com conotação favorável, o que podemos afirmar, será uma tendência neste jornal em relação a todas as matérias sobre a Exposição Farroupilha.

¹⁹⁶ Ibid., p. 4.

¹⁹⁷ Idem.

Os objetivos do evento foram reafirmados ao longo das matérias publicadas em *A Federação*. Assim, por exemplo, em entrevista à imprensa, em agosto de 1934, Alberto Bins (Intendente Municipal) salientava os propósitos visados: a Exposição deveria servir para mostrar ao Brasil o progresso do Estado após a epopeia farroupilha.¹⁹⁸ Em matéria publicada em setembro, *A Federação* citava que Alberto Bins assegurava estes objetivos.¹⁹⁹ Por sua vez Mário Oliveira, o secretário da Comissão, que organizou a Exposição, expressava que ela iria revelar ao Brasil toda a grandeza do Rio Grande.²⁰⁰

Convergentes com tais ideias, o governo do estado e as associações de classes patronais tinham como objetivo, na Exposição Farroupilha, demonstrar o progresso econômico através da participação ativa dos setores agropecuários e industriais. A FARSUL fez um apelo aos estancieiros gaúchos, conclamando-os a mostrar ao Brasil a verdadeira riqueza do Estado.²⁰¹ A participação pastoril deveria ocorrer

(...) não só para glorificar a sagrada memória dos melhores heróis, intérpretes legítimos dos sentimentos liberais que sempre animaram a alma gaúcha, mas ainda provar de alguma forma eloqüente e sugestiva que num século de fecundas atividades o Rio Grande do Sul progrediu e tornou-se um verdadeiro celeiro colaborando com eficiência e entusiasmo para o engrandecimento da própria nacionalidade.²⁰²

Na mesma matéria, a FARSUL afirmava que a Exposição de 35 representava uma das mais legítimas manifestações do progresso e uma consagração ao passado do Rio Grande cheio de glórias.

¹⁹⁸ A Exposição do Centenário Farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 22ago/1934, p. 11.

¹⁹⁹ CARRAZONI, André. Espírito de organização. **A Federação**. Porto Alegre, 9/set/1935, p. 3.

²⁰⁰ A Exposição vai revelar ao país a grandeza do Rio Grande. **A Federação**. Porto Alegre, 22/set/1935, p. 7.

²⁰¹ A Exposição do Centenário Farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 7/set/1935. p. 12.

²⁰² Exposição do Centenário Farroupilha – A seção de pecuária. **A Federação**. Porto Alegre, 3/set/1935. p. 2.

Entretanto, o *Correio do Povo*, em um artigo assinado por Renato Costa, em 3 de setembro, expõe os problemas e dificuldades dos produtores rurais do Estado, principalmente em relação a falta de incentivo econômico do governo estadual aos produtores rurais. Aproveitando a visita do ministro da agricultura, por ocasião da Exposição do Centenário Farroupilha, a matéria afirma, que em relação à agricultura e à pecuária no Estado,

Quase tudo é obra da iniciativa privada. E esta - numa região em que não há lamentavelmente, a organização do crédito rural - necessita, para a sua eficiência, do auxílio imprescindível dos órgãos oficiais.²⁰³

Em editorial de 20 de setembro, o *Correio do Povo* apontava para a crise da pecuária, através da queda das exportações de carne do Rio Grande do Sul, justamente no dia da inauguração da Exposição Farroupilha. Em contrapartida aos problemas econômicos enfrentados pelos produtores rurais, novamente Renato Costa escreve sobre a importância da união destes em torno da FARSUL para a defesa da agricultura e da pecuária no Estado. Nesse sentido, a inauguração da Casa Rural, sede da FARSUL, dentro da programação da Exposição do Centenário, significou, para esse jornalista,

[...] o poder incontestável das classes rurais na formação econômica do estado. [...] reafirma o prestígio de uma classe que precisa se unir estreita e profundamente porque isolados os arrastará a sedução política. Unidos, enfrentarão, o prestígio e a força dos poderes públicos. A casa Rural é, nesse sentido, o maior acontecimento na história da FARSUL.²⁰⁴

No mesmo artigo, o autor reconhece a importância da agricultura e da pecuária para o desenvolvimento econômico do Estado, bem como exalta o papel

²⁰³ COSTA, Renato. As forças econômicas do Rio Grande e o Ministério da Agricultura Nacional: um aspecto dos nossos problemas. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 3/set/1935, p.3.

²⁰⁴ Idem. Casa Rural e a sua influência nos destinos econômicos do Rio Grande. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 26/set/1935, p.3.

da FARSUL para o encaminhamento de uma série de problemas e entraves à expansão do setor primário.²⁰⁵ A diferença entre as matérias do *Correio do Povo* e de *A Federação* encontra-se justamente no fato de que o primeiro jornal expõe os múltiplos problemas e deficiências da agricultura e da pecuária do Estado, enquanto o segundo, como visto anteriormente, valoriza estritamente os aspectos positivos, principalmente em relação aos produtores rurais associados à FARSUL.

Em contrapartida, percebe-se através das matérias escolhidas, que a participação industrial foi enaltecida pelos dois jornais com os mesmos objetivos: comprovar ao restante do País os progressos alcançados pelo Estado. Ressalte-se, nesse sentido, o apelo que A. J. Renner fez, em Novo Hamburgo, no início de setembro de 1935, aos industriais locais, para que participassem da Exposição não com a ideia de lucro imediato, mas com a finalidade de demonstrar o valor do Rio Grande do Sul ao Brasil. A fala de A. J. Renner, transcrita pelo *Correio* defendia a participação dos industriais na Exposição como

[...] um gesto de patriotismo de todos quantos aqui vivem e aqui produzem alguma coisa de útil, como uma demonstração do nosso valor; e de que o Rio Grande do Sul produz quase tudo aquilo que necessitamos.²⁰⁶

Em 24 de setembro, *A Federação*, em editorial (como de costume para o jornal, na capa) intitulado *O Rio Grande industrial*, ressalta a imponente do Pavilhão das Indústrias, bem como a importância das atividades industriais no

²⁰⁵ O autor cita, no artigo os seguintes problemas da agricultura e da pecuária: o preço do charque, a colocação das carnes congeladas e refrigeradas no mercado europeu, o contrabando de gado nas fronteiras com o Uruguai, a importação de reprodutores e a melhoria das raças pecuárias, a falta de silos para atender a criação de gado fino, a defesa da industrialização de derivados da criação pecuária, a intensificação da cultura do trigo, a solução dos fretes baratos e transportes fáceis e rápidos, o déficit de preços nas exportações. Ver: COSTA, Renato. Casa Rural e a sua influência nos destinos econômicos do Rio Grande. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 26/set/1935, p.3.

²⁰⁶ Exposição do Centenário Farroupilha – Pavilhão das Indústrias Rio-Grandenses. **A Federação**. Porto Alegre, 1/set/1935, p. 11.

Estado. Nesse editorial, *A Federação* expõe seu posicionamento sobre o tema, como se pode ler abaixo:

O Rio Grande não se restringe, como muitos julgavam, à estância tão somente. Além da pecuária e da lavoura, duas grandes riquezas do nosso estado incontestavelmente, ele possui também as indústrias de tecidos, metalúrgicas, de artefatos e tantas outras, que colocam ao lado dos mais prósperos Estados da União.²⁰⁷

Importante destacar que os critérios para a participação na Exposição do Centenário foram redigidos pela comissão composta por Alberto Bins, Mario de Oliveira e por representantes da FARSUL e do CINFA. Nesse regulamento, estabeleciam que o fim da Exposição era “demonstrar ao Rio Grande e ao país o grau de progresso das indústrias, da agricultura, da sua criação, das suas artes e da sua ciência”, no grande cenário montado para o evento.²⁰⁸

Dessa forma, coube ao CINFA a responsabilidade de organizar a Exposição das indústrias do Rio Grande do Sul. Com uma concepção de indústria bem ampla, o CINFA procurou abarcar toda a variedade de produtos, desde a maquinofatura até as atividades extrativas. O pavilhão das indústrias recebeu maior atenção dos organizadores do evento, pois fica evidente que a Exposição se

²⁰⁷ O Rio Grande industrial. *A Federação*. Porto Alegre, 24 de setembro de 1935, p.1

²⁰⁸ Em relatório publicado em 1936, o Centro Industrial Fabril do Rio Grande do Sul defendia que durante a Exposição do Centenário Farroupilha o objetivo era demonstrar “o progresso da indústria regional no ciclo que se encerra, como ela tem contribuído para o aumento da produção e melhoramento da qualidade das matérias-primas nacionais que consome em larga escala; como ela supre ao consumidor patricio produtos tão bons como os que eram importados e em condições econômicas que não lhe seria possível adquirir se tais artigos viessem do estrangeiro. Além disso, é, também, preciso que os senhores industriais tenham presente que as indústrias de outros estados se farão representar na Exposição de 35 e que os nossos produtos vão sofrer cotejo com similares produzidos fora do Rio Grande do Sul”. **Relatório da Diretoria do Centro de Indústria Fabril do Rio Grande do Sul relativo ao exercício de Novembro de 1933 a Novembro de 1934.** Porto Alegre: Globo, 1936.

dirigia para o lado mais moderno da produção humana, associado às indústrias e às fábricas.²⁰⁹

Tendo presente a mobilização do governo estadual e das associações de classes patronais em torno de efetivar um evento grandioso, cabe indagar as motivações centrais que influenciaram os promotores do evento para além do objetivo declarado de mostrar ao País o exemplo de um povo, nas palavras de *A Federação* “eminentemente trabalhador”.²¹⁰ Por parte do governo estadual, o recurso a um passado regional, coletivo e glorioso, impregnado de valores propícios ao enaltecimento estadual, comemorado numa festa coletiva, visava primeiramente sua afirmação enquanto poder constituído. A utilização de eventos dessa natureza e com essa finalidade não tem sido estranha aos governos, através da história, uma vez que todo sistema de poder necessita para sua manutenção, além da utilização da coerção ou da razão, da produção de imagens, manipulações de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial.²¹¹

Por fim, conclui-se que em relação à participação da FARSUL e do CINFA, verificou-se uma conotação favorável na maioria do que foi publicado nos jornais, exaltando o papel das classes produtoras no desenvolvimento do Rio Grande do Sul mostrado na Exposição. *A Federação* e *Correio do Povo* enfatizaram a importância das atividades agrárias, industriais e comerciais, apesar das críticas dos artigos de Renato Costa publicado no *Correio* expondo os problemas e dificuldades do setor agrário no Rio Grande do Sul e do editorial que denunciava a crise na pecuária decorrente da queda das exportações.

²⁰⁹ Como já exposto no Capítulo 2, o Pavilhão das Indústrias era o maior, mais representativo e melhor localizado da Exposição, pois situava-se no limite central da Avenida das Nações.

²¹⁰ Expressão retirada de: Empolgantes demonstrações do trabalho rio-grandense. **A Federação**. Porto Alegre, 5/set/1935, p. 1.

²¹¹ BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Ed. da UnB, 1982, p. 7.

3.3 A visita do presidente Getúlio Vargas na inauguração do evento

A visita do presidente Getúlio Vargas, por ocasião da inauguração da Exposição do Centenário Farroupilha, constituiu-se na terceira categoria elencada para análise. Como já citado no Capítulo 2, a vinda, amplamente noticiada desde o começo de setembro, de inúmeras delegações oficiais de outros estados, bem como da presença do chefe da nação, Getúlio Vargas, para a inauguração atesta a repercussão e a dimensão da Exposição do Centenário Farroupilha.

Em sua maioria, nos dois jornais, as matérias sobre a visita do presidente da República receberam uma conotação positiva, enaltecendo a participação e a própria ação política do presidente. Nas matérias de setembro de *A Federação*, veículo oficial do partido de Flores da Cunha, não encontrou-se nenhuma crítica ou tratamento que não fosse de valorização de Getúlio Vargas. Se, por um lado, é um consenso entre os historiadores a relação de progressivo afastamento entre os dois durante o ano de 1935, por outro, pode-se afirmar que, nas matérias de setembro, esse jornal não publicou uma linha sequer que possa ser considerada como oposição ou enfrentamento ao presidente.

Sobre essas afirmações, o editorial de 19 de setembro, se refere a Getúlio Vargas da seguinte maneira:

S. Exa. que é descendente ilustre dos nossos mais gloriosos ancestrais, não poderia encontrar-se num posto mais condigno, qual seja o de chefe supremo da República, para presidir os festejos de uma época que consagra e glorifica uma geração de heróis, cujo espírito republicano constitui o seu mais intenso ideal de vida.

Perfeitamente identificado com nossas tradições e o nosso passado histórico, e, profundamente ligado ao espírito republicano de seu povo, foi sempre S. Exa. um continuador do ideal dos

batalhadores invictos de 35 e um realizador dos sonhos democráticos de Piratini.²¹²

Esse efusivo editorial de *A Federação* identificava o presidente com os heróis de 1835, tomando o passado como referência para enaltecer a presença do chefe da Nação na Exposição Farroupilha. A chegada da comitiva do presidente, na véspera da inauguração do evento, em dois aviões, bem como a expectativa de sua entrada nos pavilhões do certame provocaram calorosas manifestações do jornal sobre o presidente Vargas. Pois, segundo Flores da Cunha, em notícia de 18 de setembro, a visita de Vargas e a sua participação nos festejos era uma “excelente ocasião para demonstrar os avanços promovidos pelas forças produtoras e conduzidos pelo governo estadual”. Essa grande expectativa com a chegada do presidente justificava-se, ainda segundo o governador, pois o presidente poderia “perceber os esforços empreendidos para a execução das solenidades e ao mesmo tempo verificaria a síntese da Nação reunida no Parque de Exposições”.²¹³

Como se pode perceber, o editorial anterior associou a Getúlio Vargas uma série de conceitos que convergem com os ideais que se pretendia apresentar na Exposição Farroupilha. Mais sete notícias e notas foram publicadas em *A Federação* tendo o presidente Getúlio Vargas como temática principal, sendo que destas, apenas uma não seguiu este tom de valorização da figura política do chefe da Nação. Essa única matéria foi uma nota publicada, com característica fundamentalmente informativa, nesse mesmo dia, sobre a chegada do presidente à capital do Rio Grande do Sul.

O *Correio do Povo*, por sua vez, publicou um artigo, assinado por Renato Costa, em 21 de setembro, contendo algumas críticas à conduta política do presidente Getúlio Vargas, em especial chamando a atenção do governo federal à

²¹² Presidente Getúlio Vargas. **A Federação**. Porto Alegre, 19/set/1935, p.1.

²¹³ Presidente Getúlio Vargas. **A Federação**. Porto Alegre, 18/set/1935, p.1.

crise econômica que assolava as atividades produtivas do Estado, relembrando ao longo da matéria os ideais que moveram os gaúchos a apoiar o presidente na Revolução de 1930.²¹⁴ Afora este artigo, o *Correio do Povo* apresentou mais seis notícias sobre a visita do presidente à Exposição, sendo que duas consideradas informativas e outras quatro com conotação positiva em relação ao presidente.

É importante ressaltar que, se considerarmos apenas os jornais como fonte para a história, corremos o risco de deixar de lado importantes acontecimentos que não são tratados pela imprensa. A relação estremecida entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas é um exemplo disso. A princípio, em uma leitura atenta e criteriosa das matérias nos dois jornais, independente das especificidades e características intrínsecas a cada um deles, se vê dois políticos em plena harmonia, enaltecendo e elogiando um ao outro.

Como contraponto, pode-se refletir sobre o que o foi escrito no diário pessoal de Getúlio Vargas na ocasião da viagem ao Rio Grande do Sul para a visita da Exposição do Centenário Farroupilha. O *Diário de Getúlio Dornelles Vargas* composto de 13 cadernos manuscritos, atualmente pode ser facilmente consultado devido a sua publicação em dois extensos volumes pela Fundação Getúlio Vargas.²¹⁵ Esse *Diário* corresponde à divulgação integral de suas escritas produzidas ao longo de 13 anos, desde 03 de outubro de 1930, data da deflagração da Revolução de 30, até setembro de 1942. Na leitura do material, é possível inferir que Vargas escreveu seu diário tendo em vista um público leitor. O próprio autor escreveu em suas linhas que preferia ser interpretado a se explicar, em uma explícita declaração de que o diário seria lido na posteridade.

A relação de Getúlio Vargas com seu diário é difícil precisar. As datas mais resguardadas ao convívio familiar são registradas em poucas linhas, sem muitas referências especiais. O governo, através das Forças Armadas, das finanças e da

²¹⁴ COSTA, Renato. O balanço de uma revolução. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 21/set/1935, p.3.

²¹⁵ VARGAS, Getúlio. **Diário**. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

organização administrativa do Brasil, são os pontos mais marcantes de suas notas. Podemos até dizer que não se trata de um diário íntimo ou confessional. É um registro, em geral das pautas de seu governo, que demonstrava a preocupação com: a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista de 1932, as eleições para a Constituinte de 1933, as candidaturas presidenciais de 1934, as conspirações comunistas, as relações internacionais e as alianças com diversos personagens políticos do período.

De sua passagem pelo Rio Grande do Sul para visita da Exposição do Centenário Farroupilha, podemos ler em seu diário:

Dias 18 a 30 de Setembro de 1935

Esse período abrange minha visita ao Rio Grande para assistir às comemorações do I Centenário da Revolução Farroupilha. Contemplei o espetáculo maravilhoso do progresso moral e material do Rio Grande. Assisti e inaugurei a exposição do Rio Grande e de quase todos os estados que se fizeram representar. Fui a São Borja visitar meus pais. O avião facilita essas viagens rápidas, e assim pude fazer em 10 dias o que precisaria quase um mês.

Durante o tempo dessa visita, instalado no palácio oficial do governo do estado, ocorreu o caso do Estado do Rio, a escolha do almirante Protógenes, as violências contra a Assembléia, a eleição e o intempestivo telegrama de Flores. Recém-chegado, procurei informar-me ouvindo o almirante Protógenes, o ministro da Justiça e, por fim, o deputado João Carlos, que regressara comigo.

O deputado Macedo, que é um dos meus melhores amigos, ficou em Porto Alegre, e deve de lá informar-me alguma coisa. É um homem hábil e procura sempre desnudar os horizontes ante estas atitudes intempestivas. Causou-me também algum desgosto, colocando-me numa situação de constrangimento, pelo oferecimento de dois exemplares da raça Hereford, que me foram presenteados pela Associação Rural e por um fazendeiro. Desconfiado que isso fosse sugerido por ele, radiografei em viagem declinando das ofertas.²¹⁶

²¹⁶ Ibid. *op. cit.*, p. 423-424.

A citação refere-se ao registro integral de sua passagem pelo Rio Grande do Sul na inauguração da Exposição do Centenário Farroupilha. Lendo-o atentamente, percebemos que foi feito após sua estada no Rio Grande do Sul. Os tempos verbais utilizados acusam uma distância temporal em relação aos fatos presenciados que pretendeu *guardar* em seu diário. Segundo sua neta, que organizou os cadernos para a publicação do *Diário*, Vargas “escrevia todos os dias e com continuidade. Algumas vezes reunia informações de um curto período, sobretudo quando se deslocava do Rio de Janeiro em viagens, rascunhando-as em notas que eram passadas a limpo no caderno”.²¹⁷

As notas sobre a visita à Exposição do Centenário Farroupilha foram, assim, transcritas para o diário quando de seu retorno ao Rio de Janeiro, em uma situação política tensa iniciada enquanto estava ausente. Violentos incidentes ocorreram na Assembleia fluminense em 25 de setembro, durante a sessão para a eleição de governador. A vitória do Almirante Protógenes Guimarães, da Coligação Radical Socialista, seria contestada pelo governador Cristóvão Barcelos, candidato da união Progressista Fluminense e apoiado por Flores da Cunha.

Diante da oposição de Flores da Cunha, no caso das eleições no Rio de Janeiro, percebe-se, no *Diário* de Getúlio Vargas um tratamento diferenciado para Flores da Cunha, seu antigo amigo e aliado político. A relação entre o presidente e o interventor do Rio Grande do Sul Flores da Cunha, no período em questão, apresenta-se como um progressivo afastamento político e ideológico que chegará ao rompimento meses antes da instauração do Estado Novo por Vargas, como bem abordado no Capítulo 2. Desvela-se um conflito de interesses entre os ideários federalistas de Flores da Cunha e do progressivo cerceamento das autonomias dos estados, proposto por Getúlio Vargas, que iam ao encontro aos centralismos que se operavam em nível mundial na década de 1930, na Itália, Alemanha, França e Espanha.

²¹⁷ PEIXOTO, Celina Vargas do Amaral. Apresentação. In: VARGAS, *op. cit.*, p. IX.

Ao retornar da visita ao Rio Grande do Sul, Vargas escreve, em 6 de outubro, sobre os principais motivos de queixa contra Flores da Cunha. Em seus registros desse dia, enumera as seguintes questões:

1º) o constante trabalho oficial que se faz no Rio Grande, dizendo que o governo federal nada faz por aquele estado; 2º) a mania de estar lá, de Porto Alegre, pretendendo dirigir a política federal, agitando antecipadamente a questão da sucessão presidencial e intervindo na política de outros estados; 3º) quando estive em Porto Alegre, minha correspondência telegráfica com o Rio era controlada por Flores, e, nestas condições, quando os avisos iam pela estação do palácio do governo, seu telegrafista solicitava ao diretor regional as cópias dos telegramas que o almirante Protógenes me dirigia; 4º) apoderando-se, por esta maneira, do telegrama do ministro da Justiça passado a mim, divulgou-o para que fosse publicado; 5º e, por fim, inventou ou admitiu a invencionice de que eu procurava abrir cisão na política do Rio Grande para enfraquecê-lo.²¹⁸

O primeiro motivo enumerado por Vargas refere-se claramente ao que fora apresentado nas comemorações do Centenário Farroupilha. O progresso material do Rio Grande do Sul, tão enfatizado na Exposição Farroupilha enaltecia, segundo Getúlio Vargas, a pujança da indústria, da agricultura, do comércio, das artes e da cultura em detrimento da ação do governo federal. Getúlio Vargas demonstra, nessas linhas, seu desapontamento com o esforço oficial em privilegiar excessivamente a figura política de Flores da Cunha.

Nota-se também, na leitura de seu *Diário*, que a partir desse momento, Vargas passa a acusar Flores da Cunha de tentar transpor sua autoridade estadual ao plano federal, interferindo na política de outros estados e antecipando discussões sobre a sucessão presidencial. Vargas toma essa posição como uma afronta pessoal de um antigo aliado que esteve ao seu lado desde a Revolução de 1930. A relação entre os dois caminhava para o rompimento sem, entretanto, ser divulgada nos dois jornais no período da Exposição do Centenário Farroupilha.

²¹⁸ VARGAS. 1995, *Op. cit.*, p. 426.

A visita de Getúlio Vargas apresentou similaridades entre os jornais, principalmente pelos editoriais que ressaltavam a presença do presidente como uma atração a mais do evento. Com recorrentes elogios e menções ao passado farroupilha, Getúlio Vargas foi visto pelos dois jornais como um descendente dos heróis de 1835. Desse modo, o tom da maioria das matérias opinativas (editoriais e artigos), nos dois jornais, foi de valorização da figura do presidente Getúlio Vargas. À exceção, novamente, de um artigo publicado no *Correio*, assinado por Renato Costa, chamando à atenção do presidente para ações que superassem a crise econômica pela qual passava o Rio Grande do Sul.

Verificou-se, por outro lado, que o jornal oficial do PRL, defensor e porta-voz de Flores da Cunha, não publicou críticas ou menções a possíveis desavenças com o presidente Getúlio Vargas. O conflito entre Flores e Getúlio não foi exposto no veículo oficial de Flores da Cunha nas matérias sobre a Exposição da Revolução Farroupilha.

3.4 Os Estandes, Seções e Pavilhões da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha

O que foi publicado tendo como temática central os espaços específicos criados para a realização da Exposição Farroupilha foi agrupado na categoria *Estandes, Seções e Pavilhões*. Nessa categoria compreendem-se as matérias (notas, notícias, editoriais, etc.) que tratam dos diversos aspectos a respeito das construções da Exposição nos dois jornais utilizados. Procura-se estabelecer as diferentes abordagens de *A Federação* e *Correio do Povo* sobre os Estandes,

Seções e Pavilhões da Exposição, por meio de uma breve análise do conteúdo do material selecionado em relação aos espaços utilizados na Exposição.

Uma breve retomada das Tabelas 3 e 4 e percebe-se que a maioria do *corpus* foi classificada nessa categoria, que tem como característica comum serem notas, notícias e sueltos, ou seja, matérias informativas. Foram 25 no *Correio do Povo* e 23 em *A Federação*, representando 45% do total de matérias utilizadas nesta pesquisa. Destaca-se que, dentre as 23, em *A Federação*, apenas duas tiveram uma conotação neutra, enquanto as restantes apresentaram a mensagem de seu conteúdo com conotação favorável ou positiva em relação a essas categorias. Em contrapartida, o *Correio do Povo* oscilou a tendência, apresentando 12 com conotação neutra, ou simplesmente informativa, e 13 com conotação positiva ou favorável nesta categoria.

De início, com a leitura dos dados, constata-se que *A Federação* seguiu a tendência já observada nas categorias anteriores em valorizar e enaltecer quase tudo que foi publicado sobre a Exposição Farroupilha. Em compensação, o *Correio do Povo*, ao longo de setembro, apresentou uma maior frequência de matérias essencialmente informativas. Considerando os dois jornais, essa categoria é a que possui maior número de notas e notícias com conotação neutra, apresentando 14 no total.

Em primeiro lugar, havia entre os organizadores da Exposição Farroupilha, a intenção explícita de atribuir ao evento um caráter nacional com a participação do maior número possível de estados no parque de exposições. Cerca de metade das notas e notícias sobre os Pavilhões, Seções e Estandes publicadas no *Correio do Povo*, ao longo de setembro, enaltecia essa participação dos muitos estados na Exposição, como se pode notar nesta *notícia* de 26 de setembro:

São Paulo, o grande estado bandeirante, com um magnífico palácio de 1400 metros quadrados vai concorrer com o que de mais seletos produz a sua adiantada indústria; Minas, a maravilhosa terra das montanhas levantou um imponente pavilhão no qual mostrará as centenas de milhares de visitantes a sua rica e variada produção; Pernambuco, o leão do norte, vai expor no vasto

recinto que mandou construir o resultado do trabalho fecundo de seu povo; o Distrito Federal, com a mostra de suas magníficas indústrias encherá o amplo pavilhão que ergue em um dos mais pitorescos cantos da exposição. Pará, o nosso grande irmão do norte, num gesto de elevada brasilidade traz-nos também o seu admirável concurso, levantando um pavilhão em rigoroso estilo marajoara que vai ser um dos grandes atrativos do certame. Paraná e Santa Catarina, nossos vizinhos mais próximos em interessantes e originais pavilhões vão mostrar-nos o quanto progrediram, nestes últimos anos, suas indústrias.²¹⁹

A ideia de que, através dos pavilhões, a Exposição demonstraria a pujança e o desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Sul esteve presente nos dois jornais, bem como a inserção dos demais estados na Exposição, com suas singularidades representativas de cada região, foi enaltecida. A *Federação* apontou, em notícia de 23 de setembro, que a Exposição era “palco do progresso experimentado no presente nacional”, referindo-se a idéia de evocar o papel do Rio Grande do Sul como um lugar onde se daria um grande espetáculo de modernidade e riqueza do Brasil, principalmente do estado gaúcho.²²⁰

Os diversos pavilhões, com amplo uso de iluminação, os estandes e as seções foram, em sua maioria, referidos, como bem podemos notar nas Tabelas 3 e 4, nas matérias de *A Federação* e *Correio do Povo*, como uma demonstração do crescimento industrial e econômico do Rio Grande do Sul, principalmente.

As construções da Exposição no Parque Farroupilha foram apresentadas nesses dois jornais, ressaltando-se suas formas geométricas, sua arquitetura moderna e as especificidades de cada estado nas edificações. Com fartos elogios aos pavilhões, os dois jornais deram maior destaque aos pavilhões de São Paulo e das Indústrias do Rio Grande do Sul, utilizando com frequência os adjetivos “monumentais”, “grandiosos” e “esplêndidos”. Em 12 de setembro, o *Correio do Povo*, publica uma notícia apontando para as construções dos pavilhões da

²¹⁹ As grandes festas do centenário farroupilha. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 26/set/1935, p.3

²²⁰ As grandes festas do centenário farroupilha. **A Federação**. Porto Alegre, 23/set/1935, p. 5.

Exposição do Centenário Farroupilha como obras de “volume e monumentalidade arquitetônica”, atribuindo um sentido às construções de demonstrar o progresso que se instaurava no Rio Grande do Sul.²²¹

Por fim, verificou-se que o maior número de notícias e notas publicadas nos dois jornais refere-se aos estandes, seções e pavilhões. Constatou-se que, em *A Federação*, a maioria delas possui um tom de valorização, apontando para a modernidade e grandiosidade das construções da Exposição. Já no *Correio*, há uma maior frequência de notícias e notas com viés fundamentalmente informativo. O que demonstra, em *A Federação*, o maior compromisso em aquilatar as construções da Exposição do Centenário, característica já evidenciada devido à natureza político-partidária do jornal.

3.5 A representação de Flores da Cunha na Exposição do Centenário Farroupilha

A quinta categoria leva em conta as matérias que têm como enfoque divulgar a participação de Flores da Cunha na Exposição ocorrida no Parque Farroupilha, em setembro de 1935. Como já referenciado, a Exposição foi fruto de uma iniciativa do governo do estado e das associações de classe patronais, com o objetivo superficial de cultuar e render homenagens à luta dos farroupilhas de um século atrás. Entretanto, sabe-se que essa Exposição ultrapassou uma mera lembrança através da reverência aos heróis rio-grandenses do passado. A

²²¹ As festividades do Centenário Farroupilha. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 12/set/1935, p.12.

escolha por essa categoria se deu em virtude da quantidade de matérias dedicadas à participação de Flores da Cunha no evento em questão. Através da análise das matérias em *A Federação* e *Correio do Povo*, objetivamos demonstrar a maneira como o governador é apresentado pelos referidos jornais. Destarte, procura-se, nesta seção, tecer um comparativo entre o tratamento dado ao governador Flores da Cunha nas matérias de setembro de 1935 dos jornais *Correio do Povo* e *A Federação*.

A partir das Tabelas 3 e 4, sobre a conotação das matérias por categorias, pode-se visualizar que Flores da Cunha é o assunto principal em 2 matérias no *Correio do Povo*, enquanto, em *A Federação*, 13 matérias destacam a atuação de Flores da Cunha no certame. Nota-se a ausência de matérias, em ambos os jornais, com conotação neutra e desfavorável em relação ao governador do estado. Entretanto, percebe-se claramente que a frequência de matérias em *A Federação* é muito maior que no *Correio do Povo*, pois tem-se a ocorrência de apenas duas matérias neste jornal (4% do total das matérias), ao passo que no primeiro jornal, observa-se 13 matérias (correspondendo a 22% do total das matérias). O que se pode inferir disso? Por que a maior ocorrência de matérias favoráveis sobre Flores da Cunha em *A Federação*?

Pode-se concluir que, em um contexto em que se ampliava a divergência entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas, *A Federação*, porta-voz oficial do PRL, não se furtou em utilizar um vasto repertório para valorizar e enaltecer o governador do Rio Grande do Sul. Assim, o apelo ao passado ocorreu justamente com a intenção de estabelecer uma relação entre presente e passado, vinculando o heróico Rio Grande da época com a grandeza que se queria afirmar em nível nacional cem anos antes.

A valorização de Flores da Cunha nas matérias publicadas em *A Federação* sobre a Exposição pode ser explicada como a utilização da História como um instrumento por meio do qual o partido dominante no estado do Rio Grande do Sul, nesse período, procurava manter o poder político e ideológico. Nessa

perspectiva, o Estado – nesse caso, o governo estadual, através de sua imprensa – e o poder organizam o tempo passado em função de seus interesses políticos e ideológicos do presente. Jean Chesneaux afirma que frequentemente os governantes, utilizando-se do aparelho Estado, intervêm mais sensivelmente para ritualizar o passado e para colocar a seu serviço a memória da sociedade, através dos fatos nacionais, das comemorações e aniversários solenes.²²² Segundo o autor,

Todos esses aniversários e comemorações funcionam exatamente da mesma forma: patrocínio oficial, estatal, de uma celebração histórica, espetáculo de massa com divertimentos populares; esquematização de um evento passado como suporte da ideologia dominante; ocultação dos aspectos não-oficiais do acontecimento escolhido, notadamente das provações e lutas dos setores populares.²²³

A Exposição organizada, considerada como o maior evento comemorativo²²⁴ ocorrido até então no Rio Grande do Sul, não pode ser compreendida sem a dimensão que está por trás das motivações do certame. A sistemática valorização de Flores da Cunha se dá justamente através de comparações entre o presente e o passado, entre os heróis farroupilhas e o governador gaúcho. Neste sentido sua valorização quer dizer não só o enaltecimento da figura política, mas também a congregação de valores dados aos farroupilhas e vinculados ao governador gaúcho, como se verá a seguir.

Helenice R. da Silva demonstra que as ideias sobre a história e o passado se fortificam através das narrativas coletivas, que, por sua vez, se reforçam por meio das comemorações públicas de acontecimentos que marcaram a história

²²² CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995, p.28.

²²³ Ibid., p. 31.

²²⁴ Maurice Halbwachs estabelece uma distinção entre rememoração (parte de um processo individual) e comemoração (trabalho de construção de uma memória coletiva). HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990, p.25.

coletiva. Assim, as comemorações selecionam um universo de valores de uma comunidade, e buscam, nessa rememoração de acontecimentos históricos, significações diversas para o presente.²²⁵

Considerando o número de editoriais publicados, por *A Federação*, elogiando a figura de Flores da Cunha, pode-se inferir que a promoção e a valorização do governador gaúcho foi uma das motivações centrais da Comemoração Farroupilha. Nessa perspectiva, um editorial intitulado “A força do destino” defendia que Flores da Cunha representava o homem farroupilha e, para o jornal, a eleição para o primeiro governo constitucional do Rio Grande do Sul

obedeceu, por força infalível do destino, não só a razões políticas da atualidade, mas, sobretudo a imposição de uma vontade oculta há quase um século no subconsciente dos gaúchos.”²²⁶

Em outro editorial, em *A Federação*, intitulado “O homem do momento”, Flores da Cunha era considerado como exemplo de bom republicano.²²⁷ Na semana que antecedeu a inauguração da Exposição, o governador era destacado, no editorial do jornal, como o exemplo do potencial e da afirmação do Rio Grande do Sul.²²⁸ Ainda na semana de inauguração do evento, *A Federação* publicava outro um editorial com o título “O estadista que o Brasil não pode desconhecer”, no qual era exaltada a figura de Flores da Cunha, destacando “a dinâmica de um governo que não encontra obstáculos para a realização de um programa

²²⁵ SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração / Comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.22, nº 44, 2002, p.432.

²²⁶ A força do destino. **A Federação**. Porto Alegre, 9/set/1935. p.1.

²²⁷ O homem do momento. **A Federação**. Porto Alegre, 22/set/1935, p.3.

²²⁸ Farrapos. **A Federação**. Porto Alegre, 19/set/1935, p.1.

administrativo que vem executando com uma precisão e tenacidade dignos de maior admiração”.²²⁹

Durante a semana das comemorações, um artigo em *A Federação* destacou, através da repercussão da Exposição em todo o País, o surgimento de uma mentalidade nova no Estado, argumentando que

em tudo sente-se a influência de uma mentalidade nova, sintonizando profundamente com as vibrações do espírito moderno (...) o desfile monumental de nossas forças produtivas, as nossas indústrias as nossas artes, o surto maravilhoso da nossa pecuária, a nossa agricultura e o nosso comércio – constitui da mesma forma, uma surpreendente revelação do nosso poder natural, colocando-nos definitivamente, com outros grandes estados da federação, no plano superior da civilização e de progresso a que tínhamos direito.²³⁰

Em fins de setembro, *A Federação* publica um editorial intitulado “O homem novo”, personificado por Flores da Cunha, o proponente da referida mentalidade nova.²³¹ O jornal utilizou-se ora da mentalidade moderna, ora das tradições dos farrapos, através de alusões e comparações ao passado farroupilha, na tentativa de criar um vínculo com o presente. O trecho de outro editorial expressa as ideias de rememoração às glórias farroupilhas, de comparação com o presente, através da valorização da figura de Flores da Cunha.

[...] 1935 – Cem anos depois as mesmas clarinadas reboam pelos espaços infindos, enchendo de alegria aquelas mesmas coxilhas, que sustentaram em seus dorsos magníficos os embates renhidos dos empreendedores da jornada empolgante. Na ondulação maravilhosa dos campos do Rio Grande reerguem-se os gigantes do passado, contemplando o presente e perscrutando o futuro da terra por cuja liberdade se bateram.

²²⁹ O estadista que o Brasil não pode desconhecer. **A Federação**. Porto Alegre, 23/set/1935, p.1.

²³⁰ O Rio Grande revelado. **A Federação**. Porto Alegre, 28/set/1935, p.1.

²³¹ O homem novo. **A Federação**. Porto Alegre, 28/set/1935, p.1.

E, ao som daquelas clarinadas que não cessam nunca, e que continuam tangindo [sic] a alma do gaúcho, o Rio Grande revive em Flores da Cunha todo o idealismo magnífico, toda a pujança, toda a bravura, toda a munificência de Bento Gonçalves.²³²

Tal vinculação de Bento Gonçalves com Flores da Cunha sugere um significado. Bento Gonçalves é lembrado, principalmente pelos republicanos, pelos grandes feitos heróicos: a contestação política frente ao Império. As reportagens são enfáticas quanto a esse aspecto. Nesse momento, cultivar os *Vultos da Epopéia Farroupilha*²³³ remete não só a construção de um passado glorioso para o Rio Grande do Sul, mas significa relacioná-lo ao contexto político do ano de 1935, onde divergem Getúlio Vargas e Flores da Cunha.

Outras matérias explicitam a valorização de Flores da Cunha nesse período, destacando-se, entre elas, a notícia sobre as homenagens prestadas em Belém Novo a Flores da Cunha e ao Centenário Farroupilha. Em 16 de setembro, foram inaugurados um monumento e uma placa comemorativa, onde se lê, no jornal: “Na placa nota-se as esfinges do General Bento Gonçalves e de Flores da Cunha, os heróis de 1835 e 1935”. O jornal confere, ainda, a Flores da Cunha a denominação de “legítimo representante da estirpe farroupilha”.²³⁴

O *Correio do Povo* também publicou duas notícias sobre esse evento em Belém Novo, que integrava a programação da Exposição do Centenário Farroupilha, destacando as homenagens ao governador. Constituindo-se no *corpus* da pesquisa como as duas únicas matérias deste jornal que têm como temática principal o governador Flores da Cunha, elas foram classificadas com

²³² Farrapos! **A Federação**. Porto Alegre, 20/set/1935, p.1.

²³³ ROSA, Othelo Rodrigues. **Vultos da Epopéia Farroupilha**. Porto Alegre: Globo, 1935. Nessa perspectiva, historiadores passaram a enaltecer o passado grandioso do povo gaúcho, através da história da Revolução Farroupilha: SOUZA DOCCA, Emílio Fernandes de. **O sentido brasileiro da revolução farroupilha**. Porto Alegre: Globo, 1935. VARELLA, Alfredo. **História da grande revolução**. Porto Alegre: Globo, 1933.

²³⁴ Homenagens em Belém Novo. **A Federação**. Porto Alegre, 16/set/1935, p. 3.

conotação favorável ao líder político do PRL. Com bem menor intensidade que em *A Federação*, as matérias do *Correio* trataram de descrever o tratamento recebido por Flores da Cunha dos presentes no momento, afirmando que o governador pronunciou um discurso “várias vezes entrecortado por aplausos”.²³⁵

Como já citado no segundo capítulo deste trabalho, no momento da realização da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha em Porto Alegre, as divergências políticas e ideológicas entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha estavam aflorando. Esse período caracterizou-se como a oposição entre o federalismo (ou oligarquias regionais) e a centralização política (poder federal). O evento do Centenário Farroupilha reacendeu o federalismo, vinculando valores do passado farroupilha à figura de Flores da Cunha, que se opunha a centralização da política nacional imposta por Getúlio Vargas.²³⁶

Destaca-se, também, que, entre as 14 matérias encontradas em *A Federação*, 8 são editoriais, na capa, com frequente uso de imagens de Flores da Cunha, em contraposição ao *Correio do Povo* que não publicou, nesse período, nada em relação a Flores da Cunha em sua primeira página. Entretanto, convém lembrar o, já citado no primeiro capítulo, modo de organização e distribuição dos assuntos deste jornal que trazia em sua capa os assuntos de cunho político de interesse internacional e nacional. Dentro dessa lógica, a Exposição Farroupilha, evento de caráter regional, aparece ora na página 3, nos editoriais e artigos, ora nas páginas destinadas ao noticiário, que trazia notícias sobre os principais eventos sociais da cidade.

Pretendeu-se ao longo dessa seção demonstrar que *A Federação*, como órgão oficial do PRL, utilizou o momento histórico da Exposição do Centenário Farroupilha para enaltecer sua maior liderança no estado, o governador Flores da Cunha. Da mesma forma, o tratamento a Flores da Cunha pelos jornais durante a

²³⁵ “Uma homenagem aos heróis e ao governador do estado. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17 de setembro de 1935, p.17.

²³⁶ CAMPOS, Derocina Alves. *Op. cit.*, p.45.

Exposição Farroupilha demonstra a diferença entre *A Federação e Correio do Povo*. O caráter político-partidário do primeiro foi determinante, visto que 13 matérias (entre artigos, editoriais e notícias) tinham como assunto principal, Flores da Cunha na Exposição Farroupilha, enquanto que o *Correio do Povo* publicou apenas duas notícias sobre o governador.

Procurou-se, neste capítulo, contrastar com o que foi publicado nos jornais *A Federação e Correio do Povo*, buscando o que foi mais exposto e divulgado sobre a Exposição no mês de setembro. Através da Análise de Conteúdo, pretendeu-se apresentar os principais temas da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, segundo a ótica de cada jornal. Intentou-se apontar as especificidades dos jornais e, por consequência, daquilo que foi publicado em setembro de 1935.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste estudo era descobrir o que foi publicado em *A Federação e Correio do Povo*, no mês de setembro de 1935, sobre a Exposição realizada em Porto Alegre em virtude das comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha. A partir de pesquisas sobre a Exposição²³⁷, concebeu-se esse evento como uma grande realização do governo estadual em conjunto com a intendência municipal e com as associações de classes patronais, que tinham como motivações construir uma grande demonstração do desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Sul. A partir de homenagens aos farrapos, a organização do evento utilizou-se de inúmeras formas de afirmar aos visitantes a capacidade das forças econômicas e produtoras do Estado naquele período, bem como a exaltação da liderança política de Flores da Cunha como um símbolo da pujança local.

A organização e as motivações do evento ficam bem evidentes no Relatório entregue por Alberto Bins, presidente do Comissariado responsável pela realização da Exposição a Flores da Cunha. Tem-se neste Relatório o discurso oficial dos organizadores sobre a Exposição. Entretanto, intentou-se buscar o que foi publicado nos dois jornais elencados.

Para desenvolver este estudo foi necessário, primeiramente, fundamentar a utilização dos jornais como fonte de pesquisa para a História. Assim, dissertou-se sobre as relações entre Imprensa e História à luz de diferentes tendências historiográficas, procurando mostrar, através de breves incursões por diferentes paradigmas históricos, a mudança de *status* da imprensa como fonte histórica aos historiadores. De *suspeita*, para os historiadores do século XIX, que associavam um ideal de verdade aos documentos oficiais, à *testemunha*, para aqueles

²³⁷ Ver estudos citados na Introdução. MACHADO, *op. cit.*, 1990; ELÍBIO JÚNIOR, *op. cit.*, 2006; SILVA, *op. cit.*, 2008; POSSAMAI, *op. cit.*, 2005;

pesquisadores influenciados pela geração dos *Annales*, muito mais interessada pela diversidade social, econômica e cultural do ser humano, a imprensa aparece como uma grande possibilidade para os historiadores da atualidade.

Analisando-se o contexto em que se deu a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, emergem diferentes significados para o evento, entendidos aqui sob a ótica de alguns autores e historiadores. Através de um panorama de diferentes obras da década de 30, nota-se a tendência à exaltação da *brasilidade* e à defesa do ideal de *federalismo* da Revolução. Nesse sentido, comemorar o centenário da Revolução Farroupilha significava afirmar o desenvolvimento econômico e político do Rio Grande do Sul como um estado brasileiro, um ente federativo do Brasil. A esses ideais, evidentes na Exposição Farroupilha, contrastava o curso centralizador que Getúlio Vargas iniciava a impor ao Brasil.

A realização da grande Exposição do Centenário Farroupilha ocorreu nesse período de distensão pessoal e política entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha, que tinha como pano de fundo a emergência de duas tendências antagônicas: o federalismo e o centralismo. É interessante observar que no que foi publicado sobre a Exposição do Centenário Farroupilha nos dois jornais não há referências consideráveis para esses conflitos.

Tentou-se demonstrar a relevância da Exposição do Centenário, a partir das pesquisas existentes sobre o tema e das fontes oficiais, como o Relatório do major Alberto Bins. A estas referências procurou-se contrastar com o que foi publicado nos jornais *A Federação* e *Correio do Povo*, buscando o que foi mais exposto e divulgado sobre a Exposição no mês de setembro.

A maioria do que foi publicado sobre a *infraestrutura* do evento encontra-se nos dias que antecederam o vinte de setembro, dia da inauguração da Exposição. Foi constatado que o *Correio do Povo* publicou, em seus editoriais, críticas ao sistema de transportes oferecido na cidade, bem como à elevação dos preços dos alimentos em decorrência da chegada de visitantes para a Exposição. A taxaço e

os altos impostos aos produtores rurais foi assunto de outro editorial que pormenorizava a pujança econômica mostrada na Exposição Farroupilha.

Em relação à *infra-estrutura do evento*, *A Federação* publicou apenas notas e notícias com conotação favorável, elogiando a iluminação utilizada no certame, a atuação do Comissariado na organização e realização do evento, bem como a remodelação urbana empreendida na cidade, em especial no Parque Farroupilha. Esta posição de valorização e enaltecimento do evento de *A Federação*, mostrou-se recorrente nas outras categorias temáticas analisadas. Justifica-se pelo caráter oficioso do jornal, órgão oficial do Partido Republicano Liberal, o partido criado e presidido por Flores da Cunha.

Sobre à *participação das Associações de Classes Patronais*, em especial a FARSUL e ao CINFA, verificou-se que a maioria do que foi publicado nos jornais apresenta uma conotação favorável, reafirmando o papel das classes produtoras no desenvolvimento do Rio Grande do Sul mostrado na Exposição. *A Federação* e *Correio do Povo* seguiriam pelo mesmo caminho de ênfase na importância das atividades agrárias, industriais e comerciais senão fossem os artigos de Renato Costa publicado no *Correio* expondo os problemas e dificuldades do setor agrário no Rio Grande do Sul e o editorial publicado em vinte de setembro, do mesmo jornal, que denunciava a crise na pecuária decorrente da queda das exportações.

A respeito da *visita de Getúlio Vargas* percebe-se similaridades entre os jornais. Através de editoriais, os dois jornais enfatizaram a presença do presidente como um ponto positivo da Exposição. Recorrendo a freqüentes elogios e alusões aos farrapos, Getúlio Vargas foi visto pelos dois jornais como um descendente dos ancestrais heróicos da Revolução Farroupilha. Destarte, o tom da maioria das matérias opinativas (editoriais e artigos), nos dois jornais, foi de valorização da figura do presidente Getúlio Vargas. À exceção, novamente, de um artigo publicado no *Correio*, assinado por Renato Costa, chamando à atenção do presidente para ações que superassem a crise econômica da qual passava o Rio Grande do Sul.

Em relação aos estandes, seções e pavilhões, verificou-se que em *A Federação* a maioria delas possui um tom de valorização, apontando para a modernidade e grandiosidade das construções da Exposição. Ao passo que no *Correio do Povo*, há uma maior frequência de notícias e notas com viés fundamentalmente informativo. O que demonstra em *A Federação* o maior compromisso em divulgar a suntuosidade das construções da Exposição do Centenário, característica já evidenciada devido à natureza político-partidária do jornal.

Finalmente, em relação à forma como Flores da Cunha foi representado durante a Exposição Farroupilha, percebe-se com muito mais nitidez a diferença entre os dois jornais. O caráter político-partidário de *A Federação* foi categórico. Foram 13 matérias (entre artigos, editoriais e notícias) neste jornal que tinham como assunto principal, Flores da Cunha na Exposição Farroupilha, enquanto que o *Correio do Povo* publicou apenas duas notícias sobre o governador.

A partir da análise do que foi publicado no *Correio do Povo* e *A Federação*, pretendeu-se apresentar os principais temas da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, segundo a ótica de cada jornal. Intentou-se apontar as especificidades dos jornais e, por consequência, daquilo que foi publicado em setembro de 1935. A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha constituiu-se em um evento, até então sem precedentes devido a imponência de suas construções e de sua potencialidade em atrair a atenção das pessoas.

Os organizadores do evento tinham como principal objetivo cultuar e homenagear a memória dos heróis e dos ideais da revolução de 1835. Entretanto, além destes motivos aparentes apresentavam-se as motivações do governo estadual e das associações de classe patronais em realizar uma grande mostra do potencial do Rio Grande do Sul. Se por um lado, o governo estadual procurava se afirmar enquanto poder constituído, através principalmente da liderança política de Flores da Cunha, por outro, FARSUL e CINFA procuravam demonstrar o

desenvolvimento econômico e o progresso alcançado pelas forças produtoras do estado.

Nos jornais em questão, pode-se afirmar que o respaldo às motivações do governo estadual e das associações de classes foi contemplado com intensidade diferente. A *Federação*, através de diversos expedientes, principalmente através dos editoriais, afirmava-se enquanto porta-voz dos promotores do evento valorizando a infra-estrutura, a participação das associações de classe patronais e dos líderes políticos, bem como publicando muitos elogios às construções da Exposição. Por outro lado, a postura do *Correio do Povo* frente à Exposição foi ambígua. Se na maioria do que foi publicado no jornal sobre o evento apresentou uma conotação positiva, o jornal não deixou de publicar severas críticas à situação de crise econômica pela qual passava o Rio Grande do Sul, bem como apontou os diversos problemas de infra-estrutura que a cidade dispunha para receber os visitantes da Exposição. Convém lembrar que o jornal apresentava-se como um veículo sem vínculo ou compromisso com partidos ou idéias políticas. Por fim, percebe-se a presença nas páginas dos dois jornais do discurso dos organizadores e promotores do evento, apresentando a Exposição do Centenário Farroupilha como uma oportunidade de demonstrar o desenvolvimento e a pujança econômica do Rio Grande do Sul naquele período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

ABREU, Alzira Alves. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BAKOS, Margaret Marchiori. **Porto Alegre e seus eternos intendent**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Ed. da UnB, 1982

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BLANCO, A. 1935: uma tentativa revolucionária. In: MARANHÃO, Ricardo; MENDES JR., Antonio. **A Revolução de 30**. São Paulo: Hucitec, 1989.

BORGES, Vavy Pacheco. **Getúlio Vargas e a oligarquia paulista: História de uma esperança e de muitos desenganos através dos jornais da oligarquia, 1926-1932**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Fund. Ed. UNESP, 1997.

CALDAS, Breno; MACHADO, José Antonio Pinheiro. **Meio século de Correio do Povo: glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: L&PM, [s.d.]

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: **Simpósio Nacional de Professores Universitários de História**. São Paulo: FFCH – USP, 1971.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**. São Paulo: DIFEL, 1962.

CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937)**. São Paulo: DIFEL, 1974.

CASTRO, Maria Helena de. O RS no pós-30: de protagonista a coadjuvante. In: **Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 30**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995

CONTIER, Arnaldo. **Imprensa e ideologia em São Paulo, 1822-1842: matizes do vocabulário político e social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo: DIFEL, 1966.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Correio do Povo: história e memórias**. Passo Fundo: EDIUPF, 1997.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Quatro publicações marcantes do jornalismo rio-grandense**. Nova Petrópolis: Amstad, [1966?].

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Correio do Povo – 100 anos**. Porto Alegre: Círculo de pesquisas literárias/ Nova Dimensão, 1995.

FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

FONSECA, Pedro C. Dutra. **Vargas: capitalismo em construção (1906-1954)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Um engenheiro francês no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

_____. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

_____. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.

GROS, Denise. Associações de classe patronais e ação política. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (coords) **República: da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos. Vol. IV, 2007. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul)

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERNANDEZ, Leila M. G. L. **Aliança Nacional Libertadora: ideologia e ação**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JUNGMANN, Cristina. Os republicanos liberais e a nova fase de “A Federação”. In: TRINDADE, Hélió. **Revolução de 30: partidos e imprensa partidária no RS (1928-1937)**. Porto Alegre: L&PM, 1980.

KIENTZ, Alberto. **Comunicação de massa: análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KIPPENDORF, Klaus. **Metodologia de análisis de contenido**. Barcelona: Paidós, 1990.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LEITMAN, Spencer. **Raízes sócio-históricas da guerra dos farrapos**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LOVE, Joseph. A Revolução de 30 e o regionalismo. In: **Simpósio sobre a Revolução de 30**. Porto Alegre: Erus, 1983.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MELO, José Marques de. **A opinião do jornalismo brasileiro**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, (Coleção História 4).

MORAES, José Geraldo Vinci. **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Ed.34, 2002.

MORIN, Violette. **Aplicação de um método de análise de imprensa**. São Paulo: ECA/USP, 1970. (Mimeo.)

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PADOIN, Maria Medianeira. A Revolução Farroupilha. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (coords) **Império**. Passo Fundo: Méritos. Vol. II, 2007. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

PESAVENTO, Sandra J. As condições da economia gaúcha na República Nova. In: **Simpósio sobre a Revolução de 30**. Porto Alegre: Erus, 1983.

PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

PESAVENTO, Sandra J. **RS: economia e poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PESAVENTO, Sandra J. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PICCOLO, Helga. A guerra dos farrapos e a construção nacional. In: **A Revolução Farroupilha: história e interpretação**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 30-60.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REZENDE, Vera. **Planejamento urbano e ideologia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil: introdução metodológica**. 3.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1968.

ROSA, Othelo Rodrigues. **Vultos da Epopéia Farroupilha**. Porto Alegre: Globo, 1935.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SCHWARTZMAN, Simon. A Revolução de 30 e o problema regional. In: **Simpósio sobre a Revolução de 30**. Porto Alegre: Erus, 1983.

SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica do desenvolvimento. In: FAUSTO: Boris (Org.) **O Brasil Republicano**. Tomo III. 4º vol. São Paulo: DIFEL, 1984.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966.

SOLA, Lurdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos G. (org.) **Brasil em perspectiva**. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1968.

SOUZA DOCCA, Emílio Fernandes de. **O sentido brasileiro da revolução farroupilha**. Porto Alegre: Globo, 1935.

STEIN, Stanley. **Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

TRINDADE, Hégio. **Poder legislativo e autoritarismo no RS: 1891-1937**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

VARELLA, Alfredo. **História da grande revolução**. Porto Alegre: Globo, 1933.

VARGAS, Getúlio. **Diário**. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

Teses, dissertações e monografias

ABREU, Luciano Aronne de. **O Rio Grande estadonovista: Interventores e interventorias.** Tese. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2005.

CAMPOS, Derocina Alves. **Flores da Cunha X Getúlio Vargas: da união ao rompimento.** Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 1995.

_____. **A História Política do Brasil (1930-1946) sob a ótica da imprensa gaúcha.** Tese. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

CARAVANTES, Rejane M. B. **A crise política no RS: o papel de Flores da Cunha.** Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 1989.

DUARTE, Luiz Antônio Farias. **Imprensa e poder no Brasil – 1901-1915: estudo da construção do personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS).** Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ELIBIO JUNIOR, Antonio Manoel. **A construção da liderança política de Flores da Cunha: governo, história e política (1930-1937).** Tese. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

FACHEL, José Plínio Guimarães. **As cisões políticas entre os farroupilhas durante a guerra de 1835 a 1845.** Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

FLORES, Moacyr. **República Rio-Grandense: realidade e utopia.** Tese. Porto Alegre: PUCRS, 1992.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De rio-grandense à gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877).** Tese. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Prata (1835-1845).** Tese. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

KARAWEJCZYK, Mônica. **O voto da costela: o sufrágio feminino nas páginas do Correio do Povo (1930-1934)**. Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

MACHADO, Elaine Maria Costa. **Comunicação, negociação e relações de poder: a dialética histórico-estrutural na práxis do sindicato dos professores particulares do Rio Grande do Sul – SINPRO**. Tese. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

MACHADO, Nara Helena Naumann. **A exposição do centenário farroupilha: ideologia e arquitetura**. Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 1990.

NOLL, Maria Isabel. **Partidos e política no RS (1928-1937)**. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 1980.

PADOIN, Maria Medianeira. **O federalismo no espaço fronteiriço platino. A Revolução farroupilha (1835-1845)**. Tese. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

SCHEIDT, Eduardo. **Concepções de República na Região Platina à época da Revolução Farroupilha**. Dissertação. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2000.

SILVA, Camila. **A imprensa comemora a revolução: o centenário farroupilha na narrativa jornalística**. Monografia. Canoas, RS: UNILASALLE, 2008.

Artigos, revistas e periódicos

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. **Estudos Ibero-americanos**. Porto Alegre, v. 28, n. 1, jun. 2002, p. 183-194.

ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos do PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n.13, dez. 1995, p. 19-29.

FLORES, Moacyr. Historiografia da Revolução Farroupilha. 1ª parte. **Veritas**, Porto Alegre, v. 30, nº 119, p. 425-438, set. 1985.

FLORES, Moacyr. Historiografia da Revolução Farroupilha. 2ª parte. **Veritas**, Porto Alegre, v. 31, nº 123, p. 381-392, set. 1986.

ISRAEL, Fernanda. Os intelectuais do IHGRS e os festejos do Centenário Farroupilha: a construção da memória farrapa. **Revista Eletrônica História e-história**. Disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=85#_ftn8> Acessado em 15/07/2008.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, PUCRS, n.37, mar. 1999, p.7-32.

POSSAMAI, Zita. Olhar passageiro: um álbum de fotografias entre memória, esquecimento e imaginário. **História UNISINOS**, São Leopoldo, set.-dez. 2007, p. 330-341.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Dossiê Imprensa, impressos. São Paulo, ANPUH, vol. 28, n. 55, jan-jun., 2008.

SCHEIDT, Eduardo. O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha. **Revista de História (USP)**. São Paulo, n.147, 2002.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração / Comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH, vol.22, n.44, 2002.

Dicionários

RABAÇA, Carlos; GUIMARÃES, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BOBBIO, Norberto (org.) **Dicionário de política**. Brasília: Ed. da UnB, Vol. 1. 11ª ed. 1998.

Outras fontes

Álbum Oficial da Exposição do Centenário Farroupilha. Porto Alegre: Tipografia Mercantil, 1935.

Catálogo Arquitetura Comemorativa da Exposição do Centenário Farroupilha, 1935. Projeto UNIARQ – UFRGS / Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1999.

Regulamento da Exposição do Centenário Farroupilha. Porto Alegre: Typographia do centro, [s.d.]

Relatório da Diretoria do Centro de Indústria Fabril do Rio Grande do Sul relativo ao exercício de Novembro de 1933 a Novembro de 1934. Porto Alegre: Globo, 1936.

Relatório sobre a Exposição Farroupilha apresentado pelo Comissário Geral Major Alberto Bins ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Gal. J. A. Flores da Cunha. Porto Alegre: Globo, 1936.

APÊNDICE A

Amostragem de formulário de codificação

Análise de Conteúdo		FICHA: 008
Cobertura da Imprensa sobre as Comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha		
Formulário de Codificação		
Jornal:	<input type="checkbox"/> <i>A Federação</i>	<input checked="" type="checkbox"/> <i>Correio do Povo</i>
Página: 5	Título da Matéria: <i>Microscópio</i>	
Data: 12.09.1935		
1. Presença de Ilustrações:		
<input checked="" type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim →	<input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Desenho <input type="checkbox"/>
2. Tipo – Gênero:		
<input type="checkbox"/> Discurso/autor:	<input type="checkbox"/> Nota	<input type="checkbox"/> Notícia <input type="checkbox"/> Editorial
<input checked="" type="checkbox"/> Artigo – autor: Raul Pilla	<input type="checkbox"/> Suelto	<input type="checkbox"/> Entrevista
3. Formato:		
<input type="checkbox"/> Seção	<input type="checkbox"/> Capa	<input type="checkbox"/> Política <input type="checkbox"/> Cultura <input type="checkbox"/> Noticiário <input checked="" type="checkbox"/> Editorial <input type="checkbox"/> Outro
<input type="checkbox"/> Encarte	<input type="checkbox"/> Suplemento	<input type="checkbox"/> Outros

Análise de Texto
4. Temática principal:
Artigo de opinião do médico e político Raul Pilla sobre a proibição das “casas de jogo” pelo governo estadual por ocasião das Comemorações do Centenário Farroupilha. Elogia a medida, defendendo o fim das jogatinas para o bem social.
5. Conotação da Mensagem em relação às Comemorações:
<input type="checkbox"/> crítica <input type="checkbox"/> neutra <input checked="" type="checkbox"/> a favor – exaltação
6. Conteúdo da Mensagem:
<input checked="" type="checkbox"/> opinião <input type="checkbox"/> informativo
7. Citações: <i>Noticiou-se que, para evitar ao forasteiro o espetáculo das casas de jogo que pululam no centro da cidade e poderiam dar a impressão de ser a nossa, mais uma cidade do prazer, do que uma cidade de trabalho, deliberou o governo fechar todas as tavolagens, só permitindo o jogo no casino da Exposição. Ora, se tal sucedesse e ao encerrar-se o certame, se impedisse a reabertura dos antros de jogatina, ter-se-ia feito, sem grandes abalos, a cura do formidável mal social. E esta seria, certamente, a mais bella das commemorações do centenário.</i>

APÊNDICE B

Corpus documental – A Federação (AF)

JORNAL	DATA	PÁG.	TÍTULO	TIPO
AF	04.09.1935	2	<i>A Exposição do Centenário Farroupilha</i>	Notícia
AF	05.09.1935	2	<i>A Exposição do Centenário Farroupilha</i>	Notícia
AF	05.09.1935	3	<i>A saudação do Gal. Flores da Cunha</i>	Discurso
AF	09.09.1935	2	<i>Os trabalhos de instalação da Exposição do Centenário Farroupilha prosseguem intensamente</i>	Notícia
AF	12.09.1935	1	<i>Um testemunho imparcial</i>	Editorial
AF	12.09.1935	5	<i>Nas vésperas da inauguração da Exposição do Centenário Farroupilha</i>	Notícia
AF	12.09.1935	7	<i>O transporte de animais para o recinto da Exposição Farroupilha</i>	Nota
AF	13.09.1935	2	<i>As festas oficiais do Centenário da Revolução Farroupilha em Porto Alegre</i>	Nota
AF	14.09.1935	2	<i>A hora farroupilha</i>	Notícia
AF	14.09.1935	3	<i>As Comemorações do Centenário Farroupilha</i>	Notícia
AF	16.09.1935	3	<i>Em Belém Novo realizaram-se ontem magníficas festas em homenagem ao Centenário da Revolução Farroupilha</i>	Notícia
AF	16.09.1935	5	<i>As comemorações do centenário da epopéia máxima da gente gaúcha</i>	Notícia
AF	16.09.1935	9	<i>As demonstrações culturais na Exposição do Centenário da revolução Farroupilha</i>	Notícia
AF	17.09.1935	1	<i>O brilhante discurso do Gal. Flores da Cunha em Belém Novo</i>	Discurso
AF	17.09.1935	3	<i>La personalidad Del Gal. J.A. Flores da Cunha</i>	Artigo
AF	17.09.1935	3	<i>O escultor José Cuce e sua representação no Certame de Porto Alegre</i>	Notícia
AF	18.09.1935	4	<i>As grandes festas do Centenário Farroupilha</i>	Notícia
AF	18.09.1935	5	<i>A grande Exposição do Centenário Farroupilha</i>	Nota
AF	19.09.1935	1	<i>A chegada a esta capital do chefe da nação</i>	Nota
AF	19.09.1935	1	<i>Presidente Getúlio Vargas</i>	Editorial
AF	19.09.1935	1	<i>Farrapos</i>	Editorial
AF	19.09.1935	6	<i>Ave, Rio Grande! Corações, ao alto! Glorificando o heroísmo de nossos maiores</i>	Notícia
AF	19.09.1935	7	<i>As grandes festas do centenário farroupilha</i>	Notícia
AF	21.09.1935	1	<i>A notável oração proferida pelo general</i>	Discurso

			<i>Flores da Cunha no ato inaugural da Exposição do Centenário Farroupilha</i>	
AF	21.09.1935	6	<i>Cem anos depois da revolução dos Farrapos</i>	Notícia
AF	21.09.1935	6	<i>O brilhante discurso do Sr Othelo Rosa</i>	Discurso
AF	21.09.1935	7	<i>As grandes festas do centenário farroupilha</i>	Notícia
AF	23.09.1935	Última	<i>Os preços escorchantes cobrados no cassino da Exposição</i>	Suelto
AF	23.09.1935	1	<i>O estadista que o Brasil não pode desconhecer</i>	Editorial
AF	23.09.1935	1	<i>Banquete oferecido pelo governo do estado ao presidente da república</i>	Nota
AF	23.09.1935	1	<i>A empolgante oração de ontem do Gal. Flores da Cunha</i>	Discurso
AF	23.09.1935	1 e 2	<i>O notável discurso do chefe da nação no banquete</i>	Discurso
AF	23.09.1935	2	<i>O pavilhão de São Paulo</i>	Nota
AF	23.09.1935	5	<i>As grandes festas do Centenário Farroupilha</i>	Notícia
AF	24.09.1935	1	<i>O Rio Grande industrial</i>	Editorial
AF	24.09.1935	1	<i>Um certame de erudição farroupilha</i>	Editorial
AF	24.09.1935	2	<i>Hora vibrante de entusiasmo e de alegria</i>	Suelto
AF	24.09.1935	2	<i>As grandes festas do Centenário Farroupilha</i>	Notícia
AF	24.09.1935	3	<i>Dois capítulos da história da interventoria federal</i>	Nota
AF	25.09.1935	1	<i>Um dia altamente significativo para o ruralismo rio-grandense</i>	Editorial
AF	25.09.1935	3	<i>As grandes festas do Centenário farroupilha</i>	Notícia
AF	25.09.1935	3	<i>Inauguração solene da Casa Rural</i>	Nota
AF	26.09.1935	1	<i>O discurso do Gal. Flores da Cunha na inauguração da seção de pecuária da Exposição Farroupilha</i>	Discurso
AF	26.09.1935	1	<i>Palavras do presidente na inauguração da Casa Rural</i>	Discurso
AF	26.09.1935	3	<i>As grandes festas do centenário farroupilha</i>	Notícia
AF	26.09.1935	7	<i>A indústria pastoril na Exposição</i>	Notícia
AF	27.09.1935	1	<i>A pecuária rio-grandense</i>	Editorial
AF	27.09.1935	3	<i>As grandes festas do Centenário Farroupilha</i>	Notícias
AF	27.09.1935	3	<i>Na seção de indústria pastoril da Exposição: o cavalo crioulo</i>	Suelto
AF	28.09.1935	1	<i>O Rio Grande revelado</i>	Editorial
AF	28.09.1935	3	<i>As grandes festas do Centenário Farroupilha</i>	Notícias
AF	28.09.1935	3	<i>Na seção de indústria pastoril: os ovinos e os suínos</i>	Suelto
AF	30.09.1935	1	<i>A autonomia dos estados</i>	Editorial
AF	30.09.1935	1	<i>O brilhante discurso do general Flores da Cunha, ontem, proferido na Exposição</i>	Discurso

			<i>Farroupilha ao inaugurar-se o pavilhão do Pará</i>	
AF	30.09.1935	1	<i>O discurso inaugural do Pavilhão de Pernambuco, pronunciado pelo Exmo. Sr. Presidente da república</i>	Discurso
AF	30.09.1935	3	<i>O dia de ontem na Exposição Farroupilha transcorreu brilhantemente, sendo a concorrência de visitantes avultadíssima</i>	Notícia
AF	30.09.1935	3	<i>Na seção de indústria pastoril: a raça caracu</i>	Suelto
AF	30.09.1935	6	<i>As obras realizadas em Porto Alegre na fecunda administração do prefeito Alberto Bins</i>	Notícia

Corpus documental – Correio do Povo (CP)

JORNAL	DATA	PÁG.	TÍTULO	TIPO
CP	01.09.1935	17	<i>A viagem do ministro da agricultura</i>	Notícia
CP	03.09.1935	3	<i>As forças econômicas do Rio Grande e o Ministério da Agricultura Nacional: um aspecto dos nossos problemas</i>	Artigo
CP	03.09.1935	3	<i>Transportes Urbanos e interurbanos</i>	Editorial
CP	07.09.1935	12	<i>Os estabelecimentos de ensino e os festejos farroupilhas: uma nota do secretário da educação e saúde pública</i>	Nota
CP	08.09.1935	3	<i>A carestia da vida</i>	Editorial
CP	08.09.1935	3	<i>Mythos, symbolos, legendas</i>	Artigo
CP	10.09.1935	5	<i>A imprensa na revolução dos Farrapos</i>	Artigo
CP	12.09.1935	5	<i>Microscópio</i>	Artigo
CP	14.09.1935	9	<i>O programma das commeroções officiaes</i>	Notícia
CP	15.09.1935	12	<i>As festividades do Centenário Farroupilha</i>	Notícia
CP	15.09.1935	12	<i>Data Centenária</i>	Artigo
CP	15.09.1935	12	<i>A Exposição Cultural no Certamen Farroupilha</i>	Nota
CP	15.09.1935	12	<i>O brilhante aspecto social dos grandes festejos officiaes</i>	Nota
CP	15.09.1935	12	<i>As artes plásticas na Exposição do Centenário Farroupilha</i>	Nota
CP	17.09.1935	3	<i>As Actividades productoras</i>	Editorial
CP	17.09.1935	17	<i>Uma homenagem aos heróes e ao governador do Estado</i>	Notícia
CP	17.09.1935	17	<i>O discurso do governador em B. Novo</i>	Discurso
CP	19.09.1935	14	<i>Os farrapos atiram-nos a tocha!</i>	Artigo
CP	20.09.1935	3	<i>A data máxima</i>	Editorial

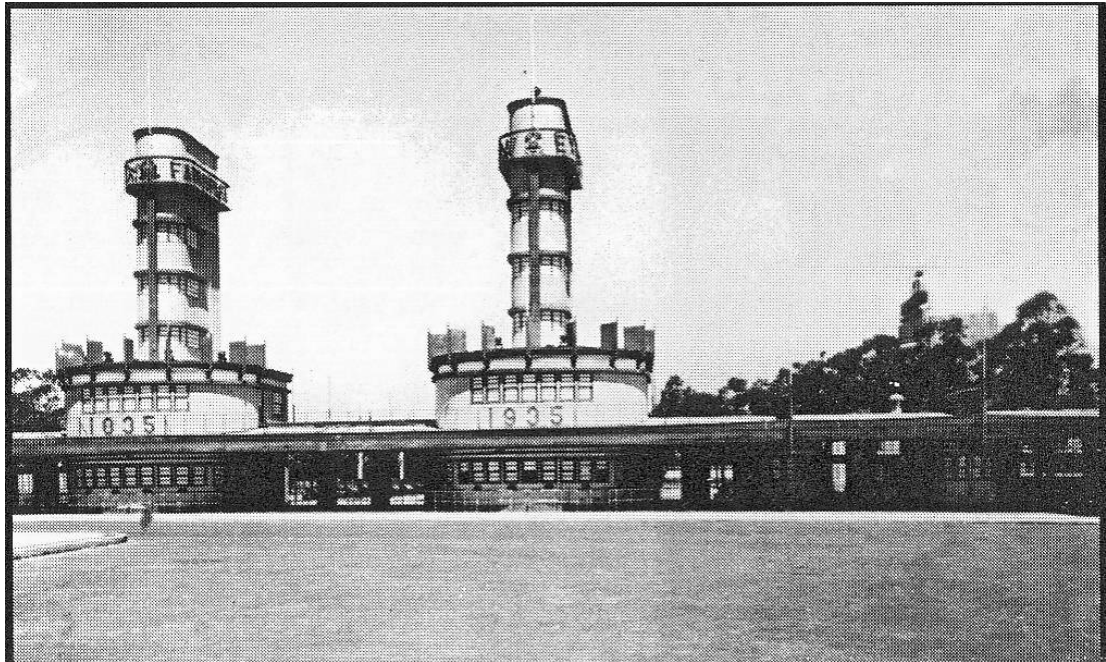
CP	20.09.1935	3	<i>A pecuária e suas possibilidades</i>	Editorial
CP	20.09.1935	13	<i>A Capital do Rio Grande do Sul festeja solenemente o Centenário da Revolução</i>	Notícia
CP	20.09.1935	13	<i>Casino Farroupilha</i>	Nota
CP	20.09.1935	13	<i>A Argentina nas festas do RS</i>	Notícia
CP	20.09.1935	13	<i>A grande parada militar de hoje</i>	Nota
CP	20.09.1935	13	<i>Ouvindo o governador da Bahia</i>	Entrevista
CP	20.09.1935	13	<i>O Rio Grande e a Exposição Farroupilha</i>	Notícia
CP	20.09.1935	15	<i>As primeiras impressões do chefe da Nação brasileira</i>	Notícia
CP	20.09.1935	16	<i>Uma palestra sobre a Revolução Farroupilha</i>	Notícia
CP	21.09.1935	3	<i>O balanço de uma Revolução</i>	Artigo
CP	21.09.1935	21	<i>O discurso do Secretario de Educação e Saúde Publica, na inauguração do Centenário</i>	Discurso
CP	24.09.1935	3	<i>Trabalho e riqueza – a inauguração do Centenário Farroupilha</i>	Editorial
CP	24.09.1935	10	<i>A saudação do governador ao presidente da República</i>	Discurso
CP	24.09.1935	11	<i>O discurso do presidente da república no pavilhão paulista</i>	Discurso
CP	25.09.1935	11	<i>As festas do Centenário farroupilha</i>	Notícia
CP	25.09.1935	11	<i>Seção pecuária</i>	Notícia
CP	25.09.1935	11	<i>O Uruguay nos festejos farroupilhas</i>	Notícia
CP	25.09.1935	13	<i>A colônia israelita e o Centenário Farroupilha</i>	Notícia
CP	26.09.1935	3	<i>A Casa Rural e a sua influência nos destinos econômicos do Rio Grande</i>	Editorial
CP	26.09.1935	10	<i>O discurso do Dr. Dario Brossard</i>	Discurso
CP	26.09.1935	10	<i>O discurso do Dr. Francisco R. Riet</i>	Discurso
CP	26.09.1935	11	<i>O discurso do Dr. Getúlio Vargas na Federação Rural</i>	Discurso
CP	27.09.1935	10	<i>O pavilhão de Pernambuco</i>	Notícia
CP	27.09.1935	10	<i>Exposição Pecuária</i>	Notícia
CP	27.09.1935	11	<i>O pavilhão da Viação Férrea</i>	Notícia
CP	28.09.1935	3	<i>A exposição pecuária no certamen farroupilha</i>	Editorial
CP	29.09.1935	12	<i>O discurso do Presidente da República no Pavilhão de Pernambuco</i>	Discurso
CP	29.09.1935	12	<i>A exposição pecuária</i>	Notícia
CP	29.09.1935	13	<i>Cem anos depois</i>	Artigo

ANEXO A

Fotografias



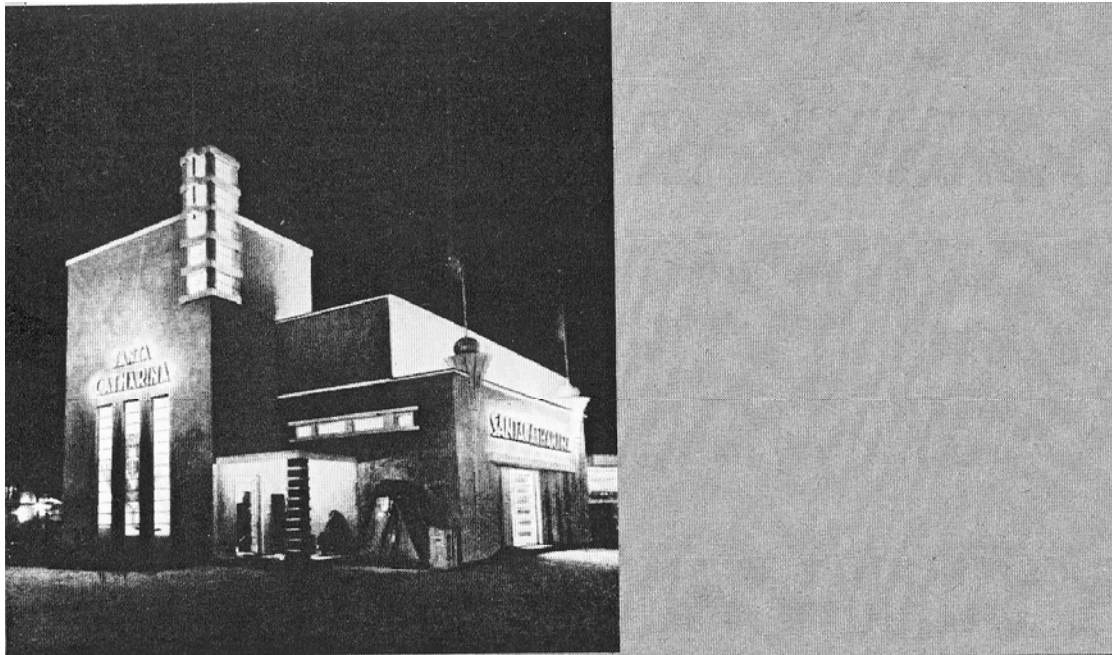
Fotografia 1: Pórtico Monumental Vista Noturna
Foto: Olavo Dutra
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fotografia 2: [Sem legenda e sem autoria]
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS

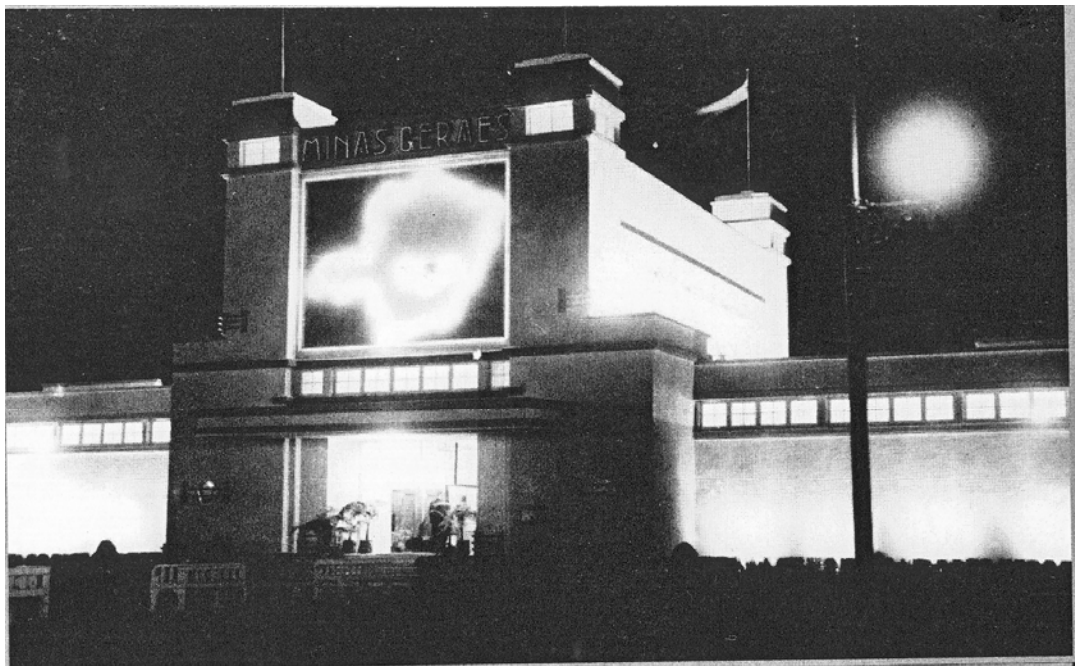


Fotografia 3: Pavilhão Cultural – Escola Normal
Foto: Olavo Dutra
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fotografia 4: Pavilhão do Estado de Santa Catarina Vista Noturna
Foto: [Sem autoria]
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS

Fotografia 5: Pavilhão do Estado de Santa Catarina Vista Diurna
Foto: [Sem autoria]
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fotografia 6: Pavilhão do Estado de Minas Gerais Vista Noturna

Foto: [Sem autoria]

Acervo Faculdade de Arquitetura da UFRGS

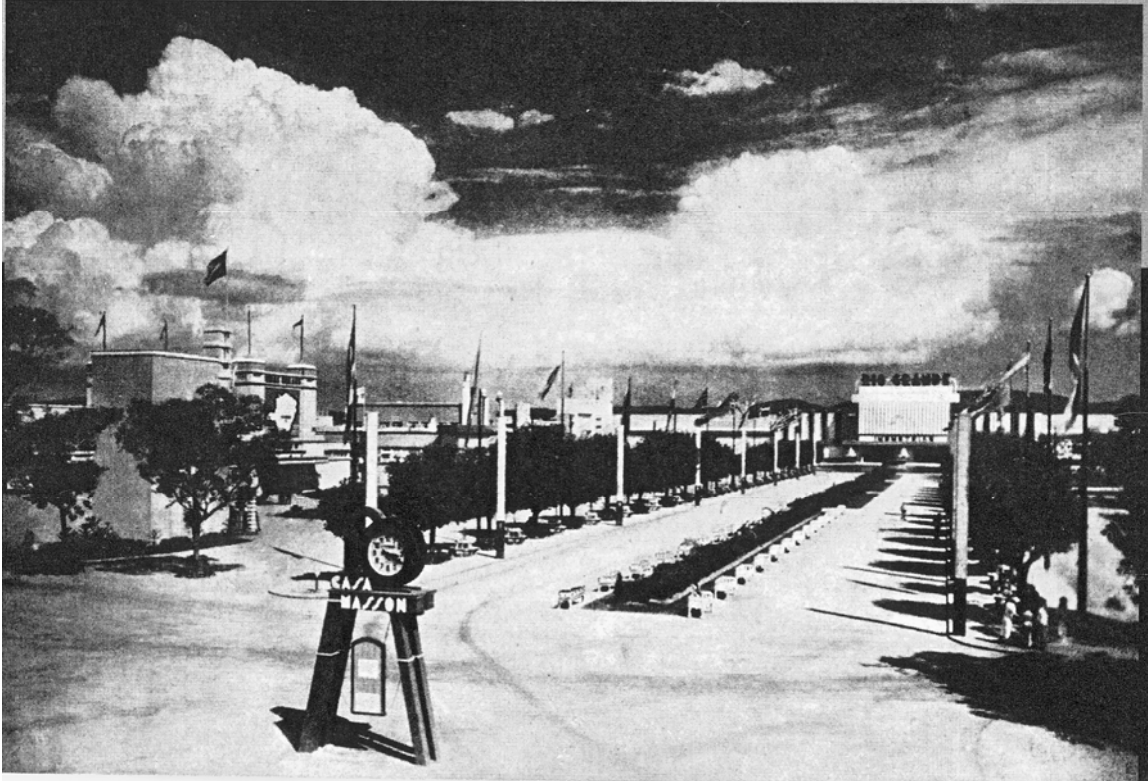
Fotografia 7: Pavilhão do Estado de Minas Gerais Vista Diurna

Foto: [Sem autoria]

Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS

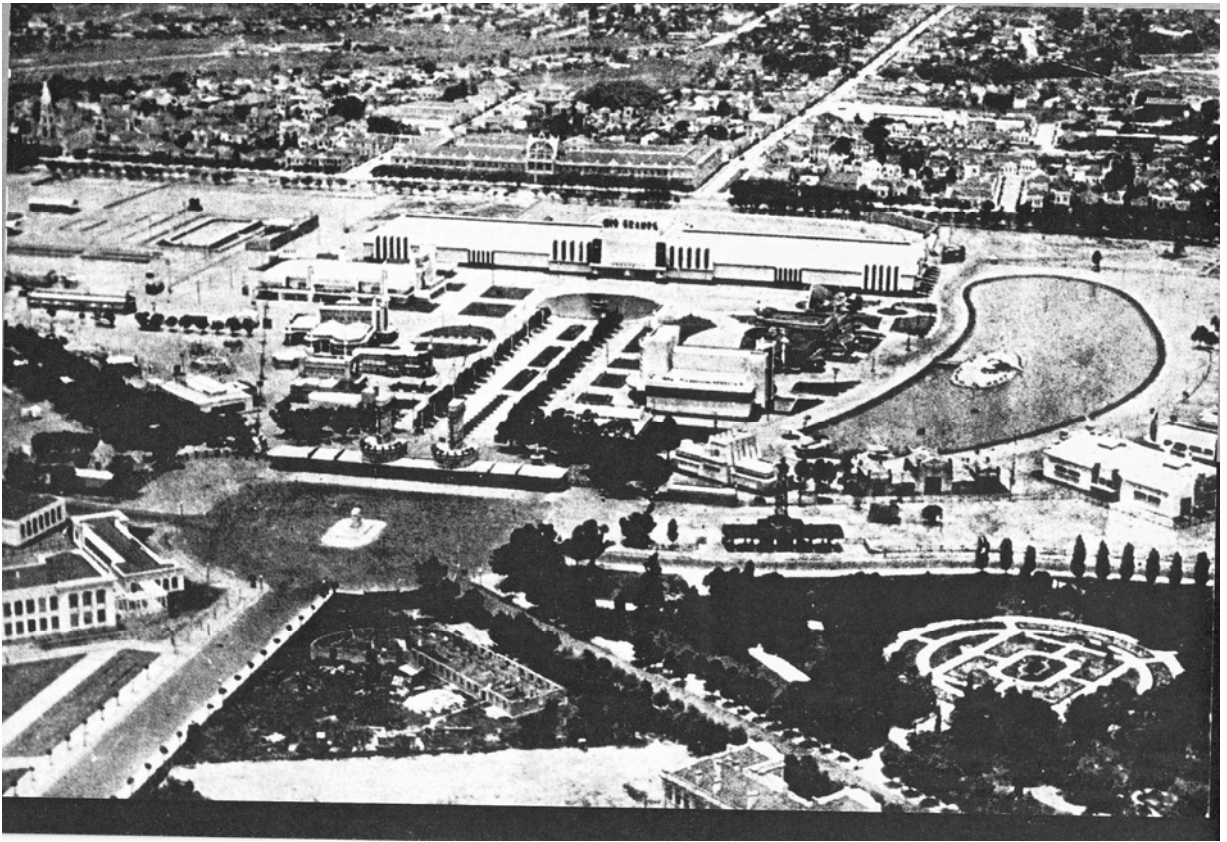


Fotografia 8: Fonte Luminosa Vista Noturna
Foto: Olavo Dutra
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fotografia 9: Vista desde o Pórtico Monumental
Foto: Becker
Acervo Faculdade de Arquitetura da UFRGS

Fotografia 10: Vista do Eixo Monumental desde o Pórtico
Foto: Olavo Dutra
Acervo: Faculdade de Arquitetura UFRGS



Fotografia 11: Vista aérea geral da Exposição 1935
Foto: [Sem autoria]
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fotografia 12: Vista noturna desde o Pavilhão das Indústrias do Rio Grande
Foto: Becker
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fotografia 13: Fonte Luminosa e eixo monumental
Vista geral noturna
Foto: Olavo Dutra
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fotografia 14: Vista diurna desde o Pavilhão das Indústrias do Rio Grande
Foto: Becker
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fotografia 15: [Sem Legenda]
Foto: [Sem autoria]
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fotografia 16: Vista do eixo Monumental
Foto: Olavo Dutra
Acervo: Faculdade de Arquitetura da UFRGS

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)